



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL

VINÍCIUS CARLOS SAMPAIO MOTA

O JORNALISMO ESPORTIVO-LITERÁRIO NA REVISTA *PIAUI*

FORTALEZA – CEARÁ

2011

VINÍCIUS CARLOS SAMPAIO MOTA

O JORNALISMO ESPORTIVO-LITERÁRIO NA REVISTA *PIAUI*

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Ms. José Ronaldo Aguiar Salgado.

FORTALEZA – CEARÁ
2011



VINÍCIUS CARLOS SAMPAIO MOTA

O JORNALISMO ESPORTIVO-LITERÁRIO NA REVISTA *PIAUI*

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Aprovada em: __/__/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. José Ronaldo Aguiar Salgado (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Dra. Gabriela Frota Reinaldo
Universidade Federal do Ceará

FORTALEZA – CEARÁ

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, especialmente à minha mãe, Maria da Conceição Sampaio Mota e à minha irmã, Verbena Sílvia Mota Rivas, pelas presenças constantes em minha vida, em todos os momentos; pela certeza que tenho do apoio incondicional que me prestam e prestarão sempre que eu precisar.

Agradeço à minha namorada, Luciana Nascimento Gildo, não apenas pelo carinho e compreensão, mas pela companhia nos momentos de dúvida e de reflexão inerentes ao processo de construção de qualquer trabalho intelectual, como esta monografia. Sem seu suporte, não teria sido possível atravessar com mansidão os obstáculos que apareceram, talvez nem os tivesse atravessado.

Não posso esquecer as figuras de meus colegas mais próximos no curso: Flávio Vinícius, Bruno Falcão (Tapioco), Geimison Maia e Mariana Lazari. Os momentos que passamos – as vivências de viagens, andanças no Benfica, lanches conversados, almoços dialogados, opiniões aceitas e rejeitadas, sorrisos compartilhados, manias compreendidas etc. – tornam essas colegas mais que presenças inevitáveis nesta seção de agradecimentos, presenças certas no porvir.

Agradeço aos professores que ao longo dos últimos nove semestres ajudaram a formar o jornalista e o homem, representados na pessoa de meu orientador nesta pesquisa, Ronaldo Salgado, cuja capacidade de ensinar dialoga harmonicamente com a de aprender. Obrigado pela suave orientação.

Por último, gostaria de citar a Universidade Federal do Ceará. Antes de entrar na UFC, queria muitas coisas; agora, quero as que valem a pena. Sou grato.

RESUMO

Esta monografia se propõe a estudar as reportagens da revista *Piauí* sobre o tema futebol, publicadas durante o ano de 2010. O estudo concentra a análise sobre o aspecto de construção textual com que a revista, através do uso do jornalismo literário, rompe com padrões estabelecidos no jornalismo esportivo diário que se pratica nos dias de hoje. Ao todo, são dez reportagens estudadas, em que se observa a possibilidade de contextualização do jornalismo literário como via alternativa no sentido de contar boas histórias, diversificar pautas, perenizar e enriquecer o jornalismo esportivo futebolístico.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo. Jornalismo literário. Narratividade. Noticiabilidade.

SUMÁRIO

1. Introdução	07
2. Dos antigos cronistas esportivos ao futebol na revista <i>Piauí</i>	09
2.1. Jornalismo literário: antigos cronistas	13
2.2. Jornalismo esportivo	16
2.3. Narratividade e noticiabilidade	19
2.4. Narrativa jornalística	23
3. Jornalismo esportivo e jornalismo literário: convergência possível	26
3.1. Jornalismo esportivo e jornalismo literário: imbricações históricas	30
3.1.1. <i>Especialistas x “Adventistas”</i>	34
3.2. Jornalismo literário, conceituações	37
3.3. Sete características do jornalismo literário	39
4. O jornalismo esportivo-literário de <i>Piauí</i> conta histórias, rompe com <i>leads</i>, <i>deadlines</i> e valores-notícia e vai além do noticiário	44
4.1. A narratividade, o contínuo e o descontínuo	45
4.1.1. <i>A ficção-jornalística e o Novo Jornalismo</i>	49
4.1.2. <i>Narratividade: outros aspectos</i>	51
4.2. Rompendo com <i>leads</i> , <i>deadlines</i> e valores-notícia para ir além do noticiário	52
5. Considerações finais	62
Referências	64
Anexos	69

1. Introdução

O Brasil é o País do Futebol. Assim nosso país é conhecido mundo afora. Nossos craques são referência no esporte. E a maneira mágica, cheia de drible e poesia com que jogam, caracterizou o futebol brasileiro como exemplo de esporte praticado com arte e competitividade ao mesmo tempo. Quando nossa Seleção não joga bem, a imprensa esportiva estrangeira costuma dizer que faltou “samba”, “jogo bonito”.

A crônica esportiva brasileira sobre futebol se fundamenta, especialmente na primeira metade do século XX, fazendo a observação técnica do jogo com uma escrita literária e tomada de emoção. É jornalismo com “samba”, por assim dizer. Nomes como Nelson Rodrigues, Mario Filho e Armando Nogueira, entre outros, estabelecem um padrão que se perdeu em meio à profissionalização e especialização dos tempos atuais.

Mas há exemplos de proposta jornalística em tons literários. A revista *Piauí*, caminhando para completar cinco anos de existência, é um deles. E dentro do jornalismo geral que pratica, chamam a nossa atenção as reportagens sobre futebol, que, de certo modo, a nosso ver, retomam os elos perdidos no tempo com a crônica de Nelson, Mario e Armando. Fazem reviver o modo como os antigos cronistas enxergavam o jogo.

A proposta principal desta pesquisa é descobrir como, em *Piauí*, o jornalismo esportivo se desvincula das amarras da pirâmide invertida, do pouco tempo de apuração e dos critérios de noticiabilidade para contar boas histórias com a temática do futebol. Interessa, sobretudo, a construção textual das reportagens. Dessa forma, que ano melhor para estudar as matérias sobre futebol de *Piauí* do que ano de Copa do Mundo? Assim foi: 2010.

No primeiro capítulo, fazemos uma viagem panorâmica sobre os principais tópicos do trabalho: jornalismo esportivo, jornalismo literário, narratividade e noticiabilidade; abordamos mais especificamente as raízes históricas da crônica futebolística brasileira, ressaltando seu caráter inovador e definidor de tendências; e adentramos a estrutura e a ideologia que norteia a realização da revista *Piauí* – principais características, critérios de composição da equipe, ideais etc.

São dez as reportagens ou conjuntos de textos sobre futebol publicadas em 2010 e analisadas neste trabalho (ver anexos). Entre os textos, grandes reportagens, perfis, artigos e ficção. Entre os temas, velhos campeões, futebol em relação com a filosofia, a arquitetura e a fotografia, Copa do Mundo etc. Tudo contextualizado e narrativizado.

O segundo capítulo; apoiado em autores como Beting (2005), Carvalho (2005), Coelho (2009), Castro (2002, 2005) e Pena (2008); mostra a cara do jornalismo esportivo atual, com os vícios e as virtudes, e o quanto ele se distancia do formato literário que o caracteriza nos primeiros tempos. Vemos também as principais facetas do jornalismo literário e as maneiras convergentes com as quais este gênero do jornalismo pode emprestar ao jornalismo futebolístico um reencontro com o passado. A partir do segundo capítulo, a parte conceitual da pesquisa é permeada por exemplos extraídos dos textos estudados.

No terceiro capítulo, o jornalismo esportivo-literário de *Piauí* é percebido mais intimamente em seus vieses narrativos. Interessa; a partir do suporte fornecido por Benjamin (1994), Bird e Dardenne (1999), Motta (2004) e Todorov (1970, 1986); o modo pelo qual o jornalismo literário consegue contar histórias, contextualizar situações e personagens, e obter o efeito de perenidade.

Também no terceiro capítulo; graças à fundamentação de autores como Wolf (2003), Galtung e Ruge (1999); visualizamos como, em *Piauí*, dadas as pautas incomuns da revista, os critérios de noticiabilidade são postos em xeque. Assim como também são rompidas limitações relativas ao modelo da pirâmide invertida e dos *deadlines*.

Em resumo, a pesquisa tenta mostrar os meios pelos quais *Piauí* se propõe a ir além do noticiário. A vencer a superfície e perscrutar a profundidade dos fatos do dia a dia; a explorar questões que sequer são percebidas por outros veículos como notícias; a contar histórias a partir de ações mezinhas; a misturar o futebol aos temas gerais, sobretudo no Brasil, onde o esporte é um reconhecido signo cultural.

Futebol, jornalismo, literatura, vida. Tudo junto e misturado em *Piauí*.

2. Dos antigos cronistas esportivos ao futebol na revista *Piauí*

A revista mensal *Piauí* foi lançada em outubro de 2006. Desde o início, a publicação encontrou grande repercussão junto ao público leitor devido principalmente a uma proposta diferenciada dentro do panorama editorial brasileiro: jornalismo literário, pautas fora do convencional e tratamento narrativo-ficcional para as reportagens. O idealizador e editor, o documentarista João Moreira Salles¹, resume o que o levou a criar *Piauí*:

Um grupo de amigos chegou à conclusão que seria bacana entrar numa banca e encontrar uma revista como a *Piauí*. Não passou disso. A decisão não foi tomada a partir de um plano de negócios ou porque alguém identificou um nicho editorial ainda não explorado. (KINSKY, F.; MARINHO, V., 2009).

Embora afirme que não houve uma orientação de preenchimento de mercado editorial de um nicho ainda inexplorado no Brasil, o fato é que *Piauí* tornou-se rapidamente referência para aqueles que gostam de jornalismo literário e apreciam formas diferenciadas de conhecimento da realidade factual.

Diferentes maneiras de informar o mesmo leitor propiciam a análise de diversos recursos que valorizam a imagem a ser retratada e que fogem das fórmulas convencionais propostas pela industrialização da notícia. (CONTIN, 2009, p. 1).

Entre suas especificidades, chama a atenção em *Piauí* a escolha de pautas inusitadas e bem distantes das encontradas no *hard news*, no jornalismo diário em sua busca frenética por notícias exclusivas:

O furo jornalístico e a corrida pela informação cada vez mais rápida fizeram do jornalismo algo quente demais tirando o foco no suprimento de informações

¹ Entrevista concedida por Joao Moreira Salles às repórteres Fernanda Kinsky e Vanessa Marinho para o Blog da Revista Dinners em 2009.

diferenciadas e com angulações amplas para conceder formas e conteúdo vasto para a formação de opiniões sólidas na população (CONTIN, 2009, p. 2).

É bem verdade que o formato revista já guarda em si particularidades que abarcam um manancial diferenciado daquele contemplado por outros *media*. “Com uma periodicidade maior que a de um jornal diário, esse veículo oferece a seus jornalistas um tempo maior para a apuração, investigação e aprimoramento do texto”. (CONTIN, 2009, p. 3). É aí que reside, para João Moreira Salles, o aspecto mais inovador de *Piauí*:

Talvez o aspecto mais inovador da *Piauí* seja o fato da revista dar tempo ao repórter de apurar uma matéria pelo tempo que for preciso. Nossas matérias não são datadas e procuramos dar a ela o espaço que o tema exigir e também ao repórter tempo suficiente para que um determinado assunto seja coberto com a maior eficiência possível. Assim, não temos prazos predeterminados para nada. Além disso, por não termos seções fixas nem temas obrigatórios, o leitor da *Piauí* nunca sabe o que encontrará a cada nova edição da revista. E esse é um dos nossos objetivos: surpreender o nosso leitor. (KINSKY, F.; MARINHO, V., 2009).

Marília Scalzo escreveu sobre essas nuances específicas das revistas: “A revista entra no espaço privado, na intimidade da casa dos leitores.” (SCALZO, 2003, p. 14). Além disso, “por suas próprias características, a revista deve expandir a superfície do factual do dia a dia, já sobejamente contemplado pelos jornais, e partir para um aprofundamento visto por novas angulações e vertentes.” (SCALZO, 2003, p. 15). A jornalista defende a visão de que a revista é o meio ideal para a transmissão de informações mais complexas.

Mas, em *Piauí*, o germe de se fazer algo inovador estava presente em suas fundações, bem como a idéia da construção de textos de fôlego e profundidade: “A idéia inicial era lançar uma revista de grandes reportagens que devolvesse aos leitores o prazer pela leitura”. (PIAUI ESPECIAL, p. 3 *apud* CONTIN; SILVEIRA, 2009, p. 3).

Para o editorialista João Moreira Salles, é estranho o termo jornalismo literário: “Não sei o que significa jornalismo literário. Acho que existem textos bem ou mal escritos, e só”. (KINSKY, F.; MARINHO, V., 2009). A visualização do que seria *Piauí* passava mais pela possibilidade de uma leitura agradável e menos por conceituações muito complexas de como se fazer uma revista:

Não sei se temos propostas, conceitos e valores. É um pouco mais simples. Queremos fazer uma revista boa de ler, divertida, que dê tempo aos repórteres para apurar e escrever. Dizer mais do que isso vira teoria, e não somos bons disso. (KINSKY, F.; MARINHO, V., 2009).

Ainda sobre o fato de ser classificada como um exemplo de jornalismo literário, o editor de *Piauí* diz:

Não temos uma fórmula predeterminada de como um texto deve ser escrito. Somos percebidos como uma revista que faz jornalismo literário, mas não é essa a nossa intenção. A *Piauí* trata de assuntos de interesse geral e não se enquadra em nenhum perfil já definido por outras publicações brasileiras. Queremos fazer matérias que sejam interessantes, e é imperativo que tragam informação objetiva, sejam elas de que natureza forem. Não queremos nos prender a padrões estéticos de texto ou de aspecto visual. (KINSKY, F.; MARINHO, V., 2009).

Outro ponto que chama a atenção em *Piauí* é a escolha das pautas. No curso deste trabalho, veremos que a imprensa, de uma forma geral, costuma basear-se em certos parâmetros de noticiabilidade para eleger seu repertório noticioso. A partir disso, podemos classificar muitas das pautas de *Piauí* como inusitadas. João Moreira Salles explica como se definem as pautas da revista:

Anarquicamente. Cabe tudo, de arqueologia a odontologia. Nenhuma obrigação, nenhuma pauta imprescindível. O que importa é que a história seja bem escrita e que o conjunto seja interessante: temas mais sérios ao lado de histórias em quadrinhos, brincadeiras tolas com matérias apuradas ao longo de meses, textos breves ao lado de textos longos. O segredo está nessa combinação de assuntos e tons. Queremos um equilíbrio entre humor e gravidade, texto e ilustração/quadrinhos, reportagens para quem tem mais de 40 e para quem menos de 30. É uma revista bastante incomum. Não é para ser lida de ponta a ponta, ainda que não seja proibido. Cada um lê a sua *Piauí*. Os temas são tão variados e as abordagens tão diversas, que é muito difícil alguém não encontrar o que não lhe interesse. Acertamos quando alguém começa a ler uma reportagem sobre um assunto que não lhe diz respeito e sobre o qual nunca pensou -- digamos, eletrochoques, ou futebol -- e chega ao final pelo simples prazer da leitura. Por essa razão o processo de edição é tão intenso. O conteúdo interessa, claro, mas a estrutura e a prosa também. Não é apenas o que se conta, mas como se conta. Nem sabemos se a *Piauí* tem uma linha editorial. O que sabemos é que a revista não tem a pretensão de explicar o país. Não precisamos cobrir os “grandes temas nacionais”, podemos ficar no micro. Ao invés de fazer a matéria definitiva sobre violência, preferimos publicar o diário de um policial. Melhor contar a história de uma escola do que convidar alguém para fazer um ensaio sobre a educação no Brasil. E podemos escapar inteiramente de temas chatos, como reforma ministerial e discussão do orçamento. Do jeito que a *Piauí* está imaginada, temos muita liberdade para improvisar. No limite, é quase se, a cada número, tivéssemos uma revista nova. Não existe reunião de pauta, as matérias vão surgindo informalmente, da conversa

entre os repórteres e o diretor de redação. Somos muito poucos, dez passos e se chega a qualquer mesa. Nosso processo não tem nenhuma liturgia, nenhuma formalização. Também não temos editoriais, o que nos desobriga a ter assuntos obrigatórios – política, esporte, economia etc. No início do mês a redação fica relativamente vazia, e à medida que o mês avança, as pessoas vão ocupando as suas mesas para escrever as matérias. (KINSKY, F.; MARINHO, V., 2009).

Em meio a tantas reportagens interessantes e incomuns, no período de quase cinco anos de existência da revista, fazia-se necessária uma circunscrição. Por isso, a delimitação recaiu primeiramente em torno das matérias esportivas da revista. Observando-se que elas ainda conservavam um grande espaço de estudo, decidiu-se restringir o recorte às reportagens sobre futebol, o esporte mais popular no Brasil e em maior parte do mundo, bem como o mais retratado na mídia, o que melhor possibilita uma observação comparativa. Além disso, o futebol se consolidou como um dos mais significativos elementos definidores da cultura e identidade brasileiras, fato muito ajudado pelas narrativas construídas pelos primeiros cronistas esportivos.

O futebol torna-se um fenômeno de grande apelo popular na década de 1930 e, a partir daí, começa a ser amalgamado com a identidade do brasileiro. Pereira (2001) aponta que, desde 1931, o jornalista Mário Filho e outros cronistas do jornal O Globo iam centrando suas atenções sobre o surgimento de uma técnica caracteristicamente brasileira de extrema rapidez e de improvisações fulminantes nos momentos cruciais do jogo. Tal modo de jogar dos brasileiros foi sendo identificado como singular e único no cenário mundial. As narrativas sobre este estilo vão adquirindo uma intensidade crescente a partir de 1938. Nosso futebol dava forma a uma auto-imagem que permitia aos brasileiros se verem como os grandes mestres da bola. Tratava-se, assim, de afirmar, para além desses valores intrínsecos ao jogo, o valor da cultura local frente ao mundo. A produção de narrativas sobre o futebol assumia o discurso do pertencimento, isto é, da “essência” do ser brasileiro. (HELAL, SOARES, SANTORO, 2004, p. 66).

O ano de 2010 foi o escolhido para o corte temporal de análise, devido à possibilidade de atualização da pesquisa e ao fato de ter sido um ano de Copa do Mundo de futebol – a competição mais importante do esporte e pauta usual de muitas reportagens. São dez textos sobre futebol em 2010, compreendendo grandes e pequenas matérias, que compõem o objeto empírico desta pesquisa.

A seguir, os dez textos selecionados desta pesquisa, por ordem de publicação:

1. *Campeões mundiais, uni-vos!* (Edição 43/Abril de 2010);
2. *Craque não precisa jogar* (Edição 43/Abril de 2010);
3. *A Copa do Cabo ao Rio* (Edição 44/Maio de 2010);
4. *Estamos de olho, Dunga* (Edição 45/Junho de 2010);
5. *Não dá jogo* (Edição 46/Julho de 2010);
6. *O locutor insuportável* (Edição 46/Julho de 2010);
7. *A marretadas* (Edição 47/Agosto de 2010);
8. *Uma imagem para ficar* (Edição 49/Octubro de 2010);
9. *A solidão do juiz* (Edição 50/Novembro de 2010);
10. *Sardinha forever* (Edição 51/Dezembro de 2010).

Uma última explicação metodológica: neste trabalho, o motivo pelo qual as reportagens sobre futebol de *Piauí* são postas numa analogia mais direta com o jornalismo esportivo diário, e não com revistas esportivas, por exemplo, ocorre, sobretudo, devido às limitações e dificuldades encontradas pelas revistas esportivas de se solidificarem no mercado editorial brasileiro ao longo das épocas. Tal fato faz com que a apreensão do jornalismo esportivo se dê junto ao grande público massivamente através do jornalismo esportivo diário.

Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade. Nem no Brasil, dito país do futebol, que só teria revista esportiva com vida regular nos anos 70. A Itália, por sua vez, lançava seu primeiro exemplar de revista dedicada exclusivamente aos esportes em 1927. A Argentina também. (COELHO, 2009, p.10).

Sendo *Piauí* uma revista que prima pelo jornalismo literário, e tendo escolhido as pautas sobre jornalismo esportivo da revista, torna-se forçoso buscar as conceituações construídas ao longo dos tempos em torno desses dois gêneros de jornalismo, bem como observar as imbricações dos dois modelos dentro do esboço narrativo encontrado na revista.

2.1. Jornalismo literário: antigos cronistas

Faz-se necessário inicialmente um breve mapeamento do jornalismo literário num contexto mais historicista. Essa contextualização histórica advém do fato de o jornalismo literário ter sido um modelo predominante durante muito tempo no Brasil, abrindo espaço inclusive para os cronistas esportivos, figuras como Néelson Rodrigues, Paulo Mendes Campos e Armando Nogueira, que falavam do esporte nos moldes literários.

No começo da imprensa brasileira, eram os escritores que tomavam conta das páginas dos jornais. O meio encontrado era basicamente através dos folhetins e de suas narrativas em série. Nomes como José de Alencar e Machado de Assis, dentre outros, utilizavam-se dos periódicos da época para se notabilizarem e auferirem lucros, como explica Nelson Werneck Sodré: "Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível". (SODRÉ, 1999, p. 292). Wellington Pereira abrange o campo de explicações para a presença dos literatos nos jornais brasileiros de então:

a) o jornal significa o único meio de profissionalização dos literatos; b) as manifestações artísticas tinham no jornal diário um laboratório para o reconhecimento de sua maturidade estética; c) havia um pequeno número de leitores (...). Estes leitores representavam um novo espaço para o lucro, como também o consumo de bens culturais. (PEREIRA, 2004, p. 66).

A notoriedade, algum dinheiro e a profissionalização vieram em decorrência do sucesso dos folhetins; um sucesso relativo, claro, se considerarmos a pequena quantidade de leitores da época. Porém, o alcance encontrado pelos folhetins sinalizava uma necessidade de consumo do público leitor. Era a notícia se transformando em um bem de consumo, que, posteriormente determinou sensíveis modificações no corpo dos jornais, como esclarece Sodré:

Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação (...). Aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias. (SODRÉ, 1999, p. 296-297).

Seguindo o rastro literário dos folhetins, começam a aparecer os primeiros sinais de um jornalismo literário brasileiro propriamente dito a partir da obra *Os sertões*, resultado do trabalho de Euclides da Cunha para o jornal *Estado de S. Paulo*:

Em *Os sertões*, Euclides trouxe à tona, no início do século XX, o jornalismo literário – gênero tão agradável de ler quanto trabalhoso de produzir. A instituição da linguagem figurada, rica em significados e, por vezes, contaminada emocionalmente pelos sentimentos de seu emissor, é uma constante na obra em questão, apesar do caráter jornalístico do texto. (ROSMANINHO, 2006, p. 68).

Mas um grande marco para o jornalismo literário no Brasil viria com o surgimento da revista *Realidade*. Com ela, o chamado Novo Jornalismo se firmou no país, mirando-se também em exemplos vindos de fora, tais como José Saramago, Tom Wolfe e Gabriel Garcia Marquez.

O papel da *Realidade* era dizer as coisas que não eram ditas, fazer as perguntas que não eram feitas. Os jovens se entusiasmaram e se tornaram o grande público: adolescentes, universitários e jovens adultos (...). A circulação da revista era de meio milhão de exemplares vendidos em bancas. Tivemos três edições esgotadas. Acertamos sem nenhum estudo de mercado. (CIVITA, 2003, p. 54).

Com o jornalismo literário sedimentado no Brasil, coube a vários pesquisadores tentarem uma conceitualização do tema, bem como o estudo das principais classificações e características desse modo de se fazer jornalismo. Nos segundo e terceiro capítulos desta pesquisa, faremos, em face de tais estudos, uma observação da maneira como *Piauí* aplica os preceitos do jornalismo literário nas pautas esportivas das dez matérias escolhidas. Algumas dessas características que iremos analisar estão presentes em trabalhos como os do jornalista e pesquisador Felipe Pena:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir

para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe da feira. (PENA, 2006, p. 13).

É uma constante preocupação dos teóricos do jornalismo traçar as semelhanças e as diferenças entre jornalismo e literatura. Isso se dá principalmente pela necessidade da observação clara das fronteiras entre os dois, algo que nem sempre acontece e propicia dificuldades maiores de avaliação. Esse tipo de analogia pode ser vista em Gustavo de Castro e Alex Galeno:

O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua **literatura**, fazer da memória a fonte da sua escritura, tornar eventos ‘pouco jornalísticos’ significativos do ponto de vista humano, e até mesmo fazer o **jornalismo** virar **literatura**, a exemplo do que fez Gabriel Garcia Márquez. (CASTRO, GALENO, 2002, p. 40). (grifos do autor).

O jornalismo literário promove não apenas a interação entre jornalismo e literatura, mas, como se vê facilmente na revista *Piauí*, oportuniza uma grande variedade de formatos que possibilitem a veiculação da história da melhor maneira possível:

É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso. (CASTRO, GALENO, 2002, p. 7).

2.2. Jornalismo esportivo

Se no início, eram os escritores que faziam o jornalismo, também no campo esportivo isso aconteceu. Os primeiros jornalistas a tratarem de futebol no Brasil foram cronistas que acompanharam o surgimento e o desenvolvimento do esporte que se tornaria o preferido do povo e emprestaria ao Brasil a expressão “País do Futebol”.

O jornalismo esportivo ocupa hoje em dia um grande espaço na mídia, dado o grande interesse do público pelo assunto. No Brasil, principalmente pelo futebol. Sobre isso, explica o pesquisador Sérgio Vilas Boas: “O esporte é talvez o mais democrático dos temas. Atrai pessoas de todas as idades, de todas as camadas sociais, de todos os cantos. Tornou-se um fenômeno lucrativo considerável, negócio de proporções mundiais, motivo para tendências e modismos”. (VILAS BOAS, 2005, p. 9).

Este caráter democrático do futebol pode ter sido um dos elementos facilitadores da imbricação com a literatura brasileira no século XX, através da crônica. Esse gênero literário sempre se caracterizou pela abordagem dos fatos mezinhos do dia a dia, o registro do macro através dos detalhes: “As pequenas coisas que as grandes vistas não percebem”. (LUCENA, 2001, p. 162).

Nomes como Mário Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira implementaram uma crônica esportiva que, ao mesmo tempo em que aproximava o grande público dos recursos estilísticos da literatura, fazia com que o futebol ganhasse as primeiras páginas dos jornais, valorizava um assunto antes tido como menor. Nelson Rodrigues assim se referiu sobre o irmão, Mário Filho:

Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mário Filho. (RODRIGUES, 1987, p. 137-138).

Mário Filho interveio inclusive na formação de um discurso esportivo brasileiro, sem os estrangeirismos utilizados no começo do século XX:

Mario Filho retratou a passagem do futebol amador para o profissional e comandou a corrente que começou a modernizar os termos importados do futebol inglês – *centerforward, goalkeeper, corner* –, moldando uma forma brasileira de enxergar o jogo, um estilo que perdurou por 30 anos. (CARVALHO, 2005, p. 61).

Portanto, percebe-se que as relações entre futebol e jornalismo literário são antigas no Brasil e cumpriram um importante papel na popularização do esporte. Hoje, o esporte, particularmente o futebol, atinge uma grande massa ávida por notícias. Os cadernos de esportes dos jornais estão entre os mais lidos, bem como eventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos alcançam consideráveis índices de audiência televisiva, por exemplo.

O interesse do público consumidor é razão pela qual os profissionais da área têm pela frente o desafio de fugir da obviedade da mera exposição de resultados, recordes ou marcas. “O esporte envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis, polêmicas e necessárias que o jornalista poderia costurar para não se ater somente a questão da disputa. (VILAS BOAS, 2005, p. 8). O jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho afirma que “a única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte. (COELHO, 2009, p. 115).

As relações cada vez maiores entre esporte e as outras áreas da atividade humana, além da fuga das pautas excessivamente direcionadas aos resultados e à disputa esportiva em si serão de fundamental importância no entendimento das matérias arroladas nesta pesquisa, nos capítulos segundo e terceiro. *Piauí*, na sua forma de fazer jornalismo esportivo, não se atém nem se preocupa especificamente com tais questões.

A paixão pelo futebol e as origens mixadas à crônica literária imprimiram à imprensa brasileira um elevado toque de emoção e subjetividade nos relatos esportivos. Em crônicas repletas de emoção, Néelson Rodrigues ajudou a tecer muito do contexto em que se estabeleceu a crônica esportiva brasileira. A partir do futebol, Nelson criou expressões que se tornaram célebres, como a que dizia ter o brasileiro “complexo de vira-latas”:

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica

inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Percebe-se o elevado grau de subjetividade com que Nelson Rodrigues avaliou a derrota para os ingleses. No contexto atual do jornalismo esportivo, os culpados poderiam ser o esquema tático do treinador, a má fase técnica dos jogadores ou mesmo falhas na preparação da equipe para o jogo – tudo isso fundamentado em uma série de argumentos tomados como provas. Para Nelson, nada disso era muito importante.

Aos poucos, porém, o estilo narrativo foi perdendo espaço no jornalismo esportivo, em parte devido à intensa especialização dos profissionais da área. A emoção nos relatos foi sendo substituída por números, estatísticas, resultados – fatos e mais fatos que evocaram a necessidade de maior precisão, preparo e rigor na apuração dos profissionais da área, mas, em contrapartida, tiraram muito do sabor e do tempero do texto esportivo brasileiro. A especialização excessiva pode não ser a solução, segundo Paulo Vinícius Coelho:

O ideal é sempre casar criatividade e conhecimento. Colocar lado a lado jornalistas famosos pelo alto nível de informação específica e outros com rigor jornalístico, técnico, e conhecimento de diversas áreas da profissão. Gente que vê algo e sabe exatamente seu significado. Ou que nunca viu coisa alguma de algum time e, por isso mesmo, é capaz de extrair notícia onde ela aparentemente não existe. Casar as duas coisas não é fácil. Mas é a maneira ideal de conseguir o melhor desempenho possível de quem trabalha com esporte. (COELHO, 2009, p. 54).

A revista *Piauí* conta com muitos colaboradores, jornalistas ou não. Nas matérias desta pesquisa, por exemplo, duas são feitas por não jornalistas – um arquiteto, Fernando Serapião, em *A marretadas* (Edição 47/Agosto de 2010) e um professor de Direito, Jonathan Crowe, em *A solidão do juiz* (Edição 50/Novembro de 2010). Além disso, mesmo os jornalistas de *Piauí* que realizam as matérias esportivas em questão tratam também de outros temas na revista. Com efeito, o esporte e o futebol em *Piauí* são assuntos misturados aos temas gerais, uma vez que a revista não possui editorias específicas. Sobre isso, discorreremos com mais detalhes no segundo capítulo. Antes, porém, é importante frisar que o fato de a

revista não praticar o jornalismo factual, nem seu jornalismo esportivo ser feito por especialistas, propicia verificarmos, no conjunto textual analisado, abordagens e relatos que fogem do comum, tomando-se por base o jornalismo esportivo diário.

2.3. Narratividade e noticiabilidade

Feito o mapeamento histórico necessário em relação ao jornalismo literário e esportivo no Brasil, bem como a observação de como o último é trabalhado em *Piauí*, é de interesse desta pesquisa verificar como a narratividade pode oferecer atração e longevidade a matérias que, dentro da concepção de noticiabilidade das teorias do jornalismo, seriam deixadas de lado nas escolhas editoriais convencionais. Para isso, temos de analisar algumas teorias e conceitos a respeito.

Alguns teóricos do jornalismo já trabalharam em relação aos critérios de noticiabilidade, ou seja, razões pelas quais determinadas notícias entram na ordem do dia e são preferidas no universo informativo à disposição do jornalista em sua rotina profissional. Mauro Wolf, um dos teóricos mais respeitados nos estudos das Teorias da Comunicação, conta que:

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia. (WOLF, 2003, p. 195).

Os motivos que determinam o que deve ou não ser notícia nascem de um processo complexo:

Sendo assim, o produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção. (WOLF, 2003, p. 200).

Dentro da esfera esportiva, mormente no futebol, a noticiabilidade é bastante determinada pela urgência da disputa, do resultado, da competição. Dessa forma, o procedimento de escolha da abordagem não é inteiramente livre, como explica Nélon Traquina:

Essa escolha é orientada pela aparência que a realidade assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e pelas rotinas. (TRAQUINA, 1999, p. 169).

E o jornalismo esportivo, com seu público consumidor fiel, não foge a essa regra; muito pelo contrário. Os fatos noticiáveis são também os mais interessantes ao grande público – aqueles que atingem diretamente um número maior de pessoas –, que apresentem novidades ou aspectos inusitados, que sejam, enfim, factuais. É fácil observar como, por exemplo, qualquer notícia trivial relacionada aos clubes de futebol Flamengo e Corinthians – repetidas vezes apontados pelos levantamentos estatísticos como os de maior torcida no Brasil – são exploradas à exaustão pelos órgãos de imprensa.

Mas, em *Piauí*, chama a atenção justamente o fato de os temas das reportagens esportivas não serem os comumente encontrados na mídia. Como por exemplo, na reportagem *A solidão do juiz* (*Piauí*, novembro de 2010), é feita uma averiguação, digamos, de natureza filosófico-futebolística da atuação do juiz de futebol durante as partidas. Definitivamente, um tema pouco comum na mídia diária. No terceiro capítulo, detalharemos mais as matérias em si e poderemos confirmar outras reportagens com temáticas inusuais.

A priori, poder-se-ia considerar irrelevante, dentro da urgência das coisas dos dias atuais, ler matérias como as de *Piauí*. Reportagens muitas vezes densas e longas, as quais abordam sentimentos, pessoas, e não fatos impactantes, poderiam tranquilamente ser ignoradas e rapidamente esquecidas. Mas um aspecto, motivador desta pesquisa, pode ser a resposta para que os temas de *Piauí* vençam os obstáculos impostos pelos critérios de noticiabilidade, tornem-se efetivamente matérias publicadas e não caíam no esquecimento: a narratividade. *Piauí* conta histórias. As ferramentas narrativas e jornalísticas com que a revista trabalha no sentido de contar histórias, através de uma abordagem mais

contextualizada dos fatos, constituem campo de interesse específico deste estudo e serão avaliadas nos capítulos seguintes.

Para tentar entender o conceito de narratividade, vejamos o que Walter Benjamin escreveu sobre isso, em 1936, bastante influenciado pelo pessimismo entre guerras. Para começar, ele diz:

Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais. (...) São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (...) Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. (BENJAMIN, 1994, p. 197).

Benjamin relata que o processo “que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas”. (BENJAMIN, 1994, p. 200). Para ele, a “morte da narrativa” começa com o romance moderno:

O que separa o romance da narrativa da epopéia no sentido estrito é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa. A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. (BENJAMIN, 1994, p. 201).

O golpe definitivo viria com o advento da massificação da informação. Nos anos 30, Benjamin expressa um discurso que bem podia ser proferido nos tempos atuais: “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”. (BENJAMIN, 1994, p. 202). Esta informação massificada, para ele, contrapõe-se à essência

da narrativa, na qual não se conta tudo: “Quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações”. (BENJAMIN, 1994, p. 202).

O pensamento de Benjamin talvez ajude a entender por que a escolha narrativa das reportagens fora do *hard news* da revista *Piauí*, e como a narratividade tem o poder de emprestar ao texto uma longevidade que a informação fora desta roupagem não tem:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p. 203).

A obra do filósofo Tzvetan Todorov, vinculada à Linguística e à teoria literária, em contrapartida, fornece uma base para uma compreensão estrutural das narrativas. Para Todorov, uma narrativa ideal, por exemplo, seria:

Começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Daí resulta um estado de desequilíbrio; por ação de uma força dirigida em sentido inverso, restabelece-se o equilíbrio; o segundo equilíbrio é muito semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos. (TODOROV, 1986, p. 76).

2.4. Narrativa jornalística

A alternância entre estados de equilíbrio e desequilíbrio provocados nas narrativas será material de análise nesta pesquisa, tendo em vista o potencial de narratividade que pode emprestar também no texto jornalístico. Afinal, diferentemente de Benjamin, há quem enxergue no jornalismo atual possibilidades de narrativas da contemporaneidade. O professor Luiz Gonzaga Motta é um desses:

No jornalismo diário há muitos textos híbridos onde se mesclam narração e descrição. Mesmo as notícias que se ocupam de temas “duros” e são expressas na forma objetiva para enxugar as subjetividades estão impregnadas de fragmentos narrativos. Os jornalistas não conseguem e nem pretendem se despojar de toda subjetividade. Por exemplo: quando um jornal anuncia em linguagem objetiva no duro noticiário de economia que o presidente do Banco Central vai manter ou modificar as taxas de juros, a matéria vem recheada de pequenos depoimentos de empresários ou de assalariados que relatam como a medida afeta seus negócios, suas empresas, suas vidas. O “fato duro” é inserido no drama da vida e as fotos que ilustram tais reportagens mostram quase sempre homens e mulheres, seres humanos afetados pela medida. E assim, suavizam a *hard news* com uma pitada de *soft news*, narrando no meio da descrição, aproximando o leitor da obra e fornecendo-lhes pistas discursivas indutoras da narratividade para que ele, leitor, realize as experimentações éticas e morais. (MOTTA, 2004, p. 12).

De acordo com Motta, se no jornalismo diário – pleno de regras de objetividade, construção textual e rotinas de trabalho que sufocam a demonstração de subjetividade e aprofundamento mais evidentes –, percebemos pitadas narrativas em meio à descrição crua dos fatos, o que não podemos dizer, então, do jornalismo literário de *Piauí*, que tenta estabelecer uma nova relação com os limites do *lead*, dos *deadlines* e do factual. Será de fundamental importância, nesta pesquisa, entender como essa nova relação proporciona, em muitos casos, o rompimento desses limites.

Responder as seis perguntas básicas do *lead* jornalístico – o quê, quem, onde, como, quando e por que – costuma não ser suficiente, mesmo com as possibilidades narrativas sugeridas por Motta, para que a matéria realizada seja uma narrativa de fato e conte uma história. O uso do *lead*, dentro do modelo da pirâmide invertida – comum no jornalismo diário – pressupõe o oposto da proposta literária:

O termo pirâmide invertida se justifica quando se faz a comparação dessa estruturação com a normalmente utilizada na narrativa convencional, inclusive literária. Normalmente, uma narrativa é elaborada em ordem cronológica, com a apresentação de elementos em ordem crescente de importância, até chegar a um clímax ou desfecho com as informações mais importantes. Na pirâmide invertida, a narração se faz exatamente da maneira inversa, com a apresentação primeira dos fatos mais importantes e a narrativa se desenrolando na ordem decrescente de importância. Essa estrutura de texto se caracteriza por começar com um resumo, ou sumário do fato noticioso, o *lead*, ao que se seguem outras informações, com explicações e contexto dos acontecimentos. (CAPRINO, ROSSETTI, 2007, p. 55).

Talvez um dos fatores mais limitadores do jornalismo diário seja a opressão imposta pelo *deadline*, a hora do fechamento em que a reportagem tem de estar pronta. Como

já ressaltado pelo editorialista de *Piauí*, João Moreira Salles, o largo tempo de apuração e de realização das matérias é de suma importância para a feitura de uma revista bem escrita.

No contexto do jornalismo esportivo diário, está cada vez mais difícil vermos boas histórias sendo contadas. A pauta trata quase sempre das consequências do último jogo e da preparação para o jogo seguinte. As análises são marcadas pelos fatos, com pouco ou nenhum espaço para a subjetividade. É em analogia a esse contexto que as matérias de *Piauí* sobre futebol serão vista neste estudo, levando-se muito em conta o fato de *Piauí* ser uma revista de jornalismo literário, que fala de temas gerais, sendo apartada do jornalismo factual e datado, abordando um assunto altamente específico – o futebol – em ano de Copa do Mundo, a maior competição do esporte.

Equilibrando-se entre as necessidades de correção e precisão jornalísticas e as possibilidades linguísticas de arte e subjetividade do texto literário, veremos como a revista *Piauí* pontua a ação narrativa como fornecedora de alma e substância às reportagens, de tal forma que essas, por mais insignificantes que pareçam à primeira ordem, tornem-se histórias das quais o leitor não se desapega, do começo ao fim, nem esquece facilmente, a ponto de tempos depois poder contá-las, com razoável grau de precisão, apenas de memória; sem esquecer o contexto jornalístico abarcador. A partir do próximo capítulo, entraremos no cerne dessas histórias e tentaremos verificar como os elementos abordados neste primeiro capítulo se mostram na prática.

3. Jornalismo esportivo e jornalismo literário: convergência possível

O poeta Carlos Drummond de Andrade sintetizou a dificuldade que permeia o trabalho do jornalista esportivo da seguinte forma: “Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura”. É bem isso. O jornalista de esportes, principalmente o que trabalha diretamente com futebol, particularmente no Brasil, é um profissional que tem de equilibrar-se o tempo todo entre a emoção e a razão, entre os critérios de atuação jornalística e as paixões que movem seu próprio interesse pelo assunto futebol, entre a ética que deve nortear sua atividade e o julgamento não menos apaixonado do público consumidor do jornalismo esportivo de futebol. Um público torcedor, que torce por seu time e tende a distorcer a produção jornalística com muita facilidade.

O dever básico do jornalista é tentar ser imparcial e isento na mais parcial, subjetiva e apaixonada área da imprensa. O cliente do nosso trabalho não é um mero leitor de economia, um telespectador de assuntos políticos, um ouvinte de *rock and roll*. É um “torcedor”. Um sujeito apaixonado, que só quer a razão quando ela veste as mesmas cores do time dele. (BETING, 2005, p.30).

Nos dias atuais, esse público brasileiro consumidor de futebol representa enormes fatias de lucratividade para os veículos de comunicação. Basta ver, como ilustração, as notícias veiculadas no primeiro semestre de 2011 a respeito do impressionante montante de dinheiro envolvido nas negociações entre as emissoras de TV e os clubes da Série A (Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol) pela cessão dos direitos de transmissão do torneio no período de 2012 a 2015.

A diretoria do Corinthians anunciou nesta terça-feira, por meio de nota no site oficial, um acordo com a *Rede Globo* e a *Globosat* pela venda dos direitos de transmissão dos jogos do clube para o Campeonato Brasileiro no quadriênio 2012-2015. De acordo com o comunicado, o presidente Andrés Sanchez conseguiu o “melhor contrato da história do clube”.

Os valores do acordo não foram divulgados por conta da cláusula de confidencialidade entre as partes, mas é maior do que todo o faturamento do

Corinthians em 2007, ano em que foi iniciada a gestão de Andrés Sanchez e no qual o time foi rebaixado para a Série B do Campeonato Brasileiro, arrecadando R\$ 67 milhões (de acordo com o site oficial do clube, sem a somatória dos valores de transferência de atletas). (COM “MELHOR contrato” da história, 2011).

Tanto dinheiro demonstra o grande sucesso que se tornou o futebol no Brasil. O crescimento de demanda, associado às particularidades de um jornalismo contemporâneo cada vez mais ágil e movido pela necessidade de notícias palatáveis e efêmeras, fez com que a qualidade do jornalismo esportivo caísse numa mediocridade atestada pelos próprios profissionais da área. O jornalismo esportivo diário, de modo particular, parece focar-se de modo exagerado na superficialidade da questão da disputa, do resultado final da competição, sem aprofundar-se em outros aspectos mais complexos.

O jornalismo futebolístico adora discorrer sobre os placares consumados e sobre as teses voláteis como um treinador de futebol em clube grande. Já disse Daniel Passarella, zagueiro campeão do mundo pela Argentina, em 1978, e técnico de seleção: “Vocês, jornalistas, são ‘invictos’”. (BETING, 2005, p.14).

É realmente muito fácil e cômodo restringir-se ao resultado consumado, como se diz no meio do futebol, ser “engenheiro de obra pronta”. Pois é assim que boa parte da crônica esportiva atual se comporta. O jornalista esportivo, dessa forma, nunca erra, pois quase sempre se atém ao imediato e ao que já está estabelecido.

Dentre as matérias de *Piauí* sobre futebol, no ano de 2010, apenas em *Sardinha forever* (Edição 51, dezembro de 2010), o repórter construiu parte da reportagem durante um jogo de futebol. No texto, até é citado o placar da partida, mas o foco central é o torcedor Sardinha, figura emblemática nas arquibancadas do estádio do Canindé, da Portuguesa de Desportos, em São Paulo. Em *Não dá jogo* (Edição 46, julho de 2010), fala-se do acompanhamento do minuto-a-minuto dos jogos (descrição resumida dos momentos mais importantes da partida), mostra-se o trabalho do jornalista José Orenstein, na redação online do jornal *O Estado de S.Paulo*, durante a estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2010; mas o jogo em si é apenas pano de fundo para o que importa na matéria: o trabalho de José Orenstein. Nenhuma das dez reportagens desta pesquisa trata de assuntos relacionados aos resultados dos jogos, ou mesmo dão conta de aspectos mais intrinsecamente ligados à disputa ou ao desempenho esportivo. Interessam, sim, os personagens e suas histórias.

Outro fator que chama a atenção é o caráter descritivo que o jornalismo futebolístico ainda emprega na matéria específica sobre o jogo disputado, na chamada crônica do jogo, muito frequente no dia seguinte da partida. Esse caráter descritivo beira ao ridículo na medida em que vivemos numa época em que, quando o jornal chega às mãos do leitor, ele provavelmente já viu os melhores momentos da partida na TV, já sabe de detalhes da disputa e até das repercussões ocasionadas pelo resultado. Antigamente, tal caráter excessivamente descritivo se fazia necessário em função de o repórter ser a “testemunha ocular da história”. Hoje em dia, com toda a multiplicidade midiática à disposição, tais testemunhos tornam-se meramente redundantes.

O jornalista Paulo Vinicius Coelho, integrante de uma nova geração, mas já entre os mais respeitados jornalistas da área de esportes, constata um fato que pode ajudar a entender o porquê dessa superficialidade nos relatos esportivos dos tempos atuais no Brasil:

Não é na editoria de esportes que se concentram os melhores salários das grandes redações, mas é para ela que seguem os focos, novatos que chegam sedentos de trabalho e de crescimento profissional. É assim desde que o jornalismo escreveu sua primeira página. As portas de entrada para novatos são a editoria de esportes e a de cidades. O que é ótimo para quem quer seguir carreira em outras áreas. E péssimo para o desenvolvimento da própria carreira de jornalista esportivo. (COELHO, 2009, p. 27).

Há também a limitação dos temas tratados. Já mencionamos que o resultado no futebol, e suas consequências, exercem um monopólio massivo em relação aos outros assuntos. Em certas situações, a imprensa esportiva passa dias seguidos, até semanas tratando da possível demissão ou não de um treinador. Nomes de possíveis substitutos são cogitados, torcedores são ouvidos em enquetes, sem falar na infinidade de boatos que são veiculados como se fossem notícias checadas e confirmadas, explicitando uma clara fissura ética. Tudo porque, segundo se crê no meio, é isso que interessa ao torcedor. Na verdade, se os resultados do clube dentro de campo são ruins, como o futebol é esporte coletivo, e os grandes clubes movem também grandes interesses, muitos outros temas poderiam ser levantados para explicar o mau momento vivido por esse ou aquele time. Mas isso requer aprofundar a abordagem, que requer tempo, que na maioria das vezes não há.

Poucos veículos e ainda menos jornalistas conseguem entrar de sola nas questões de campo e extracampo. Os jargões ‘o público não se interessa’, ‘isso não dá ibope’, ‘é assunto técnico e político e as pessoas só querem ver bola na rede’ tiram o assunto da pauta e o futebol do sério. (BETING, 2005, p.17).

Evidentemente que o fato de o jornalismo esportivo ser tão popular não deve servir de desculpa para a mediocridade. Antes pelo contrário. Ser às vezes lido por quem não lê outros segmentos do noticiário serve muito mais de argumento para uma maior qualidade e um perfil mais abarcador e interdisciplinar, a partir dos temas mais intrínsecos à seara esportiva, conectados com o universo de outros temas e possibilidades que envolvem o mundo do futebol. Afinal, o esporte não é uma ilha isolada do contexto social para ser tratado como particularismos exagerados. Essa possibilidade de inserir o leitor de esportes em outros temas cumpre uma função social da qual o jornalismo não pode fugir.

A popularização do futebol, com o conseqüente crescimento da demanda em torno do assunto na imprensa, especialmente nos jornais diários, levou a um processo de simplificação no texto esportivo que culminou com a perda de qualidade e sofisticação, ressaltada pelo uso excessivo de clichês e jargões, que posteriormente transbordaram em sua utilização para outras áreas do jornalismo e mesmo para a fala do dia a dia nas ruas. Expressões como “jogado para escanteio”, “na marca do pênalti”, “aos 45 do segundo tempo” etc. já fazem parte do repertório cultural brasileiro. Em si, não representam problema, que está exatamente no uso exagerado e depreciativo, quando supõe que o leitor não pode entender outro tipo de linguagem mais elaborada.

No esporte, especificamente, a necessidade de popularizar a linguagem na ilusão de vender mais jornais ou dar picos de audiência acabou com qualquer tentativa saudável de sofisticação do discurso, como se fosse uma excentricidade vender jornal com bom texto – como se o popular e o ruim realmente vendesse. (CARVALHO, 2005, p.72).

Em *Piauí*, no corpo de matérias estudadas, chamam a atenção, tanto no campo da abrangência de temas, quanto no da sofisticação textual, os textos *A marretadas* (Edição 47, agosto de 2010), *Uma imagem para ficar* (Edição 49, outubro de 2010) e *A solidão do juiz* (Edição 50, novembro de 2010). Neles, o tema futebol está mixado a outros completamente diferentes, tais como arquitetura, fotografia e filosofia. O texto, condicionado por essa abrangência, apresenta-se de modo bem mais rebuscado do que no jornalismo diário:

Os juízes de futebol compõem um grupo variado, mas existem vários tipos familiares a torcedores e jogadores. Há o rigoroso, que sempre aplica a letra da lei. Há o vacilante, que foge das decisões difíceis, leva o apito à boca com frequência, mas raramente aponta uma falta. Existe o jogador frustrado, que se envolve mais do que deveria e aplaude a boa jogada como um torcedor. Há também o afetado, que parece atuar no papel de juiz: sua postura é um pouco apumada demais, seus gestos, excessivamente ensaiados. Temos, por fim, o carteiro, que distribui cartões amarelos e vermelhos por qualquer coisa, e o durão, que desafia os jogadores e incita o enfrentamento (CROWE, 2010, p. 68).

3.1. Jornalismo esportivo e jornalismo literário: imbricações históricas

Mas nem sempre o texto do jornalismo esportivo tendeu para a simplificação. O texto esportivo já foi bem diferente. Como diferente era a aceitação do futebol. No início do século XX, o esporte não era popular no Brasil. Era inclusive visto como coisa de estrangeiro, como chegou a apregoar o escritor Graciliano Ramos em uma previsão bastante equivocada: “O futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho”. (Ramos, 1921).

O título deste capítulo menciona possibilidades de convergência entre jornalismo esportivo e jornalismo literário nos tempos atuais, mas podemos afirmar que seria apenas um novo tipo de convergência, pois nas raízes do jornalismo esportivo brasileiro encontra-se a literatura. Figuras como Mário Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira ajudaram a construir uma crônica esportiva que, ao mesmo tempo em que aproximava o grande público dos recursos estilísticos da literatura, fazia com que o futebol ganhasse as primeiras páginas dos jornais, valorizava um assunto antes tido como menor. Portanto, percebe-se que as relações entre futebol e jornalismo literário são antigas no Brasil e cumpriram um importante papel na popularização do esporte e na formação de uma linguagem específica.

Como a linguagem jornalística esportiva no Brasil nunca teve uma escola definida e, portanto, não havia um receituário específico para a elaboração do discurso, a criação de uma estética própria dependeu muito da convivência com a obra dos cronistas, de uns poucos exercícios acadêmicos e de uma inevitável fase de tentativa e erro até que algo original fosse criado. (CARVALHO, 2005, p.09).

Porém, sem dúvida, era um tipo bem diferente de texto esportivo. Para começo de conversa, importava muito a emoção dos relatos, importava até mais a forma como os acontecimentos tocavam os sentidos e as emoções do que propriamente a descrição factual das notícias. Era literatura falando de futebol a partir de fatos que despertavam o interesse cada vez maior em um público que passava a ter então o futebol como seu esporte preferido. As discrepâncias com o jeito moderno de se fazer jornalismo levam a dificuldades de classificação às novas gerações: “As crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho tinham vida própria, nem bem podiam ser chamadas jornalismo.” (COELHO, 2009, p. 17).

A *literaturalização* de um discurso carregado de emoção produziu momentos e textos que passaram à história. É importante salientar a desvinculação com o factual que havia nesse período. Uma famosa frase, atribuída a Nelson Rodrigues, sobre o clássico Flamengo e Fluminense, dá bem a ideia de quão pouco factual é a abordagem dele sobre o futebol: “O Fla-Flu surgiu 40 minutos antes do nada”.

Paulo Vinicius Coelho, no livro *Jornalismo Esportivo*, traça uma importante reflexão a respeito de como a emoção utilizada pelos cronistas esportivos da época de Mario Filho e Nelson Rodrigues impactou a forma como determinados personagens e aspectos da história do futebol brasileiro ficaram marcados. Nem mesmo a miopia de Nelson Rodrigues foi obstáculo para que os relatos fossem creditados e repercutidos como fatos.

A miopia de Nelson Rodrigues tirava-lhe a possibilidade de enxergar qualquer coisa em jogo de futebol, ainda mais em estádio grande como o Maracanã. E daí? Romance era com ele mesmo. Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas dos jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam. Até jogo violento, como Bangu e Flamengo, que decidiu o Campeonato Carioca de 1966 – a partida não completou o tempo regulamentar porque o jogador Almir, do Flamengo, armou grande confusão – era por eles tratado com rara dramaticidade. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses. (COELHO, 2009, p. 17).

Outro personagem citado por Paulo Vinicius Coelho é o zagueiro Bellini, capitão da Seleção Brasileira campeã do mundo em 1958. Bellini não era um grande jogador. Na verdade, era o que se costuma chamar na gíria do futebol de “botinudo”, ou seja, o tipo de zagueiro que se caracteriza por afastar o perigo de sua área do jeito que for possível,

prescindindo mesmo de qualquer categoria e elegância. Porém, Bellini teve a seu favor quatro ingredientes: era um homem bonito; foi o primeiro capitão de uma Seleção Brasileira campeã do mundo; criou um gesto que se tornou famoso, o do capitão erguer a taça do título por sobre a cabeça, para facilitar a visualização dos fotógrafos; e, principalmente, Bellini teve a sorte de ter tais virtudes e feitos filtrados pela emoção e dramaticidade dos cronistas esportivos da época. O Bellini que ficou para a posteridade, segundo Paulo Vinicius, é símbolo de vitória e elegância, dentro e fora do campo. Um mito. Pouca gente se lembra ou sabe que era um “botinado”.

A reflexão sobre a emoção dos relatos esportivo-literários de Nelson Rodrigues nos leva a outra discussão: a imprecisão.

É impossível ler Nelson Rodrigues sem dar-se conta da imprecisão de seus relatos de jogos. É só olhar, por exemplo, a maneira como descreve o terceiro gol do Brasil no Mundial do Chile, em 1962: “Djalma Santos pôs a bola na área e Vavá, com seu peito de aço, meteu a cabeça nela, fazendo 3 x 1”. A descrição correta deveria incluir a falha do goleiro Schroiff. E contar que, de fato, Vavá meteu o pé direito na bola, não a cabeça. Nelson Rodrigues, que já era míope, não podia ver o que o rádio lhe contava a quilômetros de distância”. (COELHO, 2009, p.18).

Realmente a imprecisão existia. Algo que seria inaceitável para os padrões atuais do jornalismo. Porém, além das limitações técnicas da época, como, por exemplo, o fato de o cronista não ter à disposição a chance de ver e rever os lances do jogo como hoje em dia – ele tinha de fiar-se no que via apenas uma vez ou no que lhe relatavam –, há ainda o aspecto de que retratar a realidade não parecia ser exatamente o objetivo central dos cronistas esportivos daquele período. Algo que exemplifica bem isso foi o fato acontecido durante a *Grande Resenha Facit*, a primeira mesa-redonda (programa de discussão de futebol) da TV Globo. A *Grande Resenha Facit* era composta por nomes como Armando Nogueira, Nelson Rodrigues e João Saldanha. Em uma oportunidade, Nelson Rodrigues, instado a comunicar suas impressões sobre a marcação de um pênalti na partida daquele dia, disse: “Se o vídeo diz que foi pênalti, pior para o videoteipe. O videoteipe é burro”.² (GRANDE Resenha, 2010).

De certa forma, a afirmação de Nelson Rodrigues poderia ser transplantada aos tempos atuais com outro significado. Atualmente, formam-se consensos a respeito da análise

² Informação contida no arquivo da TV Globo, disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236422,00.html>. Acesso em: 25 mai 2011.

dos jogos, porque muito da avaliação feita é baseada nos fatos, registrados, comprovados e avaliados por todos que viram a partida no estádio e nas redações através dos monitores de TV. Não há espaço para uma grande diversidade de interpretações sobre o jogo, uma vez que essa análise é massivamente feita tomando um factual cada vez menos contaminado de imprecisões. Nas discussões sobre futebol, a polêmica permanece justamente pautada nas questões não resolvidas pelas imagens: lances duvidosos com interpretações subjetivas, o julgamento da atuação de determinado jogador ou do árbitro etc., ou seja, no campo da subjetividade, da emoção.

E a concretude factual hoje vigente, substituta da emoção da construção literária dos antigos cronistas, acaba por agregar um possível novo viés de imprecisão: o de registrar-se sem emoção o que deveria ser registrado com emoção. Um bom exemplo, em contraposição ao já citado caso do zagueiro Bellini, é a imagem que ficou da Seleção Brasileira e dos jogadores campeões mundiais de 1994 e 2002.

A imprecisão diminui bastante nas páginas dos anos 70 em diante, graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade. O que exclui o mito. O resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história. Gente como Rivaldo, Ronaldo, Romário, Bebeto, Dunga. Gente que deu ao país o quarto e o quinto título mundial, e que jamais foi tratada com a reverência dedicada aos campeões de 1958, 1962 e 1970. (COELHO, 2009, p. 19).

Não se trata aqui de um julgamento valorativo e comparativo entre as qualidades técnicas entre os antigos campeões e os mais recentes. Os antigos até podem ser realmente melhores, como transparece nos relatos *literaturalizados* dos cronistas esportivos atuantes na imprensa nos idos de 1958, 1962 e 1970. Visões que foram assimiladas pelas novas gerações são repassadas e mitificam jogadores como Garrinha, Pelé e Rivellino. Ocorre que a diferença no tratamento dado pela imprensa aos antigos campeões em relação aos novos é gritante. Enquanto aqueles foram praticamente alçados à condição de semideuses, os campeões contemporâneos são quase burocratas da bola que apenas fizeram bem suas obrigações. O saudosismo costuma ser responsabilizado por essa diferença de reverência, mas talvez seja a falta de emoção imposta pela ditadura do factual que leve ao saudosismo.

Nos relatos sobre o tetra e o pentacampeonato faltou a dramaticidade que sobrava nas coberturas das campanhas de 1958, 1962 e 1970. Talvez tenha faltado simplesmente Nelson Rodrigues. A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção da realidade”. (COELHO, 2009, p. 22).

Paulo Vinicius também cita o caso do retorno triunfal e improvável de Ronaldo, o Fenômeno, em 2002, sendo campeão e artilheiro da Copa do Mundo, quando grande parte das maiores autoridades em medicina esportiva acreditava que Ronaldo não mais voltaria a jogar, depois de seguidas lesões nos joelhos. Ronaldo voltou e brilhou intensamente. “Toda a imprensa estampou os feitos do Fenômeno em relatos repletos de... realidade! Realidade demais para história tão irreal”. (COELHO, 2009, p.22). Futebol e emoção não podem ser dissociados. A chave parece ser, então, equilibrar informação precisa e emoção.

3.1.1 Especialistas x “Adventistas”

O grau de especialização dos jornalistas esportivos atuais, associado às demandas de suas rotinas produtivas permite a observação de uma comparação com o que realizam os jornalistas de outras áreas quando se aventuram no campo esportivo, fato que acontece principalmente em coberturas de grandes eventos, como Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas. Nessas oportunidades, vemos que existe certa dificuldade de aceitação por parte dos especialistas em esporte. É importante, nesta pesquisa, explorar esse tema, pois o que *Piauí* faz, nas matérias sobre futebol estudadas, é exatamente invadir o território dos especialistas do jornalismo esportivo futebolístico e exercer a forma literária de realização do jornalismo esportivo.

A postura dos próceres de outras áreas das redações por ocasião dos grandes eventos, como uma Copa do Mundo e uma Olimpíada, reproduz com precisão esse cenário e revela quem são os inimigos morais do jornalismo esportivo dentro da mídia. Nessas situações, os adventistas saem de seus redutos à procura de holofotes e transformam-se em colunistas especiais, para “enriquecer” intelectualmente a cobertura, para levar ao leitor a “sacada” que o especialista em esporte, segundo eles, despreza, justamente por ser um especialista. Com raríssimas exceções – duas ou três –, os adventistas chegam, durante algumas semanas usam toda a artilharia

pesada de estereótipos do esporte, não acrescentam nada também em matéria de informação e, terminada a festa, voltam para seus ninhos dizendo ser impossível fazer jornalismo esportivo inteligente. (CARVALHO, 2005, p.70).

A atitude resistente dos jornalistas esportivos pode ser identificada como uma espécie de “reserva de mercado”, uma postura defensiva que não enxerga as possibilidades de crescimento decorrentes da chance de comparar, de traçar analogias entre a produção de quem já está consolidado e especializado na área – e justamente por isso pode ter adquirido alguns vícios profissionais – com a dos jornalistas “adventistas”, que podem incorporar visões diferenciadas para as pautas do esporte, ainda que de vez em quando com algum grau de imprecisão.

A imprecisão dos jornalistas não especialistas pode realmente ser observada em alguns casos, especialmente nos tópicos mais específicos do dia a dia do futebol, como os que versam sobre os campeonatos, times e a estrutura cotidiana das instituições futebolísticas, inclusive em reportagens desta pesquisa, como, por exemplo, *A Copa do Cabo ao Rio (Piauí 44*, maio de 2010). O fato de o texto não ser feito por um jornalista esportivo – no caso, a repórter Daniela Pinheiro – sugere a razão dessas imprecisões que provavelmente não apareceriam nas mãos de um especialista. Na passagem a seguir, alguns equívocos são cometidos:

Esporte e televisão viraram uma coisa só. Campeonatos são inventados para fechar a grade das emissoras, como é o caso da Copa Libertadores da América. Os times que não são classificados disputam a Copa Sul-Americana, os que também não entram vão para a Copa do Brasil. O resultado é que as emissoras garantem o show praticamente durante toda a semana. No Brasil, a Globo e a CBF são faces de uma mesma entidade, mantida por patrocinadores. É a emissora que marca o horário dos jogos organizados pela CBF, pois a ambas interessa preservar a audiência. (PINHEIRO, 2010, p. 47).

Não é bem assim. A Copa Libertadores da América, que a repórter diz ter sido inventada para fechar a grade das emissoras, é uma competição tradicional, cuja primeira edição aconteceu em 1960, e que desperta um interesse real nos torcedores das equipes que a disputam, não sendo de maneira alguma um torneio “inventado”. Além disso, existem critérios estabelecidos para a disputa das competições citadas. A Copa do Brasil, por exemplo, tem times de todas as divisões do futebol brasileiro e de todos os estados da federação, não

sendo composta necessariamente, como escreve Daniela, pelas equipes que não obtêm vaga nos campeonatos internacionais.

Mas há contrapartidas. Tais erros podem ser percebidos mais facilmente apenas pelo leitor contumaz de páginas sobre esportes. Por outro lado, de acordo com o observado em *Piauí*, quando um generalista escreve sobre futebol, costuma agregar aspectos diferenciados e enriquecer a matéria através de uma contextualização mais ampla. Exemplo disso: na mesma reportagem, Daniela se permite conceder ao leitor conceituações acadêmicas acerca do futebol, tais como: “O futebol quebra a hegemonia que a indústria americana define como padrão da cultura de massa”. (PINHEIRO, 2010, p. 48), de José Miguel Wisnik, sobre o fato de o futebol ter se tornado o esporte mais popular do mundo sem ser um esporte popular nos Estados Unidos.

Em *Piauí*, não há editorias específicas. A ideia de que todos podem tratar de todos os assuntos pode ser percebida no rol das reportagens estudadas neste trabalho. Entre os profissionais que as assinam, apenas Marcos Caetano tem militância no jornalismo esportivo. Ainda assim, as contribuições dele *Craque não precisa jogar* (Edição 43, abril de 2010) e *O locutor insuportável* (Edição 46, julho de 2010), fazem parte de um tipo de jornalismo literário denominado ficção-jornalística (Pena, 2008), bem diferente do tipo de atuação que Marcos Caetano costuma exercer na crônica esportiva convencional, na qual atualmente comenta partidas de futebol na Rede TV. Além dele, há entre os colaboradores, um arquiteto, Fernando Serapião, que escreveu *A marretadas* (Edição 47, agosto de 2010), e um professor de Direito, Jonathan Crowe, autor de *A solidão do juiz* (Edição 50, novembro de 2010). O *publisher* de *Piauí*, João Moreira Salles, explica o critério de formação do grupo de colaboradores da revista:

Tanto no *staff* da redação como entre nossos colaboradores eventuais, não há um perfil específico de jornalista na *Piauí*. Procuramos misturar profissionais de origens e faixas etárias diferentes para obtermos um certo equilíbrio. Se há um consenso no perfil de trabalho, ele se reflete na precisão da apuração dos fatos, na procura por uma história bem contada e na qualidade do texto jornalístico. (KINSKY, F.; MARINHO, V., 2009).

Profissionais de outras áreas, jornalistas ou não, agregando seus conhecimentos e modos de ver o mundo, praticando uma modalidade de jornalismo, o literário, do qual o

jornalismo esportivo se afastou, propõem em *Piauí* uma chance real de convergência, de reencontro entre jornalismo esportivo e literário, perfazendo nas páginas das dez reportagens arroladas nesta pesquisa a execução de um jornalismo que chamaremos esportivo-literário, com a junção das características dos dois, gerido pelos critérios exigentes de precisão nos dados informados, mas eivado de emoção e subjetividade, e, sobretudo, motivado pelo desejo de contar uma boa história.

3.2. Jornalismo literário, conceituações

Muitos teóricos têm se aventurado na tentativa de conceituar o jornalismo literário. A tarefa tem se revelado árdua devido à dificuldade de ordenação imposta pela intricação dos conceitos de dois campos distintos de conhecimento: o Jornalismo e a Literatura. Porém, existem linhas de contato, e é sobre elas que nos debruçamos nesta pesquisa, mobilizados especificamente pela aspiração de compreender o jornalismo esportivo-literário da revista *Piauí*, no *corpus* das dez reportagens pesquisadas.

Literatura e jornalismo são dois territórios diferentes, mas não territórios separados por barreiras intransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos. Ao contrário, são tênues os limites entre eles, por vezes quase imperceptíveis. Não que a literatura ou o jornalismo possam se transfigurar um no outro. Mas que, com características bem marcadas e elementos distintos, em algumas manifestações têm a ousadia de usar os pontos de intersecção para construir uma narrativa quase híbrida. (VICCHIATTI, 2005, p.84).

O pesquisador Felipe Pena diz resumidamente que o jornalismo literário é uma “modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) Literatura”. Alia também quais seriam os traços básicos desse tipo de jornalismo: “Imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização”. (PENA, 2008, p.105). Já outro estudioso do jornalismo literário, Gustavo Castro, prefere um conceito mais complexo.

Capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa a hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética, política... É uma via de compreensão do gênero humano, um misto de informação e conhecimento, capaz de transformar e orientar esse mesmo conhecimento em sapiência. (CASTRO, 2005, p.11).

A partir do entendimento conceitual acerca do jornalismo literário, podemos tentar entrever de que maneira o incremento de profundidade imprimido por esse tipo de jornalismo pode incidir no texto do jornalismo esportivo e ajudar a suprir algumas de suas deficiências citadas já neste trabalho, no que tange especificamente aos recursos de simplificação exagerada e até mesmo no excessivo uso do factual em detrimento da emoção. Nesse sentido, cabe observar que “o grande escritor, ao expressar suas idéias, perturba e inquieta. Seu testemunho é mais completo e integral, enquanto o jornalista, em geral, limita-se a informar os fatos” (CASTRO, 2002, p.110).

Gente com militância tanto prática como acadêmica no jornalismo esportivo não tem dúvida em afirmar que ater-se demais aos fatos tem sido um mal para o jornalismo de esportes: “Acredito ser o factual o grande culpado ou vilão pela mesmice do jornalismo esportivo atual e das coberturas de futebol”. (AWAD, 2005, p.56).

Além do rompimento com o factual, a complexidade de temas/pautas do jornalismo literário é fator agregador ao potencial enriquecimento emprestado ao jornalismo esportivo. Os temas incluídos nos dez textos analisados demonstram essa complexidade. Temos a preparação de um país, a África do Sul, para sediar uma Copa do Mundo; a reunião dos campeões mundiais do futebol brasileiro para organizar uma associação que os represente; as calorosas discussões sobre a convocação da Seleção Brasileira para a Copa de 2010; o acompanhamento do trabalho de um jornalista na inusitada função de descrever o minuto-a-minuto de um jogo da Seleção Brasileira; futebol e arquitetura; futebol e fotografia; reflexões filosóficas sobre o papel do árbitro de futebol; e a ficção jornalística, amplamente inspirada na realidade, caricaturando as figuras do craque-malandro e do locutor esportivo nacionalista.

Podemos perceber o impacto que exerceu nas pautas o fato de 2010 ser ano de Copa do Mundo. A Copa do Mundo é a maior competição do futebol mundial, mas não é só uma competição esportiva. É um grande evento, que movimenta a atenção de praticamente todo o mundo, durante um mês, e interfere em vários aspectos da atividade humana, direta e

indiretamente. Observamos que os temas Copa do Mundo e Seleção Brasileira, de um modo ou de outro, estão presentes em pelo menos seis das dez reportagens. Porém, reforçando sua característica de não se ater aos resultados, o jornalismo esportivo-literário de *Piauí* não menciona em nenhuma oportunidade, por exemplo, que a Espanha foi a campeã do torneio. Este tipo de informação não interessa no espectro das possibilidades de pauta da revista.

Mais do que uma escrita que flerta com técnicas típicas do labor literário e se propõe a instigar, seduzir, provocar sensações e despertar o interesse do leitor, o chamado jornalismo literário foge de olhares pré-formatados e rende textos – sejam reportagens ou perfis – que surpreendem a partir de uma pauta que rompe com visões óbvias ou hegemônicas sobre a realidade (NECCHI, 2007, p.5)

3.3. Sete características do jornalismo literário

Entre as várias possibilidades de classificação do jornalismo literário, optaremos, por motivos didáticos, pela utilização do modelo proposto por Felipe Pena, denominado “estrela de sete pontas”, como orientação no estudo das reportagens de *Piauí*. As sete principais características do jornalismo literário, de acordo com esse modelo, são:

- 1) Potencializar os recursos do jornalismo;
- 2) Ultrapassar os limites do cotidiano;
- 3) Visão ampla da realidade;
- 4) Exercitar a cidadania;
- 5) Romper as correntes do *lead*;
- 6) Evitar os definidores primários;
- 7) Perenidade.

No terceiro capítulo, faremos o estudo dessas características com mais acuidade, em face de uma imersão maior nas reportagens pesquisadas em *Piauí*. Por enquanto, cabem algumas observações para inserir essa abordagem. Quando Pena se refere a potencializar os recursos do jornalismo, opta por um termo – potencializar – que nos auxilia a compreender

que o jornalismo literário não é uma revolução que renega o jornalismo convencional ao esquecimento.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2008, p.14).

Nesse sentido, a matéria *A Copa do Cabo ao Rio (Piauí 44, maio de 2010)* é exemplar. O que Daniela Pinheiro faz é aproveitar as técnicas consolidadas do jornalismo, citadas por Pena, para, através de uma inserção mais direta na realidade sul-africana, construir uma típica peça de jornalismo literário, com direito a um texto gigantesco que ocupa oito páginas da revista e todo o tempo de apuração necessário para isso.

O tempo de apuração é mais que um diferencial no jornalismo literário, é condição obrigatória. Para ultrapassar os limites do cotidiano e obter perenidade – duas características entrelaçadas, interdependentes –, o jornalismo literário não poderia ser erigido sobre a urgência que move o jornalismo diário.

O jornalista rompe com duas características básicas do Jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está mais enjaulado pelo *deadline*, a famosa hora do fechamento do jornal da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. (PENA, 2008, p.14).

A perenidade vem assim como consequência do processo. Estabelecendo uma nova forma de se relacionar com a periodicidade e a atualidade, não limitado pelos *deadlines*, e sem ter de falar do que é novo hoje e velho amanhã, o jornalista literário realiza uma “construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2008, p.15), isso porque, “uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria,

caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência”. (PENA, 2008, p.15).

É interessante notar que, embora, como já foi observado, a Copa do Mundo tenha sido assunto presente em seis dos dez recortes da pesquisa, tais reportagens podem ser lidas atualmente ou mesmo após vários anos sem nenhum problema, com pouca ou nenhuma perda de entendimento e fruição.

Outra ponta da estrela de Pena diz respeito a evitar os definidores primários, ou seja, as fontes e vozes recorrentes às quais o jornalismo diário sempre procura, muito em função da falta de tempo nas redações e de certo comodismo também. Mas “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados”. (PENA, 2008, p. 15).

Em *Sardinha forever* (*Piauí* 51, dezembro de 2010), o texto é centrado em um personagem, conhecido como Sardinha. Mas um personagem não famoso, longe disso, um simples lustrador de móveis, celebridade apenas entre os frequentadores do estádio da Portuguesa de Desportos, em São Paulo. Sardinha tornou-se conhecido entre os torcedores da Lusa pela forma incomum de acompanhar os jogos no estádio: correndo de um lado para o outro, junto ao alambrado, infernizando com toda sorte de impropérios os ouvidos do bandeirinha que acompanha o ataque da Portuguesa.

O jornalista José Orenstein, o fotógrafo John Varley e o arquiteto Severiano Porto, respectivamente personagens principais de *Não dá jogo* (Edição 46, julho de 2010), *Uma imagem para ficar* (Edição 49, outubro de 2010) e *A marretadas* (Edição 47, agosto de 2010) também não são celebridades, não sendo muito conhecidos até mesmo em seus campos de atividade profissional.

Em *A Copa do Cabo ao Rio* (*Piauí* 44, maio de 2010), pessoas notáveis, autoridades constituídas do Brasil e da África do Sul aparecem, como inevitavelmente teria de ser numa reportagem que fala da preparação para a Copa do Mundo em ambos os países. Mas o povo sul-africano é ouvido e privilegiado no corpo do texto, evidenciando a preocupação social que pautou a construção textual. Isso porque, em meio a tantos caminhos possíveis, a repórter começa o texto ressaltando o que mais lhe importa, a preocupação com a questão social:

Cerca de 130 mil pessoas moram no subúrbio de Athlone, a 10 quilômetros da Cidade do Cabo. A maioria delas é pobre, desempregada e negra. Numa paisagem baldia e repleta de favelas, uma das poucas atrações é o estádio de futebol, com capacidade para 30 mil torcedores, palco das finais do campeonato regional. Encarregados de selecionar os locais dos jogos da Copa do Mundo na cidade, onde no próximo dia 6 de julho será disputada a semifinal, a prefeitura e o governo da província sugeriram Athlone. As autoridades vislumbraram a possibilidade de, finalmente, criar empregos na periferia da segunda maior cidade do país. A ideia era aproveitar o evento para pavimentar avenidas, construir novas casas, reformar as antigas, incrementar o transporte público.

Há três anos, uma comitiva da FIFA, a Federação Internacional de Futebol, visitou os estádios selecionados pelos sul-africanos. Na Cidade do Cabo, ela foi informada da importância da escolha de Athlone para o incremento da área e a melhoria da vida de milhares de pessoas que moram ali. Ao visitar o estádio, no entanto, a comitiva estava mais interessada no público global da Copa do que na particularidade nacional. "Os bilhões de espectadores não querem ver favelas e pobreza pela televisão", disse um dos inspetores da FIFA ao jornal *Mail & Guardian*. (PINHEIRO, 2010, p. 43).

A ênfase no enfoque social dada em *A Copa do Cabo ao Rio* vai ao encontro do que Felipe Pena chama de exercitar a cidadania, ou seja, ao jornalista cabe, “quando escolher um tema, pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade”. (PENA, 2008, p. 14).

Romper as correntes do *lead* é possivelmente a principal marca do jornalismo literário. É a partir desse rompimento que se foge da pasteurização dos textos, nos quais “falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa”. (PENA, 2008, p.15). Detalharemos mais essa importante característica no terceiro capítulo, que trata principalmente da forma com que o *lead* e os valores-notícia são postos em xeque pelo jornalismo esportivo-literário de *Piauí*.

Por ora, tratamos da última ponta da estrela de Felipe Pena: a visão ampla da realidade. Termos como complexidade, abrangência e aprofundamento costumam ser arrolados, não sem propriedade, nas definições acerca do jornalismo literário. No estudo mais específico das reportagens, pudemos ver como isso se dá de fato. Mas um cuidado deve ser tomado:

Não se entenda por visão ampla um pleno conhecimento do mundo que nos cerca. Qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais complexa que seja. A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens

e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2008, p.14).

A consciência dos limites de qualquer recorte jornalístico reforça a primeira das características de que falamos. O jornalismo literário exprime na prática uma potencialização dos recursos do jornalismo diário, não um rompimento radical. A partir dessa visão, é que enxergamos o jornalismo literário como um conjunto jornalístico de forma e conteúdo mais vasto, no qual está inserido, inclusive, o jornalismo diário factual, com suas práticas e métodos estabelecidos, fornecendo o que tem de melhor (métodos de apuração, escrita clara, preceitos éticos) como ferramentas operacionais para a forma literária de se fazer jornalismo.

4. O jornalismo esportivo-literário de *Piauí* conta histórias, rompe com leads, *deadlines* e valores-notícia e vai além do noticiário

As histórias orais têm uma força inequívoca. Tanto é verdade que, mesmo sem a confirmação de sua veracidade, repetimos aquelas que nos tocam, ainda que ressalvadas por expressões como “ouvi dizer”, “parece”, “andam dizendo”, as quais alertam o interlocutor para a possibilidade de não serem verdadeiras, para a necessidade de investigação ou mesmo de validação pelos organismos reconhecidos para tal, como a imprensa, por exemplo. Mas o fato é que a história contada, de boca em boca, adquire significados múltiplos, de acordo com o ouvinte e a forma como é repassada, e adquire mais longevidade e repercussão tanto melhor é narrada. Para Walter Benjamin, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (BENJAMIN, 1994, p.198).

No contexto futebolístico, o dia seguinte das grandes partidas, especialmente aquelas em que se contrapõem as grandes rivalidades, é marcado por toda sorte de narrativas orais sobre a partida em questão, tomadas a partir da angulação de cada narrador, de acordo com suas paixões clubísticas, plenas de parcialidade e envolvimento pessoal. Até mesmo as pilhérias e as provocações bem humoradas, feitas em decorrência do resultado do confronto, entram nesse universo particular e culturalmente especificado, posto que seguem características próprias, inerentes a cada rivalidade. Ou seja: não podemos esperar padrões repetidos após cada partida. Todo jogo tem sua história, suas próprias repercussões e narrativas do dia seguinte.

O universo das narrativas do dia seguinte constitui eixo fundamental na permanência das rivalidades e paixões próprias do futebol, na medida em que dão continuidade aos acontecimentos do dia anterior, criam um ambiente para as próximas realizações dos clubes envolvidos e, principalmente, fazem com que o resultado – que como notícia seria esquecido, trocado na memória por notícias subsequentes –, seja prolongado na forma de história narrada e enfeitada com todo tipo de exagero fruto da paixão e dos recursos

de retórica: “Enquanto contados como histórias, os relatos são ornamentados com adornos retóricos, canções e um toque pessoal – e é através das histórias que as pessoas realmente compreendem os acontecimentos em termos humanos”. (BIRD, DARDENE, 1999, p.270).

4.1. A narratividade, o contínuo e o descontínuo

Como vimos, o jornalismo literário propõe a fuga do modelo da pirâmide invertida, para que as boas histórias possam ser contadas, com o maior número possível de detalhes e com o aprofundamento que lhes permita permanecer muito mais tempo na memória e no repertório cultural do público leitor. Pois responder o quê, quem, quando, como, onde, e por que pode não ser suficiente para que a notícia vire história na compreensão de quem lê. Mas, para isso, algumas estratégias textuais são necessárias.

Em *Campeões mundiais, uni-vos!* (Piauí 43, abril de 2010), podemos perceber algumas estratégias textuais, utilizadas pelo repórter Fabio Fujita, que transformam um conjunto de informações numa boa história. Como de praxe na revista, o tema principal da reportagem – a Associação dos Campeões Mundiais de Futebol do Brasil e seus maiores objetivos – vai sendo apresentado aos poucos, margeado por facetas aparentemente desimportantes, periféricas, que não só contam a história dos principais personagens envolvidos, como contextualizam o foco da reportagem: campeões mundiais brasileiros de futebol tentam receber uma premiação de 100 mil reais do Governo Federal. O início do primeiro parágrafo, onde no jornalismo diário ficariam as respostas do *lead*, não dá pistas óbvias sobre o cerne da história, inspira curiosidade:

Dadá Maravilha olhou para a multidão de goleiros à sua frente e não piscou: "Eu faria gol em todos vocês." Ele se dirigia a Félix, Ado, Taffarel, Zetti e Gilmar Rinaldi, num encontro que, só pelo ineditismo, já mereceria ficar na história. Talvez por isso, Dadá tenha aproveitado para desafogar a onipotência que contribuíra tão de perto para torná-lo um dos mais eficientes atacantes do futebol brasileiro de todos os tempos. (FUJITA, 2010, p. 15).

Lida toda a reportagem, provavelmente o leitor a resumiria para outra pessoa através de uma explanação muito próxima do essencial conteúdo do *lead* jornalístico – o fato

em si, os envolvidos, a polêmica principal. Porém, com uma diferença: a conversa poderia continuar com um debate mais embasado proposto pelo leitor-contador da história, uma vez que ele dispõe de muito mais conteúdo informativo para avaliar a questão. E para refletir em torno dela. É possivelmente a grande vantagem da *literaturalização* do texto jornalístico: a possibilidade maior de apreensão e fixação de mais tópicos inerentes ao assunto, dos mais centrais aos mais periféricos.

É interessante notar o subtítulo da reportagem: *Os conchavos do pessoal de 58, 62, 70, 94 e 2002*. Propositadamente ou não, a palavra “conchavo” exerce um estímulo a mais para que o leitor continue avançando na leitura até chegar ao final e, somente aí, entender qual o conchavo. Para alguns leitores, semelhante a quando se lê qualquer história ficcional, a presença de um estímulo alimentado pela curiosidade é fundamental para o prosseguimento da leitura; não sendo suficiente apenas um texto agradável e bem escrito. Neste ponto, a literatura casa com o jornalismo: a fluência do bom texto associada ao interesse informativo colocado estrategicamente no final da reportagem e insinuado no subtítulo. Neste caso, a pirâmide não está invertida, as informações principais vão sendo reveladas ao longo de todo o texto, interligadas e contextualizadas.

Pois enquanto a pirâmide invertida é um instrumento eficiente para o jornalista, pode ser um desastre para o leitor. Os leitores ignoram uma grande parte de um jornal porque o assunto não lhes interessa, mas também podem ignorar porque a forma narrativa os repele. O estilo de pirâmide invertida encoraja à leitura parcial e pode ajudar a garantir que os leitores esqueçam muito daquilo que de fato lêem... As histórias têm de ter **narratividade** (grifo nosso) – serem reconhecidas como histórias – se os leitores quiserem compreendê-las bem. (BIRD, DARDENE, 1999, p.272).

Mas o que é essa narratividade que as notícias têm de ter para que, segundo Bird e Dardene, sejam reconhecidas como histórias? “Um conceito que está aquém do narrar” (MOTTA, 2004, p. 5). Ou seja, a narratividade é condição essencial de toda narrativa. Os teóricos Reis e Lopes (1988) listam aplicações do termo dentro da teoria literária e chegam a uma definição que privilegia o conflito entre a continuidade e a descontinuidade existente nas narrativas. Como resultado desse conflito, o sentido é produzido a partir das alternâncias entre o estático e o dinâmico, ou seja, “a irrupção do descontínuo” gerando uma “sucessão de

estados e de transformações”. Todorov (1970) reforça a tensão entre o contínuo e o descontínuo das narrativas utilizando os termos “mudança” e “repetição”.

A narrativa se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da “vida” (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. (TODOROV, 1970, p. 21).

Normalmente, um quadro estável é alterado por um acontecimento que promove consequências e o desenrolar da história até que nova estabilidade seja alcançada. Para visualização desse processo dialético das narrativas, em nossa pesquisa, podemos observar a reportagem *Estamos de olho, Dunga* (Piauí 45, junho de 2010), escrita por Cristina Tardáguila.

Os primeiros parágrafos são destinados apenas para descrever as cenas e os comportamentos dos presentes no Plenário do Senado Federal, em Brasília, na tarde de 11 de maio de 2010. Todo o conjunto descritivo é usado para marcar a preguiça e a modorrice com que as atividades eram desempenhadas naquela tarde – igual a tantas outras. Todo um cenário de estabilidade prestes a ser desequilibrado por um acontecimento, uma mudança.

No centro da mesa, relativamente ereto na poltrona azul, o presidente da casa, José Sarney, munira-se de seu desinteresse profissional para dar andamento à 70ª sessão deliberativa do ano. Ao ouvir o projeto de lei do senador Flexa Ribeiro - segundo o qual o fabricante de automóveis estará obrigado a incluir no manual do proprietário o nome, a marca e o código de referência das principais peças do veículo -, Sarney ajustou os óculos de aro fino sobre o nariz e bloqueou um bocejo. Quando escutou o projeto de lei da senadora Serys Slhessarenko - que conferia ao município de Sorriso, em Mato Grosso, o título de capital nacional do agronegócio -, jogou-se contra o encosto da poltrona azul. Entre os senadores presentes, o papo corria solto por telefone ou ao vivo, com colegas, jornalistas ou funcionários. Qualquer ocupação aliviava aquele estupefaciente torpor legiferante.

Nas galerias, de onde os visitantes podem cochilar, ler, fazer tricô e até acompanhar as sessões, o clima também não era de atenção desmedida. Um bebê se esgoelava nos braços da mãe, inconformado por lhe impingirem tão precocemente o espetáculo do Legislativo nacional. Nas cadeiras bem na direção de Sarney, um grupo de aposentados aumentava o volume de seus aparelhos auditivos a cada novo senador que tomava a palavra, crenças que agora, sim, ouviriam um pronunciamento sobre o reajuste das aposentadorias. Sistemáticamente errados, voltavam ao bate-papo. (TARDÁGUILA, 2010, p. 10).

A mudança do quadro inercial viria com a manifestação do senador Eduardo Suplicy, do PT de São Paulo. O senador começou a discorrer sobre a convocação definitiva do então treinador da Seleção Brasileira de Futebol, Dunga, para a Copa do Mundo que se avizinhava. A partir daí, o Plenário do Senado, antes repleto de torpor, tornou-se palco de exasperação e energia nos debates. O tema futebol tinha aquecido a tarde de Brasília.

Ah, o que pode um verbo intrépido e inspirado... Cessou todo cochicho paralelo, calou-se de pronto a conversa fiada e eis que do salão tomou conta um silêncio avassalador. Era o reconhecimento tácito de que, até que enfim, um tema de importância fora trazido à atenção do país. (TARDÁGUILA, 2010, p. 10).

A partir daí, vários parlamentares fazem pronunciamentos, apartes são concedidos, debates instaurados, tudo com a mais absoluta atenção dos senadores e dos presentes nas galerias. Cristina Tardáguila não perde a oportunidade de transcrever os discursos, de compor um texto repleto de humor e vivacidade, ensejando a dinâmica da narração. Porém, terminado o tema Seleção Brasileira, voltando-se à pauta habitual, retorna também o tédio do início, configurando nova estabilidade narrativa.

Somente para Eduardo Suplicy não era ainda o momento de retomar a modorra, pois faltava-lhe fazer um registro. Com seu ritmo não afobado, ele comunicou que a sessão daquela tarde estava sendo acompanhada "por uma delegação do Parlamento suíço." De mais não precisou para devolver a plateia ao tédio incapacitante. Alguns retomaram a conversa telefônica, outros passaram a reclamar do clima seco. Do alto das galerias, o bebezinho, que cochilara uns minutos no colo da mãe, voltou à carga. (TARDÁGUILA, 2010, p. 11).

Numa passagem do texto de Tardáguila, menciona-se que o pronunciamento de Suplicy despertou o interesse das redações, foi noticiável. A questão é que *Piauí* contou a história toda, o ambiente que a envolveu antes e depois do pronunciamento. Através de uma boa capacidade de observação jornalística e de uma atraente e divertida transcrição do conteúdo observado, *Piauí* transforma uma tarde comum no Plenário do Senado em um excelente relato, inserindo o leitor no ambiente retratado com tal eficiência que este praticamente sente-se testemunha dos fatos descritos e narrados na reportagem, apenas contando bem uma boa história.

Os estudiosos da narratividade destacam a presença do conceito em todo tipo de narrativa, bem como o caráter permanente com que se apresenta. “A narratividade constitui uma qualidade reencontrada nos textos narrativos de todas as épocas, não apenas em textos literários, mas também nas narrativas não literárias e até não verbais”. (MOTTA, 2004, p.5). No entanto, interessa-nos, sobretudo, entender como as narrativas podem se estabelecer no jornalismo, em geral, e nas reportagens vistas em nossa pesquisa, em particular.

Segundo Luiz Gonzaga Motta, baseado em estudos de J.F. Sanchez (1992), “a distinção entre a narrativa literária e a jornalística se dá pela diferente intenção de cada um desses discursos (pretensão de verdade)”. (MOTTA, 2004, p.6).

Os enunciados jornalísticos não possuem ficcionalidade, uma atitude de fingimento consensual que se estabelece entre autor e leitor no jogo da ficção (suspensão voluntária da descrença). Mas, narram sucessões de estados de transformação, ainda que de forma fragmentada e dispersa. (MOTTA, 2004, p.7).

Neste momento, é oportuno abrirmos um parêntese e nos debruçarmos sobre duas modalidades do jornalismo literário, a ficção-jornalística e o Novo Jornalismo. Felipe Pena classifica essas modalidades como subgêneros do jornalismo literário, juntamente com a biografia e o romance-reportagem, os dois últimos sem interesse direto nesta pesquisa.

4.1.1. A ficção-jornalística e o Novo Jornalismo

O surgimento do Novo Jornalismo, nos Estados Unidos, na década de 1960, foi determinante para a construção de uma fórmula de realização de jornalismo literário que juntou seguidores mundo afora. Para Felipe Pena, o Novo Jornalismo expressa a “insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor.” (PENA, 2008, p.53).

Em 1973, Tom Wolfe escreveu o manifesto do Novo Jornalismo (PENA, 2008, p.54), em que aponta quatro recursos básicos de construção narrativa:

1. Reconstruir a história cena a cena;
2. Registrar diálogos completos;
3. Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens;
4. Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

É importante salientar que todo o construto literário envolvido no texto do Novo Jornalismo não deve prevalecer sobre a divulgação de fatos reais apurados e checados pelo jornalista. Não se trata de obra de ficção. É jornalismo feito sob diferentes prismas narrativos e privilegiando mais aspectos e personagens. Já na ficção-jornalística, não. Esta “não tem compromisso com a realidade, apenas a explora como suporte para a sua narrativa.” (PENA, 2008, p.114). Ou seja, a ficção-jornalística não tem a pretensão da verdade (MOTTA, 2004, p.7). Das dez reportagens analisadas nesta pesquisa, duas se encaixam na classificação de ficção-jornalística: *Craque não precisa jogar* (Piauí 43, abril de 2010) e *O locutor insuportável* (Piauí 46, julho de 2010), ambas assinadas por Marcos Caetano.

Em *Craque não precisa jogar*, a história do personagem Uevinho Catarinense é totalmente ficcional, mas pode ser depreendida como uma caricatura da história real de alguns craques do futebol brasileiro, classificados pela imprensa esportiva especializada como “chinelinhos”, ou seja, jogadores que estão sempre contundidos, pouco jogam durante o ano, têm conflitos com a imprensa, vivem tentando recuperar a forma física e figuram com frequência nas manchetes sensacionalistas devido a questões pessoais e familiares. A ficção aqui imita a realidade e, através do exagero, joga luz sobre fatos reais que merecem reflexão.

Da mesma forma, Marcos Caetano constrói *O locutor insuportável* – ficção-jornalística amplamente inspirada na realidade. Na verdade, o personagem Oldegário Tibiriçá congrega traços caricaturais de vários profissionais da locução esportiva, no rádio e na TV. Em determinadas passagens, é possível vislumbrar perfeitamente alguns, como o principal locutor esportivo da TV Globo, Galvão Bueno. O ufanismo e o estilo exagerado de Oldegário têm tudo a ver com o de Galvão. Ao longo do texto, Marcos Caetano põe na boca de Oldegário nomes de patrocinadores, fazendo-nos lembrar os locutores e apresentadores que usam e abusam do *merchandising* nos programas de debate esportivo na TV.

Pra início de conversa, eu não sou apenas narrador. Na condição de celebridade, as pessoas anseiam pelas minhas opiniões. Então, sou obrigado a dá-las. Por exemplo: eu, que fui amigo do Senna, aprendi que, no motor, só Castrol GTX. É uma opinião. Das boas. Outra: futebol se faz com 22 sujeitos e um juiz. Quando comecei, o pessoal só falava dos jogadores. Pra fazer uma transmissão diferenciada, como se diz hoje em dia, tive a ideia de dar meus pitacos sobre a arbitragem. Foi um sucesso. Como sou inquieto, pouco tempo depois, inovei mais uma vez: inventei o *comentarista* de arbitragem. E sabe por quê? Simples: pra poder discordar dele. Fui eu que primeiro atinei pra essa verdade universal: sem um mínimo de conflito não se faz uma boa transmissão. Acho incrível que ninguém tenha reparado nisso. Porque, convenhamos, o comentarista de arbitragem é a coisa mais inútil do mundo, e a prova é que o cara só existe aqui no Brasil (roda a vinheta: Brasil-il-il!). Ele só está lá pra servir de escada. Quando o jogo tá chato, eu brigo com ele e o pessoal abre o olho a tempo de ver o logotipo da Brahma – beba com moderação, mas não muita... – lá na telinha. (CAETANO, 2010, p. 57).

O que Marcos Caetano faz, neste texto ficcional, de maneira bem humorada, é estilizar e caricaturar aspectos reais e de interesse jornalístico, presentes nas figuras de conhecidos personagens da locução esportiva. Tais aspectos são tão reais que o leitor mais habituado ao acompanhamento do jornalismo esportivo convencional facilmente os reconhece, promovendo em um retrato que, embora ficcional, proporciona chance de reflexão sobre a realidade.

4.1.2. Narratividade: outros aspectos

Outros aspectos examinados pelos estudiosos das narrativas podem ser constatados em *Piauí*. Um deles diz respeito ao efeito de descontinuação provocado pela aparição de novos personagens na história. Em uma grande reportagem, como *A Copa do Cabo ao Rio* (*Piauí* 44, maio de 2010), a aparição de novos personagens, seja através do uso das aspas ou como citações indiretas, é quase obrigatória, na medida em que o tema é enfocado sob muitos prismas, como é característico do jornalismo literário. Em *A Copa do Cabo ao Rio*, por exemplo, são 18 os personagens que aparecem ao longo do texto, contribuindo com visões diferenciadas para irromperem o descontínuo na narração e enriquecerem o conteúdo do texto.

A aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a que explica o “eu estou aqui agora” da nova personagem, nos seja contada. Uma história segunda é englobada na primeira; esse processo se chama *encaixe*. (TODOROV, 1970, p.123)

Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é uma das 18 vozes reportadas por Daniela Pinheiro em *A Copa do Cabo ao Rio*. Mas a repórter não se limita a veicular as opiniões mais importantes do entrevistado para o contexto da matéria, Daniela utiliza um recurso básico de construção narrativa, estabelecido por Tom Wolfe em seu manifesto sobre o Novo Jornalismo (PENA, 2008, p.54): registrar hábitos, roupas, gestos e características simbólicas dos personagens. Em uma passagem, fica claro que os assuntos relacionados à política do futebol interessam bem mais a Ricardo Teixeira do que os que se referem ao jogo em si:

Era quase hora do almoço e Teixeira resolveu se arriscar no melindroso bufê do lobby do hotel. Ele se serviu de palmito com molho branco, algumas folhas e tomate. Metade do fundo de seu prato ficou à mostra: estava de dieta. (...) Quando fala de futebol, Teixeira é protocolar, diplomático e lacônico. Mas quando o assunto é política, ele parece um torcedor de futebol: muda o tom de voz, fica animado, cita encontros empolgantes com autoridades, menciona pesquisas eleitorais a que poucos tiveram acesso e deixa patente seu trânsito livre nas mais diversas esferas do poder. (PINHEIRO, 2010, p. 49).

Parece desimportante, mas não é. O fato de o homem que comanda o esporte mais popular do país conhecido como País do Futebol, o Brasil, demonstrar ao mesmo tempo certa frieza quando fala do jogo e excitação quando trata da política esportiva gera, no mínimo, mote para reflexão. Detalhes assim contam às vezes a essência de uma história, a essência de aspectos que não podem ser escritos por não serem comprovados, mas ficam claros nas sutilezas fornecidas pelo jornalismo esportivo-literário de *Piauí*.

4.2 Rompendo com *leads*, *deadlines* e valores-notícia para ir além do noticiário

No encerramento deste capítulo, procuramos avaliar como, nas reportagens componentes desta pesquisa – e de maneira geral – *Piauí* rompe com fórmulas consagradas pelo jornalismo diário, tais como a pirâmide invertida, os critérios de noticiabilidade e a limitação dos *deadlines*.

Firmadas as distinções entre a narrativa literária e a jornalística quanto à pretensão da verdade colocadas por Luiz Gonzaga Motta, este reitera restrições ao potencial narrativo do jornalismo factual, em comparação com a literatura, afirmando que naquele o narrador se encontra limitado na tentativa de encadeação dos fatos para construir uma história, na medida em que esses fatos ainda configuram um relato em aberto, em transição. Segundo ele, “o jornalismo transita na corda bamba entre a informação narrativa de boa qualidade e a informação vazia de má qualidade (pirâmide invertida) que não integra fatos e pessoas”. (MOTTA, 2004, p.6).

Um dos maiores diferenciais do jornalismo literário é exatamente, sem a imposição do uso da pirâmide invertida e a pressão dos *deadlines* (hora e dia exatos para encerrar os textos), poder contar histórias, senão fechadas – posto que são histórias de vida e têm sempre continuidade, ainda que no espectro da influência que exercem nos envolvidos –, mas coerentes, na medida em que o grau de aprofundamento do texto possibilita responder mais perguntas do que as tradicionais do *lead*. Não fosse assim, uma reportagem tão cheia de informações, personagens e detalhes, como *A Copa do Cabo ao Rio* (*Piauí* 44, maio de 2010), não poderia ser feita.

Uma das marcas que mais chamam a atenção no conjunto empírico desta pesquisa são as pautas diferenciadas de *Piauí*, é a visualização da fuga da revista em relação aos critérios de noticiabilidade tomados como referência no jornalismo em geral. Tais critérios foram abordados, na década de 1960, por Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge, e chamados de valores-notícia (1999, p. 64-67), num estudo que inspira abordagens de outros teóricos até hoje em dia, pois se mantém atual, bastando para isso observar os fatos que costumam se tornam notícias na grande imprensa.

As notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – noticiável (*newsworthy*). Aliás, a questão central do campo jornalístico é precisamente esta: o que é notícia? (WOLF, 2003, p.87).

Galtung e Ruge listaram os seguintes valores-notícia:

- 1) Frequência: quanto menos tempo for a duração de determinado fato, ou, em outras palavras, quanto mais a frequência do evento se assemelhar à do meio noticioso, mais tem chance de ser noticiado;
- 2) Amplitude: tem a ver com a dimensão do assunto em si. Um assassinato em massa tem mais noticiabilidade do que um assassinato individual, por exemplo;
- 3) Clareza: “É preferível um acontecimento com uma interpretação clara, livre de ambiguidades no seu significado, ao que é altamente ambíguo do qual muitas e inconsistentes implicações podem ser feitas”. (GALTUNG, RUGE, 1999, p.65);
- 4) Significância: a proximidade cultural ou geográfica entre a notícia e o público é determinante no interesse;
- 5) Consonância: ocorre quando mesmo em face da distância geográfica ou cultural, o jornalista constrói meios de aproximação entre o assunto e o leitor;
- 6) Inesperado: “O que é regular e institucionalizado, contínuo e repetitivo em intervalos regulares e pequenos, não atrai praticamente muita atenção.” (GALTUNG, RUGE, 1999, p.66);
- 7) Continuidade: o que em jornalismo costuma ser denominado suíte, ou seja, o fato e seus desdobramentos permanecem no noticiário durante algum tempo;
- 8) Composição: o conjunto noticioso deve conter temas variados, evitando-se um número exagerado de matérias de uma editoria em detrimentos de outras;
- 9) Proeminência: nações, pessoas, empresas importantes são mais noticiáveis;
- 10) Personalização: “Quanto mais o acontecimento puder ser visto em termos pessoais, devido à ação de indivíduos específicos, mais provável será a sua transformação em notícia.” (GALTUNG, RUGE, 1999, p.67);
- 11) Negatividade: notícia ruim desperta mais interesse do que notícia boa.

Podemos observar nas reportagens desta pesquisa a fuga em relação a vários desses critérios de noticiabilidade e de composição do *lead* jornalístico tradicional. Em *Campeões mundiais, uni-vos!* (*Piauí* 43, abril de 2010), no início do texto, vislumbra-se a primeira reunião da associação que reúne os campeões mundiais, ocorrida em 2006, como um momento de *flashback*. Ao longo das linhas, mostra-se como estão, onde vivem e como anda a vida dos campeões mundiais. Somente no penúltimo parágrafo, o aspecto mais polêmico – possivelmente mais noticiável – da história é contado: a tal premiação, que não encontra unanimidade de aceitação nem entre os potenciais beneficiados.

Existem os céticos, como o atacante Tostão (1970), que não se filiou. Ele tem reservas quanto a alguns objetivos da associação, tais como o pagamento de um prêmio de 100 mil reais à turma de 58, 62 e 70 e uma aposentadoria de 3 mil reais depois dos 60 anos para cada campeão do mundo - inclusive os de 1994 e 2002 -, medidas que contam com o apoio do governo federal. Tostão abriu mão dos dois benefícios. Entre outras razões, por considerar que elas são um precedente para que campeões mundiais de outros esportes passem também a reclamar dinheiro público. (FUJITA, 2010, p. 16).

Percebemos que o fato de essa informação ter sido deixada para o final, de maneira oposta ao que preceitua o *lead* jornalístico, não a torna menos importante; muito pelo contrário. A reboque de toda contextualização feita, o traço polêmico embutido no texto só é reforçado, na medida em que o aprofundamento do conjunto textual possibilita o fornecimento de mais elementos a serem considerados – prós e contras – para a avaliação do leitor.

A Copa do Cabo ao Rio (*Piauí* 44, maio de 2010) levou a repórter Daniela Pinheiro à África do Sul para observar os preparativos do país para a Copa de 2010, às vésperas do início da competição. Fugindo dos clichês de reportagens do gênero, que, em geral, versariam sobre o entusiasmo reinante no país com a aproximação do grande evento do futebol mundial, Daniela prefere começar sua história contando como seria importante para o subúrbio de Athlone, na Cidade do Cabo, ter sido escolhido como palco da semifinal da Copa, e quais critérios levaram a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) a não escolhê-lo: devido principalmente ao incômodo em exibir a pobreza e as favelas do lugar para todo o mundo através da TV.

Em geral, o jornalismo esportivo diário opta pela passagem do geral para o específico, usando normalmente o *lead* jornalístico (O quê? Quem? Como? Onde? Quando?

Por quê?) como norteador desse processo. Daniela Pinheiro faz o caminho inverso. Começa seu texto focando um pequeno microcosmo de tudo o que viu, dando destaque para o enfoque social relacionado ao subúrbio de Athlone. Na sequência, a reportagem sai da miséria de Athlone e joga luz sobre uma realidade bem diferente: o poder e a riqueza da FIFA, estabelecendo claro contraste.

A grande reportagem em *Piauí* tem uma marca bem característica: os blocos de texto. Estes blocos são relativamente independentes entre si quanto ao conteúdo, mas interligam-se no todo final, abordando diferentes ângulos do assunto e contribuindo para a riqueza e o aprofundamento da reportagem. A compreensão do terceiro bloco torna-se mais clara pela composição dos dois primeiros. Nele, a repórter conta o ocorrido na cidade de Nelspruit, onde as autoridades locais retiraram crianças de uma escola, colocando-as em instalações impróprias, apenas para atender as exigências do consórcio responsável pela construção do estádio de futebol da região. O consórcio requereu as instalações da escola para servir de base de apoio para seus funcionários.

Nessa composição bloco a bloco, um acontecimento é plenamente entendido caso haja o conhecimento de elementos narrados anterior ou posteriormente, que não necessariamente fazem uma relação direta com o assunto em questão, mas o explicam pelo contexto. Somente a partir do quarto bloco é que se pode observar uma visão mais geral. Somente aí a repórter começa a discorrer sobre os benefícios, malefícios e o legado decorrente da organização de um evento esportivo do porte de uma Copa do Mundo. O foco principal da reportagem vai sendo anunciado aos poucos; antes são colocados fatos e situações que introduzem o leitor no universo abordado, fatores específicos que contextualizam a visão geral da reportagem.

Em *A Copa do Cabo ao Rio, Piauí* aborda de maneira diferenciada um tema reconhecidamente noticiável. Mas a diferenciação começa muitas vezes pela própria escolha das pautas. Em *Não dá jogo* (Edição 46, julho de 2010), a revista se ocupa de contar a história profissional de José Orenstein, que trabalha fazendo o minuto-a-minuto de jogos de futebol, na seção online de esportes do jornal *O Estado de S. Paulo*. O minuto-a-minuto é a descrição resumida dos momentos mais importantes de um jogo, feita pela internet, que visa a proporcionar ao internauta a possibilidade de seguir o andamento da partida na rede mundial de computadores. O relato peculiar e bem humorado da curiosa função do personagem

justifica a realização da reportagem, uma vez que não há nela nada que possa ser classificado como noticiável.

16:16:45 fim do primeiro tempo?- O árbitro ergue o braço e os times vão para o vestiário do Ellis Park". Zé se estica e solta um suspiro fundo. É imediatamente caçoado por um dos seus chefes: "Isso é que dá pôr botafoguense pra cobrir jogo do Brasil." O rapaz desdenha?- já está acostumado a esse tipo de piada sem graça?- e decide fazer uma apreciação geral dos primeiros 45 minutos: "O Brasil mostra muita dificuldade de furar a retranca armada por Kim Jong-hun, técnico da Coreia do Norte. Kaká está mal em campo e não consegue dar criatividade ao time de Dunga. Robinho tenta criar espaços com dribles sem sucesso." Não é um texto para os anais da crônica esportiva nacional, mas é preciso levar em conta que Zé está descrevendo uma das exibições mais desbotadas da Seleção em anos. (BECKER, 2010, p. 10).

Ao ler histórias como as de José Orenstein, em *Não dá jogo*, percebe-se a perenidade tão valorizada no jornalismo literário. O texto pode ser lido em qualquer época, pois o essencial nele presente não se perde pelo assunto já não ser mais novo. A construção de arcabouços contextuais mais complexos ajuda a formar o efeito de perenidade. Mas há outro fator, intrínseco à essência das narrativas, que colabora nesse sentido: é um texto presentificado:

A lógica narrativa implica, idealmente, uma temporalidade que se poderia qualificar como sendo a do "presente perpétuo". O tempo é aqui constituído pelo encadeamento de inúmeras instâncias do discurso; ora, estas definem a própria idéia do presente. Fala-se a todo instante do acontecimento que se produz durante o próprio ato de falar; existe um paralelismo perfeito entre a série dos acontecimentos de que se fala e a série das instâncias do discurso. O discurso nunca está atrasado, nunca adiantado com relação ao que evoca. A todo instante também, as personagens vivem no presente, e somente no presente; a sucessão dos acontecimentos é regida por uma lógica própria, não é influenciada por nenhum fator externo. (TODOROV, 1970, p.180).

Notícia de morte é notícia quente. Principalmente se for morte de gente famosa. O fato: o fotojornalista inglês John Varley, pouco conhecido até mesmo entre seus colegas de profissão, morreu. Para *Piauí*, é pauta. A revista aproveita-se do mote para publicar o artigo *Uma imagem para ficar* (Edição 49, outubro de 2010), originalmente escrito pelo jornalista inglês Rob Hughes para o jornal *New York Times*, não sobre a morte em si de John Varley, mas a respeito de sua foto mais célebre: durante a Copa do Mundo de 1970, ao final da partida

entre Brasil e Inglaterra, o capitão do time inglês, Bobby Moore, e o melhor jogador do mundo na época, Pelé, cumprimentam-se carinhosamente e respeitosamente dentro do campo de jogo. A foto entrou para a história, tornou-se conhecida e considerada por muitos como uma das mais representativas que já foram feitas sobre futebol. É principalmente sobre ela de que trata o artigo.

Figura 1: Foto histórica de Pelé e Bobby Moore feita por John Varley.



Fonte: Google.

Numa passagem do texto de Rob Hughes, de certa forma, o jornalista resume a essência que podemos depreender do jornalismo esportivo-literário de *Piauí*: “John Varley, o fotógrafo, morreu em sua cidade natal, Yorkshire, no norte da Inglaterra. Varley, que tinha 76 anos, era um fotojornalista com um olhar sensível para o que estava além do noticiário” (HUGHES, 2010, p. 82). Segundo Hughes,

[...] na época, havia desconfiança em relação aos jogadores negros, algo ridículo quando se considera que Pelé era uma estrela mundial desde 1958. Isso se baseava na crença de que os não brancos careciam de vigor e de força física.

Essa foto ajudou a quebrar o preconceito. O encontro entre o inglês loiro de olhos azuis e o maior jogador da época, Pelé, ambos sem camisa, transcendia aquele absurdo. (HUGHES, 2010, p. 82).

Uma imagem para ficar é texto sobre futebol, mas principalmente sobre fotografia. Assim como em *A marretadas* (*Piauí* 47, agosto de 2010), podemos ver outro tipo de conexão, desta vez entre futebol a arquitetura. Aqui, o mote é a derrubada do Estádio Vivaldo Lima, o Vivaldão, localizado em Manaus, Amazonas, devido às reformas necessárias para a organização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Mas o foco da reportagem reside no aspecto arquitetônico, não no futebolístico. Há, sim, referências esportivas, claro. O interessado em jornalismo esportivo não se sente ludibriado ao deparar-se com o conteúdo, mas, na verdade, interessa mais aos apaixonados pela arquitetura.

De novo, *Piauí* aproveita-se do factual – a derrubada do tradicional estádio – para ir além do noticiário. Aborda o novo estádio que será construído, se havia mesmo a necessidade de ocorrer a substituição do velho pelo novo, as virtudes arquitetônicas do antigo estádio, bem como as qualidades de seu projetista, o arquiteto Severiano Porto. O tema pontual se irradia através de conhecimentos alternativos, fornecendo ao leitor uma informação adensada e conectada a outros tipos de interesses. Um belo exemplo de como a expansão do factual pode agregar valor e significado ao conteúdo abordado.

Somente a expansão do factual explica a escolha de uma pauta como a de *Sardinha forever* (*Piauí* 51, dezembro de 2010). Sardinha é um lustrador de móveis, não é famoso, um personagem comum, não fossem as estripulias que apronta na arquibancada quando joga a Portuguesa de Desportos. É o personagem e suas peculiaridades, tanto mais apreciáveis quanto mais detalhadas no texto, é que tornam o conteúdo interessante. É exatamente o detalhamento narrativo-literário que faz valer a existência de uma reportagem como esta, uma vez que sob a luz da factualidade do *lead* jornalístico seria difícil eleger Sardinha como notícia da ordem do dia: “Palavrões de toda estirpe vão saltando de sua garganta e se transformando numa discreta babinha branca no canto do lábio”. (CASSARO, 2010, p. 15).

Ir além do noticiário também pode ser o que motiva a realização de uma reportagem como *A solidão do juiz* (*Piauí* 50, novembro de 2010). Com *A solidão do juiz*, *Piauí* publica, digamos, um verdadeiro tratado filosófico-futebolístico sobre a natureza solitária que caracteriza a atuação em campo dos árbitros de futebol, responsáveis por inúmeras decisões em uma partida; decisões que cabem somente a eles e provocam reações puramente emocionais e muitas vezes passionais em milhares, às vezes milhões de pessoas. Decisões fruto de escolhas e interpretações de um único homem, o juiz de futebol.

O artigo contempla a grande responsabilidade que recai sobre os árbitros de futebol, a partir da obra do filósofo existencialista francês Jean Paul Sartre. O articulista classifica os árbitros de acordo com um modelo estabelecido por Sartre que categoriza os indivíduos de acordo precisamente com a forma como se comportam ante a necessidade da tomada de decisões certas, no momento certo. Sobre o árbitro, além disso, há ainda por cima a fiscalização de câmaras, por diferentes ângulos, a vigiar se as decisões são corretas ou não.

Qual é, então, o estilo ideal de arbitragem, que evita as várias armadilhas existenciais que Sartre descreve? Repete-se que os melhores árbitros são aqueles que fazem seu trabalho sem interromper o fluxo natural do jogo. Isso sugere um ideal do árbitro autêntico, que aceita a responsabilidade por suas decisões, sem exagerar sua autoridade ou negar a natureza contingente de sua posição.

O juiz autêntico dá o melhor de si para apitar bem, mas não finge que a situação é definitiva a ponto de não haver interpelações. Ele é confiante o suficiente para admitir ser possível haver mais do que uma visão de um incidente, e que outros podem ter chegado a uma conclusão diferente. No final, porém, é responsabilidade sua controlar o jogo, e ele enfrenta a situação quando é necessário tomar uma decisão. (CROWE, 2010, p. 70).

Este artigo ilustra de modo exemplar a essência embutida em todos os textos desta pesquisa. Poderíamos inclusive utilizar somente ele para mostrar vários aspectos importantes, sobretudo os que se referem às possibilidades do aprofundamento narrativo em contraposição à ditadura da noticiabilidade. Senão vejamos, o que há de noticiável neste artigo? *A solidão do juiz* é uma construção jornalística que só existe em função de seu próprio conteúdo, em função da reflexão que pode gerar. Por isso mesmo, não poderia ser expressa num formato rápido e resumido, através do *lead* jornalístico, por exemplo. O conteúdo pede um texto longo, detalhado e para ser lido em sua totalidade.

O jornalismo esportivo, aparentemente suprimido pelos conceitos sartrianos, emerge na matéria através de exemplos reais apontados no texto, envolvendo momentos em que as decisões do árbitro de futebol geraram polêmica e consequências. *A solidão do juiz* nos faz pensar como podemos não refletir, na pressa do dia a dia, movidos pelos mais diversos afazeres e paixões, não refletir sobre algo mais que a capa das coisas, ou no caso do jornalismo, sobre o factual expresso nos *leads*. O leitor habitual do jornalismo esportivo será possivelmente mais compreensivo ante os erros dos juízes após ler esta reportagem.

Qualquer notícia é um fragmento de história. Os acontecimentos são sempre mais complexos que a mais completa e pormenorizada reportagem. O jornalismo tenta retratar os fatos a partir de critérios de relevância, tanto no processo de escolha do que é notícia, quanto na eleição das principais perguntas que devem ser respondidas prioritariamente através do *lead*. Porém, tais critérios não preenchem as lacunas decorrentes do fato inegociável de que qualquer notícia é sempre um fragmento de história.

Nessa difícil tarefa, o jornalismo esportivo-literário de *Piauí* tenta intervir no sentido de ajudar o leitor a diminuir as lacunas, amenizar as imperfeições provocadas pela ação de contar a parte como se fosse o todo, pelos rompimentos na história total. O jornalismo esportivo-literário se propõe então a contextualizar para diminuir os hiatos e contar melhor as histórias não contempladas pelo jornalismo diário e que devem permanecer.

5. Considerações finais

Em 2010, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) estimou a audiência televisiva da partida final da Copa do Mundo, disputada na África do Sul, em mais de 760 milhões de pessoas em todo o mundo. O dado aponta a demanda por notícias que o jornalismo esportivo tem de atender. O esporte movimentava realmente o interesse de multidões. No caso do Brasil, o futebol muito mais do que os outros esportes.

Os números, as audiências, a demanda, o dinheiro envolvido no futebol de hoje em dia não negam que o contexto é imensamente diferente do que o que cercava os primeiros cronistas da época de Mario Filho e Nelson Rodrigues. É evidente que a realidade mudou. E de modo algum é intenção desta pesquisa desmerecer o modo pelo qual o jornalismo esportivo se pratica atualmente no Brasil. Porém, negar a historicidade dos primórdios do jornalismo esportivo brasileiro seria também negar o fato de que essa crônica antiga abriu portas para um jornalismo que falava de futebol quando o tema era considerado menor, seria não contemplar a matriz do que se faz atualmente.

O rol de possibilidades abertas pelo jornalismo esportivo-literário de *Piauí*, antes de negligenciar a necessidade e a urgência com que o público exige mais e mais conteúdo do jornalismo factual diário, vem para incrementar os fatos do dia a dia, através do ainda inexplorado e insondável potencial do ir além do noticiário – no que tange às vias de abordagem e à multiplicidade de pautas possíveis.

Nas dez reportagens desta pesquisa, *Piauí* não trata do que os outros já fazem com competência. O que a revista propõe é, por um lado, para os já apaixonados por futebol, sutis lembranças de o porquê dessa paixão neles ter se desenvolvido; por outro, para os que não gostam de futebol, suaves inquietações que os fazem pensar o que leva tantos a amarem o esporte.

Nos textos, personagens que já foram campeões na bola e continuam sendo na vida; gente que estabelece linhas de passes entre o futebol e suas atividades profissionais; histórias ficcionais quase palpáveis de tão reais; histórias reais quase ficções de tão incríveis. Nessa mistura, onde o futebol é ao mesmo tempo fermento e tempero, *Piauí* lança mão de técnicas narrativas para mostrar que ir além do noticiário não é necessariamente nada tão

complexo ou rebuscado, e sim simples, o tradicional e consagrado ato de contar uma boa história. De gente que joga, ama e vive o futebol.

Nesse sentido, o tema deste trabalho não tem fim, muito menos conclusão, uma vez que novas histórias sempre aparecerão para recontar as anteriores de outras formas. Apenas fica a certeza de que, quando os antigos cronistas sentiam emanar de suas veias a necessidade de reportar o futebol em linhas poéticas e emocionais, eles não estavam longe da verdade da relação do povo brasileiro com o chamado esporte bretão. Pois essa relação não é factual, é sentimental.

REFERÊNCIAS

AWAD, Elias. Um jogo, muitas pizzas. In: VILAS BOAS, Sérgio. *Formação e informação esportiva*. São Paulo: Summus, 2005. cap. 2. p. 43-58.

BECKER, Clara. Não dá jogo. *Revista Piauí*, n. 46, p. 10-11, jul. 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETING, Mauro. Pago para ver. In: VILAS BOAS, Sérgio. *Formação e informação esportiva*. São Paulo: Summus, 2005. cap. 1., p. 13-41.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert. Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: Nelson Traquina (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. CAP e PGS

CAETANO, Marcos. Craque não precisa jogar. . *Revista Piauí*, n. 43, p. 28, abr. 2010.

CAETANO, Marcos. O locutor insuportável. *Revista Piauí*, n. 46, p. 57, jul. 2010.

CAPRINO, Mônica Pegurer; ROSSETTI, Regina. Lead jornalístico: origens históricas e crítica prospectiva. *Comunicação e inovação*, São Caetano do Sul, v. 8, n. 14, p. 52-58, 2007. Disponível em:
http://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/673 .
Acesso em: 15 maio 2011.

CARVALHO, José Eduardo de. O discurso esportivo. In: VILAS BOAS, Sérgio. (Org.). *Formação e informação esportiva*. São Paulo: Summus, 2005. cap. 3, p. 59-75.

CASSARO, Fernando. Sardinha forever. *Revista Piauí*, n. 51, p. 15-16, dez. 2010.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CASTRO, Gustavo. *Jornalismo Literário*. 2005. Disponível em: <http://www.casadasmusas.org.br/downloads/Jornalismo%20Literario.pdf> Acessado em 20 de maio de 2011.

CIVITA, Roberto. *The New Journalism: a reportagem como criação literária*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COM “MELHOR contrato da história”, Corinthians assina com a Globo. Portal Terra, São Paulo, 22 mar. 2011. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/noticias/0,,OI5018539-EI1832,00-Com+melhor+contrato+da+historia+Corinthians+assina+com+a+Globo.html>. Acesso em: 01 jun 2011.

CONTIN, Aílton Alex; SILVEIRA, Milena de Castro. A sofisticação da reportagem: uma análise da aplicação dos recursos do jornalismo literário nas reportagens da revista *Piauí*. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. Disponível em: <http://200.136.53.130:13580/cdrom/2009/intercom/sudeste/cd/expocom/EX14-0187-1.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2009.

CROWE, Jonathan. A solidão do juiz. *Revista Piauí*, n. 50, p. 68-70, nov. 2010.

ESQUENAZI, Rose. *No túnel do tempo: uma memória afetiva da televisão brasileira*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

FUJITA, Fábio. Campeões mundiais: uni-vos! *Revista Piauí*, n. 43, p. 15-16, abr. 2010.

GALTUNG, J.; RUGE, M. H. A estrutura do noticiário estrangeiro. A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. CAP. PAG.

GRANDE Resenha Facit. 2010. Disponível em:
<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236422,00.html>. Acesso em: 25 mai 2011.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Marco Antônio; SANTORO, Marco Antônio. Futebol, imprensa e memória. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, v. 6, n. 1, 61-78. 2004.

HUGHES, Rob. Uma imagem para ficar, n. 49, p. 82, out. 2010.

KINSKY, Fernanda; MARINHO, Vanessa. Pessoal da *Piauí* diz que revista está mais para a Realidade e a *The New Yorker* 28 out. 2009. Disponível em:
<http://blogdarevistadiners.blogspot.com/2009/10/entrelace.html>. Acesso em: 03 jun. 2011.

LUCENA, R. de F. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARQUES, J.C.. A literatura invade a grande área (a crônica durante as Copas do Mundo de futebol). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, p. 55-71, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *Revista e-compós*, Brasília, n. 1, p. 1-26, dez. 2004. Disponível na Internet via:
<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/8/9>. Acessado em: 22 de nov 2009.

NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. Intercom, 2007. Artigo disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>>. Acesso em: 20 de maio. 2011. Completar a referencia

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra, 2004.

PIAUI ESPECIAL. São Paulo. Volume, numero, mês e ano. (Edição especial feita para anunciantes), Alvinegra, s.d.

PINHEIRO, Daniela. A Copa do Cabo ao Rio. *Revista Piauí*, n. 44, p. 42-49, maio 2010.

RAMOS, Graciliano. Traços a esmo. 1921. Disponível em:
<http://portalliteral.terra.com.br/artigos/tracos-a-esmo>. Acessado em 01 de março de 2011.
Acesso em: 01 mar 2011.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-latas. In: _____. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.51-52.

RODRIGUES, Nelson. *Mário Filho, o criador de multidões*. In: MARON FILHO, O.; FERREIRA, R. (Orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa, 1987.

ROSMANINHO, Andreia. Técnicas de produção em jornalismo literário sob a perspectiva euclidiana: propostas e considerações. *Todas as letras*. São Paulo, v. 8. n.1, p. 66-72. 2006. Disponível em: <http://www3.mackenzie.com.br/editora/index.php/tl/article/viewFile/842/544>. Acesso em: 09 mai. 2011.

SANCHEZ, J.F. *El periodista como contador de histórias, Estudos de periodística*. Madrid: Universidad Complutense, 1992.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

SERAPIÃO, Fernando. A marretadas. *Revista Piauí*, n. 47, p. 82, ago. 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TARDÁGUILA, Cristina. Estamos de olho, Dunga. *Revista Piauí*, n. 45, p. 10-11, jun. 2010.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

TODOROV, Tzvetan. *Poética*. Lisboa: Teorema, 1986.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: Questões, teorias e estórias*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social*. São Paulo: Paulus, 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. (Org.). *Formação e informação esportiva*. São Paulo: Summus, 2005.

VILAS BOAS, Sergio. *O estilo Magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXOS

Anexo A – TEXTOS DE *PIAUI* ESTUDADOS NA MONOGRAFIA

Texto 1

Campeões mundiais, uni-vos! | *Piauí* 43 | *Esquina* | Abril de 2010 | Por Fabio Fujita
Os conchavos do pessoal de 58, 62, 70, 94 e 2002

Dadá Maravilha olhou para a multidão de goleiros à sua frente e não piscou: "Eu faria gol em todos vocês." Ele se dirigia a Félix, Ado, Taffarel, Zetti e Gilmar Rinaldi, num encontro que, só pelo ineditismo, já mereceria ficar na história. Talvez por isso, Dadá tenha aproveitado para desafogar a onipotência que contribuía tão de perto para torná-lo um dos mais eficientes atacantes do futebol brasileiro de todos os tempos. A reunião, ocorrida em 2006, inaugurava as atividades da Associação dos Campeões Mundiais de Futebol do Brasil, fundada para congregar um seleto grupo de pessoas que, a partir de 2002, deu a cada brasileiro o direito de sacanear um argentino com o berro gratuito de *Penta-cam-pe-ão!*

A associação nasceu para mitigar a desventura de vários campeões do mundo. Em 2000, o goleiro Gilmar dos Santos Neves (1958/1962) sofreu um AVC, infortúnio que, por essa mesma época, também pegou o zagueiro Orlando Peçanha (1958). Bellini, companheiro de zaga de Orlando, vinha sofrendo de Alzheimer. Diante desse quadro sombrio, o filho de Gilmar, Marcelo Neves, achou que era preciso fazer alguma coisa. Organizou uma exposição itinerante com relíquias pessoais dos ex-campeões, promoveu um leilão de bolas assinadas por celebridades do naipe de Pelé, Giorgio Armani e Adriane Galisteu, montou uma loja virtual de camisas dos escretos campeões, virou, mexeu e enfim tirou algum leite de pedra para ajudar os ex-atletas em precisão – e outros nem tanto, como se verá.

Filho do goleiro que trancou o gol do Brasil nos mundiais de 1958 e 1962, Marcelo aprendeu bem cedo que santo de casa não faz milagre. Entre um volante perna-de-pau do momento e um fino jogador do século xx, o torcedor brasileiro tende a não pensar duas vezes e, feito amante de filme em estação de trem, provavelmente se atirá com o coração

palpitando nos braços do pereba. Gilmar recebe pelo menos vinte cartas por mês de torcedores. Infelizmente, quase todos são gringos, admiradores que costumam enfiar no envelope fotos do goleiro que o próprio filho desconhecia.

"No verso, quase sempre eles indicam o lugar onde o pai deve dar o autógrafo", conta Marcelo. "Muitos pedem que ele autografe também uns pedacinhos avulsos de papel, provavelmente pra trocar com outros colecionadores." A coisa é tão direita que às vezes vem até um dinheirinho anexado. Os fãs, boa parte deles da ex-Tchecoslováquia, adversária do Brasil na Copa de 62, têm a gentileza de não esquecer que ir ao correio exige transporte e que selo não nasce em árvore.

Não se pense que isso é saudosismo ocioso de um punhado de velhinhos perdidos nos Cárpatos. Em 2006, a convite da FIFA, os campeões dos sete países que já ganharam a Copa do Mundo foram a Munique receber homenagens. Do lado de fora do hotel, torcedores de diversas gerações disputavam autógrafos de gente como Franz Beckenbauer e Gerd Müller. Marcelo estava lá como representante do pai. Sensato, imaginou que seria uma sardinha sem graça em meio ao exuberante cardume de peixões. Enganou-se. "Quando saí, fui cercado por umas vinte pessoas que tinham álbuns do meu pai. Eu estava na Alemanha, era só o filho de um campeão, e mesmo assim fui reconhecido."

Empresas esportivas também costumam não se esquecer dos campeões do mundo, mas nem sempre se lembram de avisá-los. Certa vez, ao entrar na filial paulistana da Nike, atual fornecedora dos uniformes da seleção brasileira, Marcelo Neves foi surpreendido pela decoração das paredes. Eram grandes fotos de Zito (1958), Zózimo (1958/1962) e seu pai, Gilmar. "Falaram que era uma homenagem. É sempre homenagem", lamenta. O problema é particularmente doloroso para os que tiveram a pouca sorte de serem muito bons antes que a fama se traduzisse em contracheques – digamos, quase todos do tricampeonato 58/62/70.

São 81 campeões mundiais brasileiros vivos, e todos foram contatados pela associação. A adesão não foi universal. Esteja onde estiver, o zagueiro reserva de 2002, Anderson Polga, poderá dizer aos admiradores que esse é mais um ponto em comum entre ele e Pelé. Polga não deu retorno. Já Pelé exige luvas de pelica, pois é um legítimo "caso especial" - sua filiação poderia gerar atritos com empresas que exploram sua imagem. Vários exigiram perícia de detetive para serem localizados. O atacante botafoguense Amarildo

(1962) se filiou há menos de um ano, depois de viver trinta anos na Europa. O meia Moacir (1958) mora há décadas no Equador.

Mais difícil do que eles, só Belletti (2002), que tem endereço conhecido e cujo esforço na lateral direita pode ser acompanhado todo fim de semana pelos canais que transmitem o campeonato inglês. Como aos outros jogadores que entraram para o *grand monde* do futebol internacional, chega-se a Belletti depois de vencer uma constelação de intermediários. Conforme a última orientação recebida por Marcelo, o melhor era que a proposta de filiação fosse endereçada à administração do estádio do Chelsea, clube londrino pelo qual Belletti joga atualmente. Com Kaká (2002) foi bem mais simples. Ele já pediu a ficha de inscrição.

A turma de 1994 reúne o pessoal que mais tem suado a camisa pela associação. O ex-atacante Paulo Sérgio, por exemplo, não titubeia antes de calçar as chuteiras para participar de peladas promocionais com renda revertida para os jogadores em situação precária. "Ele está muito bem de vida, soube guardar dinheiro quando jogou na Alemanha. Mesmo assim, pelos outros, ele joga bola com a gente", conta Marcelo.

Existem os céticos, como o atacante Tostão (1970), que não se filiou. Ele tem reservas quanto a alguns objetivos da associação, tais como o pagamento de um prêmio de 100 mil reais à turma de 58, 62 e 70 e uma aposentadoria de 3 mil reais depois dos 60 anos para cada campeão do mundo - inclusive os de 1994 e 2002 -, medidas que contam com o apoio do governo federal. Tostão abriu mão dos dois benefícios. Entre outras razões, por considerar que elas são um precedente para que campeões mundiais de outros esportes passem também a reclamar dinheiro público. O contra-argumento de Marcelo é que, até 1970, a profissão de futebol não era regulamentada e que os jogadores de 58, 62 e 70 não tiveram aposentadoria. Resta encontrar uma boa explicação para o espetáculo espantoso de potentados como Ronaldinho Gaúcho (2002), Ronaldo Fenômeno (1994/2002) e Kaká, para citar só alguns, recebendo 3 mil reais da Viúva quando chegarem à terceira idade. Isto, se aceitarem, claro.

No final de março houve a primeira eleição da entidade, com chapa única. Em meio ao jogo de vaidades, escolheu-se o lateral direito Carlos Alberto Torres (1970) como presidente de honra - "Vou requerer a minha aposentadoria" - e Marcelo Neves como presidente-executivo. Único presidente até aqui, Marcelo se via um tanto deslocado na função. Ser campeão do mundo é bem diferente de ser filho de campeão do mundo. "Campeão mundial

olha de outra maneira para quem não é", diz com resignação. Não se pode censurá-los por isso.

Texto 2

Craque não precisa jogar | Piauí 43 | *Tipos Brasileiros* | Abril de 2010 | Por Marcos Caetano

Embora sem ter atuado ultimamente, Uevinho Catarinense continua a ser o mais caro jogador do planeta. E pleiteia uma vaga na Seleção

Meu nome é Uéverson Rosicley dos Santos, tenho 26 anos e sou conhecido como Uevinho Catarinense, o melhor jogador do mundo das últimas três temporadas. O apelido surgiu quando eu jogava no Hercílio Luz junto com outro garoto, um paranaense chamado Uéversandro. Aí decidiram chamar a gente de Uevinho Catarinense e Uevinho Paranaense. Não sei bem por onde anda o xará Paranaense, mas acho que está na Ucrânia, na Coreia ou em algum outro desses países pequeninos da Europa.

Como precisei largar o colégio para correr atrás do meu sonho, não sou muito bom de escrita. De forma que quem está botando em palavras os meus pensamentos é o meu assessor de imprensa, Ricardo Preá, o cara mais inteligente que conheci nos tempos de internato. Tão inteligente que, de todos os moleques da Cruzada de São Judas, foi o único que fez faculdade de jornalismo, na Unitosca, Universidade Técnica Operacional de Santa Catarina. Ele me falou que, como sou muito importante, um revisor dará mais uns tapas no texto. Por isso, essas mau traçada estão à altura do meu futebol. "Deus é fiel."

Para começo de conversa, ando chateado com a imprensa esportiva. O pessoal vem pegando no meu pé, e não é de hoje. Não adianta nada eu ganhar todo ano o título de melhor jogador do mundo. Eles cismam que tenho que ir a treinos, beber menos, controlar o peso, fazer gol todo final de semana, ser artilheiro do campeonato, essas besteiras que cansei de fazer na carreira. É como se ainda tivesse que provar o quanto sou bom de bola.

Fala sério: precisa mais do que aquele comercial que fiz para uma empresa de telefone, para todo mundo ver que sou bom de bola? Pombas, foram 35 embaixadinhas com uma caixa de aparelho de celular, sem deixar cair. O telefone não estava dentro da caixa,

porque aí ficava pesado demais, mas fiz 35 embaixadinhas de verdade, sem deixar o raio da caixinha cair. Não teve truque de edição, como em muita publicidade que vejo por aí. E aquela paradinha na nuca que eu fiz com a berinjela para uma rede de supermercados também foi para valer. E o engradado do anúncio da cerveja eu bebi mesmo, uma por uma! O que mais eu

preciso provar? Mas não tem problema. “Tudo posso n’Aquele que me fortalece.”

Esses palhaços desses jornalistas dizem que eu estava esquentando o banco no meu time, lá na Europa. Ora, o West Ham é uma droga de time. Só fui para lá porque o Arsenal, que me comprou do Figueirense por 80 milhões de euros, em 2006, me emprestou para o Aston Villa, que me repassou para o Blackburn, que acabou me cedendo a essa porqueira do West Ham. West Ham? Que palhaçada é essa? Que time é esse que se chama, em português, Presunto do Oeste? Não dava para continuar lá. Ainda mais na reserva de um garoto do Lesoto. Vim embora. Forcei minha transferência, por empréstimo, para o Figueirense.

Aqui, estou em casa. Perto dos amigos, da Igreja do Tabernáculo da Graça dos Apóstolos da Revelação Eucarística Civil, da danceteria Biblo's, da praia, dos meus oito carros e dos meus quatro -filhos, que moram em quatro cidades perto de Florianópolis, cada um com sua mãe, menos um, o Uevercleisson, que mora com minha ex-sogra. No Figueira, vou reconquistar o meu lugar na Seleção e brilhar na Copa. Esperem para ver. "Mil poderão cair ao teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido."

Esse negócio de futebol tem muito a ver com o emocional, entende? Se a gente não está feliz com o idioma, a cidade que mora, o horário dos treinos, o frio, as boates, o jeitão do técnico, o mulherio, a saudade da picanha na chuleta, o peso da bola, as cores da camisa do time, não tem jeito.

E tem o negócio do ritmo também. Minha última partida foi há mais de oito meses. Entrei no finalzinho, contra o Aberdeen. Não fiz gol, nosso time perdeu de 3 x 1, mas lembro perfeitamente de ter dado duas pedaladas e um chapéu daqueles bem curtos, no estilo penteia macaco, que foram umas pinturas. No dia seguinte, o jornal de Presunto do Oeste me deu uma nota três. Não é só no Brasil que jornalista esportivo é tudo sem-vergonha.

Na primeira metade da minha temporada no Arsenal, marquei 23 gols. Na segunda metade, caí um pouquinho na noite, e aí caí também um pouquinho de produção. Mas

marquei dois gols. E começaram a pegar no meu pé. Vejam vocês: fiz 25 gols na temporada e só faltaram me pregar na cruz. Se não fosse atleta de Cristo, mandava - Amém! - todo mundo para o inferno. Não há de ser nada. "A sua descendência será poderosa na Terra; a geração dos retos será abençoada."

Graças ao Nosso Senhor Jesus Cristo - eia! - existem pessoas que sabem dar valor ao talento. Quando voltei para o Figueira, mais de 2 mil pessoas foram me recepcionar no estádio. Três semanas depois, quando voltei aos treinos, muita gente voltou a visitar o clube para me prestigiar. Devo estrear daqui a nove rodadas, na reta final do Campeonato Catarinense. Prometo, ainda assim, lutar pela artilharia.

Não foi fácil para a diretoria me trazer de volta. Meu salário ainda é o mesmo dos tempos do Arsenal (disso eu não abro mão de jeito nenhum: tenho uma obra assistencial a manter, além de oito carros, quatro ex-mulheres, quatro filhos e uma ex-sogra) e foi preciso arranjar nove patrocinadores para viabilizar a negociação: uma montadora, uma telefônica, uma cervejota, uma marca de caninha (que nem é a que eu gosto), um tônico capilar, um curso de inglês, uma empresa de quentinhas, uma marca de cueca e um remédio para disfunção erétil, que não sei bem o que é, mas parece que é coisa de boiola.

A camisa ficou linda, toda colorida, com aquele monte de marcas. Parece macacão de piloto de Fórmula 1. O cara do marketing lá do clube disse que ela passa modernidade, calor, umas coisas assim, sei lá. O problema é que, como toda a renda de patrocínios é usada para pagar o meu salário, os outros jogadores - cambada de invejosos sem fé em Deus - ficam reclamando com o técnico, fazendo corpo mole e não me -passam a bola. Ora, tem que ser craque de verdade para poder fazer corpo mole, e eles estão longe disso. "Ó Senhor dos exércitos, bem-aventurado o homem que em Ti põe sua confiança."

Agora que voltei para o Brasil, só me falta mesmo obter uma última graça - Amém, Deus esteja, eia! -, que é voltar à Seleção. O professor já me convocou algumas vezes. A última foi há dois anos, na derrota de 2 x 0 para a Islândia, mas sei que ele gostou da minha atuação naquele jogo e respeita muito o meu trabalho. A lista para a Copa sai daqui a uma semana e eu devo voltar aos gramados em um mês. O melhor do mundo da Fifa não pode ficar fora do maior evento do futebol, o Senhor seja louvado!

Vou rezar 99 novenas para ser convocado e sei que meu nome será lembrado. Quem sabe jogar não esquece. Estou fazendo um trabalho à parte do grupo, lá no clube, e espero

perder os 16 quilos que estou acima do peso em duas ou três semanas de trabalho duro, das 11h às 12h45, de terça a quinta, pulando a quarta porque ninguém é de ferro.

Nunca estive tão empenhado. Espero que o que escrevi aqui, com a ajuda de Nosso Senhor Jesus Cristo e do amigo Preá, sirva para mostrar toda a perseguição que venho sofrendo da imprensa. Que as calúnias - Amém! Eia! - sejam trocadas pelo perdão. Vou trazer esse hexa para o Brasil, nem que, para isso, tenha que treinar até mesmo nas manhãs de segunda... de quinze em quinze dias. Epa rei, minha Nossa Senhora dos Atacantes que Caem pela Esquerda! Concedei-me essa graça. "Sangue de Jesus tem poder."

Texto 3

A Copa do Cabo ao Rio | Piauí 44 | *Questões Econômico-Ludopédicas* | Maio de 2010 |
Por Daniela Pinheiro

Numa época em que futebol e televisão viraram uma coisa só, o que a África do Sul ganhou e perdeu com a Copa – e o que o Brasil pretende fazer até 2014

Cerca de 130 mil pessoas moram no subúrbio de Athlone, a 10 quilômetros da Cidade do Cabo. A maioria delas é pobre, desempregada e negra. Numa paisagem baldia e repleta de favelas, uma das poucas atrações é o estádio de futebol, com capacidade para 30 mil torcedores, palco das finais do campeonato regional. Encarregados de selecionar os locais dos jogos da Copa do Mundo na cidade, onde no próximo dia 6 de julho será disputada a semifinal, a prefeitura e o governo da província sugeriram Athlone. As autoridades vislumbraram a possibilidade de, finalmente, criar empregos na periferia da segunda maior cidade do país. A ideia era aproveitar o evento para pavimentar avenidas, construir novas casas, reformar as antigas, incrementar o transporte público.

Há três anos, uma comitiva da Fifa, a Federação Internacional de Futebol, visitou os estádios selecionados pelos sul-africanos. Na Cidade do Cabo, ela foi informada da importância da escolha de Athlone para o incremento da área e a melhoria da vida de milhares de pessoas que moram ali. Ao visitar o estádio, no entanto, a comitiva estava mais interessada no público global da Copa do que na particularidade nacional. "Os bilhões de espectadores

não querem ver favelas e pobreza pela televisão", disse um dos inspetores da Fifa ao jornal *Mail & Guardian*.

O governo regional e a prefeitura logo mudaram de opinião. O então presidente Thabo Mbeki também tomou posição, dizendo que "a Fifa tinha o direito de exigir o mais alto padrão possível e a África do Sul deveria ter o bom-senso de seguir a indicação". Quatro meses depois, com o argumento oficial de que a semifinal precisava de um estádio maior, Athlone foi dispensada. Anunciou-se a construção de um novo estádio, com 68 mil lugares, num dos bairros mais ricos da Cidade do Cabo.

O estádio Green Point foi erguido entre o mar e a Table Mountain, o cartão postal da cidade. Ele está a cinco minutos a pé do luxuoso centro comercial Victoria & Alfred Waterfront e faz fronteira com um campo de golfe. A área, que era uma das poucas reservas verdes da cidade, foi substituída pela faraônica arena em forma de banheira e estacionamentos a perder de vista. Financiada com dinheiro público, a obra custou 1,1 bilhão de reais, quase quatro vezes mais do que o previsto. "Ou era isso ou não tinha Copa", argumentou o vice-prefeito Ian Nielson, quando o estádio foi licitado.

Fundada em 1904, a Fédération Internationale de Football Association tem uma estrutura pequena. Na sede da entidade, em Zurique, na Suíça, trabalham 310 funcionários. Nos 208 países que a integram, pouco mais de mil pessoas estão na sua folha de pagamentos. Já na Onu, com 192 nações filiadas, trabalham mais de 40 mil pessoas. A burocracia enxuta é replicada pelas seis confederações regionais que estão sob sua égide. A que reúne as seleções das Américas do Norte e Central e o Caribe tem quarenta funcionários. E a Confederação Brasileira de Futebol ocupa apenas um andar na Barra da Tijuca, no Rio, onde trabalham cinquenta pessoas.

Ainda assim, como escreveu o escritor uruguaio Eduardo Galeano, "a Fifa é o fmi do futebol". Poucas instituições internacionais são tão poderosas, ricas e fechadas quanto a que organiza os campeonatos de futebol mundo afora. Ela é responsável pela comercialização de qualquer produto ligado ao futebol profissional, patrocínios e direitos televisivos. Está no centro de um mercado que movimenta 250 bilhões de dólares anualmente. No ano passado, faturou 1 bilhão de dólares com um lucro líquido de quase 200 milhões de dólares. Só com a Copa da África do Sul, ganhou 3,8 bilhões de dólares.

Os 24 membros do comitê executivo da entidade gastam seu tempo viajando pelo mundo, inspecionando estádios e times, negociando com Estados e multinacionais, articulando alianças com lideranças locais e nacionais. Além de hotéis cinco estrelas, passagens de primeira classe, Mercedes pretas com motoristas, eles têm despesas autorizadas de até 500 euros diários. Avalia-se que recebam honorários próximos de 50 mil dólares, enquanto o salário do secretário-geral chegaria ao dobro. Os ganhos e despesas do presidente da Fifa nunca foram divulgados. A renovação no comitê é baixíssima. A maioria dos cartolas está no cargo há pelo menos quinze anos.

Um país que queira sediar a Copa do Mundo tem que aceitar todas as exigências listadas no chamado "Cadernos de Encargos" da Fifa. Se necessário, a legislação nacional é modificada. O Caderno especifica o tamanho dos estádios e das suas cadeiras, o tempo em que deve ser esvaziado em caso de emergência, a quantidade de banheiros, o número de minutos que se leva para ir dos centros de imprensa aos estádios, a dimensão das salas para acolher 14 500 convidados vip e vvip (chefes de Estado, de governo e celebridades) e até a intensidade da luz em caso de apagão.

Também obriga o anfitrião a conceder vistos de trabalho ao pessoal estrangeiro (mesmo que não haja acordos diplomáticos entre os dois países), dar isenção de taxas alfandegárias para todo o material relacionado ao evento, garantir a livre transferência de divisas e bancar a infraestrutura necessária para transportes e telecomunicações.

O Parlamento da África do Sul concedeu à Copa, em 2006, o status de "evento protegido" por uma legislação específica. No Brasil, as negociações para aprovar uma lei fiscal e uma geral que regulamentarão o mundial de 2014 já estão em negociação entre a Presidência da República, o Ministério do Esporte e a Fifa.

Um dos problemas à vista é a venda de bebidas alcoólicas nos estádios e em áreas de seu entorno, o que é proibido no Brasil, mas que é capital durante os jogos da Copa: a Budweiser e a AmBev estão entre os maiores patrocinadores. "Isso será discutido mais para frente", disse o advogado Francisco Müssnich em um café da manhã, no Rio. "Durante a Copa, não há briga de torcida nem confusão como em jogos de campeonatos nacionais, o que motivou a proibição da venda de bebida no estádio." Müssnich é responsável por toda a parte jurídica do Comitê Organizador no Brasil.

A Federação também exige que o país-sede assine um termo reconhecendo o direito exclusivo da entidade para a exploração comercial dos jogos, o que inclui publicidade, marketing, licenciamento, direitos de transmissão e até o controle das vizinhanças dos estádios. A Fifa tem soberania no raio de um quilômetro em volta do local dos jogos. Nesse perímetro, até a circulação de cachorros é controlada pela entidade. Ali, só podem ser comercializados serviços e mercadorias dos patrocinadores oficiais. E um percentual de tudo o que vendem vai automaticamente para os cofres da Fifa.

Se um bar ou restaurante quiser exibir os jogos da Copa em televisões ou telões, terá que pagar direitos autorais à emissora que os transmite, a qual destina uma parte deles à Federação. Pagará também diretamente à Fifa uma licença de venda de bebida alcoólica. Na África do Sul, pela mesma lei, um camelô que mencione a expressão "Copa do Mundo" ou até "2010" na hora de vender seus cacarecos corre o risco de ser preso pela polícia.

"São demandas infundáveis e, algumas, inconstitucionais", disse-me a deputada Patricia de Lille, do partido Democratas Independentes, em seu gabinete parlamentar na Cidade do Cabo. Em um país com índice de desemprego beirando os 40%, onde metade da população vive com menos de 1 dólar por dia, De Lille acredita que os sul-africanos deveriam ter sido informados e consultados sobre o uso de verbas públicas nas obras para o mundial de futebol.

"É uma Copa elitista, que não se preocupou com o grosso dos fãs do esporte, o povo negro e desassistido, nem com o público das outras nações africanas, incapazes de pagar os preços dos ingressos e da acomodação que têm sido cobrados", disse a deputada, uma veterana da luta contra o apartheid. Menos de 2% dos ingressos foram vendidos para africanos fora da África do Sul.

O Parque Kruger, no nordeste do país, é a maior reserva natural da África. Em 2006, um consórcio ganhou a licitação para a construção de um estádio na entrada do Kruger, na cidade de Nelspruit. Entre as exigências do grupo, estava a de que engenheiros e trabalhadores especializados fossem instalados em locais onde a luz e os aparelhos de ar-condicionado estivessem garantidos. A única edificação em condições era uma escola primária de uma favela perto da obra. O governo da província não teve dúvida: há três anos a escola abriga o alojamento dos trabalhadores. As crianças foram transferidas para salas de aula provisórias, em contêineres de alumínio sem ventilação ou janelas.

Com colunas cor de laranja que lembram girafas gigantes, o estádio de Nelspruit custou 140 milhões de dólares. Palco de quatro dos 64 jogos, ele será usado por apenas seis horas durante a Copa. E dificilmente conseguirá depois lotar seus 46 mil lugares. Sua construção foi acompanhada por um escarcéu de suspeitas de corrupção, superfaturamento e desvio de verbas.

A contragosto, o governo formou uma comissão de inquérito para apurar as denúncias. Uma semana antes de ser convocado a prestar depoimento, o porta-voz de uma comunidade pobre da região, Jimmy Mohala, foi assassinado em frente à sua casa por homens encapuzados. No início do ano, Sammy Mpatlanyane, vice-diretor do Departamento de Esportes, Cultura e Recreação, também foi morto a tiros.

A Fifa rechaça a pecha de elitismo. Argumenta ter reservado 174 mil ingressos a serem distribuídos entre jovens pobres e operários que trabalharam nas obras da Copa. E cita os estádios de Ellis Park e o de Pretória, na proximidade de grandes favelas, como exemplos de ajuda a áreas miseráveis.

Apesar das entradas financeiras milionárias, a Federação é considerada, legalmente, uma entidade sem fins lucrativos. Seus gastos se resumem à organização de campeonatos, viagens de cartolas, repasses para times e confederações e prêmios para jogadores e seleções. Ela distribuirá nesse ano 420 milhões de dólares em prêmios e ajuda aos 32 times do mundial. É quase o dobro pago na Copa da Alemanha, em 2006. A seleção campeã ganhará 30 milhões de dólares; a vice, 24 milhões.

Para a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, o comitê organizador local receberá um aporte de 100 milhões de dólares. Caberá ao comitê, em associação com os administradores locais (clubes, governadores e prefeitos), iniciar obras de infraestrutura nas cidades-sede e de reforma de estádios.

A Fifa nunca perde dinheiro. Mesmo que o evento seja um fracasso, não há prejuízo. Ela sempre faz um seguro para se garantir contra qualquer eventualidade. Para as Copas de 2010 e 2014, bateu o recorde: 650 milhões de dólares de cobertura para o caso de algo sair errado.

Nas últimas décadas, as grandes competições esportivas passaram a ser vistas como uma oportunidade de recuperação de cidades. Haveria, de um lado, o aspecto material: a

obrigação de organizar o torneio num período determinado e curto levaria os políticos locais a planejar a intervenção urbana, de modo a bem aproveitar os investimentos externos e internos, aumentar turismo e gerar empregos.

De outro, existiria o aspecto imaterial: durante os dias de campeonato, a cidade ou país teriam a imagem difundida para uma plateia globalizada, o que supostamente aumentaria a chamada autoestima da população local e, numa suposição mais tênue ainda, atrairia mais investimento e turistas no futuro.

Na carta de intenções enviada à Fifa pleiteando a candidatura sul-africana, o presidente Thabo Mbeki escreveu que a aprovação do país significava o "renascimento africano". Argumentou que os jogos trariam crescimento econômico e orgulho nacional, deixando para trás "séculos de conflitos e pobreza". O arcebispo emérito Desmond Tutu disse que o mundial teria um impacto tão forte para os negros da África do Sul quanto a eleição de Barack Obama nos Estados Unidos. Uma estatística recente mostrou que 74% da população acredita que a Copa do Mundo trará benefícios sociais e econômicos.

O governo previa gastar cerca de 450 milhões de dólares na empreitada. Até agora, porém, gastou mais de 6 bilhões. Em seis anos, foram construídos cinco estádios e outros cinco foram reformados. O de Durban, que tem um bondinho que atravessa toda sua cobertura, foi planejado com a intenção de se transformar em um marco urbanístico da cidade, assim como a Ópera de Sydney ou o museu Guggenheim, em Bilbao.

Um novo aeroporto foi erguido e sete passaram por remodelações que os igualaram aos terminais europeus. Surgiram 35 novos grandes hotéis e o projeto de um trem de alta velocidade ligando Pretória a Joanesburgo saiu do papel (mas apenas o trecho entre o aeroporto e o bairro de Sandton estará pronto a tempo para o mundial). Só nas cerimônias de abertura e encerramento serão gastos 18 milhões de dólares.

"O mundo inteiro estará olhando para nós", disse Moloto Mothapo, porta-voz do Congresso Nacional Africano, o partido que está há dezesseis anos no poder. "Durante um mês, 15 mil jornalistas vão escrever e falar sobre a África do Sul. São mais de 400 emissoras de rádio e televisão. Isso é uma exposição que não tem preço."

O poder da divulgação de imagens fez com que o emir Hamad al-Thani, um dos homens mais ricos do mundo, negociasse com a Fifa bancar sozinho os 4,5 bilhões de dólares previstos para a organização da Copa de 2022* no seu país, o Catar.

Durante cinco anos, baseado nas experiências de países que sediaram campeonatos esportivos internacionais, um grupo de pesquisadores estudou os possíveis impactos da Copa na economia, na sociedade e na configuração urbana da África do Sul. O resultado da pesquisa está no livro *Desenvolvimento e Sonhos: o Legado Urbano da Copa do Mundo de 2010*, publicado no ano passado. A conclusão geral é que os benefícios materiais da Copa são decepcionantes.

Os textos mostram que as previsões costumam ser totalmente desmentidas pelos fatos. Os estudiosos sustentam que os países-sede têm de arcar com os prejuízos e com a manutenção de obras, mas elas quase nunca são reaproveitadas depois que a festa acaba. É praticamente impossível, dizem, recuperar os investimentos feitos para preparar o campeonato.

No aspecto imaterial, as perspectivas são melhores. Os dezoito ensaios afirmam que os maiores legados para as nações que organizam megaeventos esportivos são a exposição midiática, a melhoria na imagem internacional e o aumento da autoestima popular. As três heranças seriam maiores nos países em desenvolvimento. Seria o caso da China, que investiu 38 bilhões de dólares na Olimpíada de 2008 e conseguiu com que os jogos solidificassem, em todo o planeta, a nova imagem do país: capitalista, pujante, organizado e ditatorial.

Outro estudo, feito pelos americanos Robert Baade e Victor Matheson, do Lake Forest College, em Illinois, comparou o crescimento econômico, entre 1970 e 2000, de treze cidades que sediaram copas. Chegaram à conclusão que o desenvolvimento acompanhou as oscilações da economia mundial no período.

Em 2002, a Fifa previu que um milhão de turistas desembarcaria no Japão e na Coreia do Sul para assistir aos jogos da Copa, que foram divididos entre os dois países. O Japão atraiu 30 mil turistas a mais e a Coreia do Sul registrou o mesmo número de visitantes do ano anterior. A maioria dos estádios construídos continua sem uso. Em 2007, os gastos da União, estado e do município do Rio de Janeiro nos Jogos Pan-Americanos foram calculados em 409 milhões de reais, mas o evento custou 3,7 bilhões. O número de turistas foi o mesmo de anos anteriores e o Pan deixou como herança dois elefantes brancos, o Velódromo da Barra e o

Parque Aquático Maria Lenk. O Brasil e o Rio desperdiçaram dinheiro com os Jogos. Só ganharam os espertalhões de sempre: políticos, atravessadores, empreiteiros.

Mesmo entre os países que dizem ter faturado com o mundial, há controvérsias em torno das estatísticas. Na Copa do Mundo de 2006, a Alemanha investiu 5 bilhões de dólares e, ao final da temporada, anunciou um ganho de 170 milhões. Boa parte do dinheiro, contudo, resultou apenas na transferência de investimentos e lucros de um setor para outro da economia. Seria o caso de um alemão de Hamburgo que, em vez de ir ao cinema ou a um restaurante na sua cidade, foi assistir a uma partida em Berlim.

Quando se compara o total de dinheiro que entrou na Alemanha, via turistas estrangeiros, com o que foi gasto na organização, a Copa teria dado prejuízo. Isto porque o número de visitantes do exterior permaneceu o mesmo entre 2000 e 2007. Quem de fato lucrou foram setores de pouco peso na economia alemã, como cervejarias, casas de câmbio, companhias aéreas regionais e fabricantes dos produtos licenciados para a Copa.

O maior ganho foi, novamente, intangível: a impressão geral deixada pelo povo alemão, que se mostrou acolhedor e hospitaleiro, serviu para exorcizar resquícios da imagem autoritária associada ao nazismo. Foi um efeito equiparável ao das Olimpíadas de Tóquio, de 1964, quando os jogos serviram para mostrar ao mundo um Japão oposto ao da Segunda Guerra Mundial: aberto ao exterior, moderno, uma potência tecnológica, mas pacífica.

Os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, são considerados o grande exemplo de um evento esportivo bem-sucedido, tanto no aspecto material como imaterial. Barcelona recebeu uma injeção de 6 bilhões de dólares em investimentos que mudaram a fisionomia da cidade.

O transporte urbano, sobretudo a circulação de carros, foi completamente alterado, o metrô foi ampliado e modernizado, a construção da Vila Olímpica levou moradores para perto do mar. Tudo isso fez com que a cidade passasse por uma revitalização urbana e um crescimento econômico acelerados, opostos ao que ocorria no resto da Espanha e na Europa. Barcelona tomou o lugar de Madri como metrópole da península ibérica e aprofundou sua vocação turística.

Mas persiste a dúvida se a cidade poderia ter feito o mesmo sem o pretexto dos Jogos Olímpicos. Para o economista Stefan Szymanski e o jornalista Simon Kuper, autores

de *Soccernomics*, escrito depois da Copa da Alemanha, a resposta é sim. Eles defendem que, mesmo que haja um adicional econômico ao Produto Interno Bruto, ele não é comparável ao gasto com as obras de infraestrutura. Ou seja: sai mais barato construir as obras de que o país precisa do que gastar bilhões em um evento cujo objetivo é beneficiar patrocinadores e organizadores.

Como a maioria dos trabalhadores é terceirizada e tem contratos temporários, quando a Copa sul-africana terminar, no final de julho, 150 mil operários estarão desempregados. "Os empregos são temporários, a cerveja à venda nos estádios não é sul-africana e muito menos os produtos licenciados, que são todos importados da China, de empresas que usam trabalho escravo e crianças", disse-me Patrick Craven, porta-voz da Cosatu, a maior central sindical sul-africana. O dono da empresa responsável pela importação dos produtos chineses é um deputado do Congresso Nacional Africano.

Um estudo de pesquisadores ligados ao governo da província do Cabo Ocidental (agora nas mãos da Aliança Democrática, o maior partido de oposição) demonstrou ser impossível que o estádio de Green Point venha a se autofinanciar. Mesmo que o campeonato de rúgbi seja transferido para o estádio, e que abrigue todos os anos sete jogos nacionais, sete concertos, dezenas de conferências, palestras e eventos, ainda assim haverá um custo de manutenção de 3 milhões de dólares. A conta terá que ser paga pelo governo, o que pode significar aumento de impostos para a população.

Num fim de manhã de fevereiro, Danny Jordaan, o executivo-chefe do Comitê Organizador da Copa na África do Sul, entrava e saía de reuniões em seu gabinete, num prédio baixo colado ao estádio Soccer City, em Joanesburgo. O entorno do estádio ainda estava em obras. Havia caminhões, montes de terra e cascalho, e centenas de operários que aproveitavam a pausa do almoço para jogar futebol. De uma das janelas do prédio, era possível admirar a construção - que lembra um *donut* gigante e custou 470 milhões de dólares - onde serão disputados o primeiro e o último jogos do mundial.

Assim como Gisele Bündchen, Jordaan tem uma voz que destoa da aparência física. Para um homem corpulento, de feições rígidas e másculas, ele fala algumas oitavas acima do esperado. Nos anos 60, militou no grupo estudantil liderado por Steve Biko, um dos mártires do apartheid, e foi um dos porta-vozes do movimento internacional que impediu que a África

do Sul participasse de olimpíadas e copas. "Não há esporte normal em uma sociedade anormal", dizia o slogan.

Ativista do Congresso Nacional Africano e deputado federal durante a presidência de Nelson Mandela, Jordaan renunciou ao mandato para se tornar chefe da Associação de Futebol Sul-Africana. Desde o fim do apartheid, ele batalhou para que o país sediasse a Copa do Mundo. "É um reconhecimento internacional pelo que a África do Sul se tornou", disse. "É uma maneira de consolidar a ideia de que o país é uma nação unida, preparada para o mundo global."

Sua sala é ampla, decorada com objetos étnicos, fotos da cidade e muitos retratos. Em um deles, Jordaan aparece ao lado de Winnie, ex-mulher de Mandela. Quis saber sua opinião sobre as exigências da Fifa, entre elas a de construir o estádio de Green Point. "Isso tem que ser entendido: a Fifa é a dona e nós somos os anfitriões", disse, lacônico.

Ele aposta que a Copa mudará o país. "Na década de 90, apenas 1 milhão de turistas visitavam a África do Sul anualmente", comentou, "e hoje são 11 milhões e, com a Copa, esperamos que em 2014 sejam 15 milhões." Perguntei se a expectativa não era exagerada. "Isso pode ser percepção, mas a realidade é que, hoje, a três meses do mundial, não há voos de Londres para Joanesburgo", respondeu. "Estão todos lotados." No final de abril, entretanto, a British Airways tinha vagas em seus três voos diários em todo o período do campeonato.

Jordaan disse acreditar que tanto a África do Sul quanto o Brasil terão que lidar com uma imprensa preconceituosa e desinformada: "A maioria de quem escreve sobre os dois países nunca esteve neles. Baseia-se em estereótipos e padrões obsoletos. Esperamos 100 anos para participar. E há quem acredite que devemos esperar outros 100."

Ele rabiscava um papel à sua frente e mantinha a cabeça baixa. Respirou fundo e disse: "Existe um temor de que a gente tenha sucesso. Nós e o Brasil. Só que o mundo não pode ter só um centro, um país ou um continente relevante. E os países em desenvolvimento estão aí para mudar esse pensamento imperialista."

Depois de vinte minutos, ele deu a conversa por encerrada. Virou-se para a assessora e quis saber: "Quem é o próximo?" Outros sete jornalistas de nacionalidades diferentes se espremiaram na sala de espera.

A seleção sul-africana, os Bafana Bafana, ocupa a 90ª posição no ranking da Fifa (a pior colocação entre os times classificados para a Copa) e a 21ª entre os times africanos. Só vai participar do mundial porque é a sede. O futebol é o esporte da maioria negra. Os brancos, que representam 10% da população, só vão a estádios para assistir a partidas de rúgbi ou críquete.

Quando a Fifa anunciou que os ingressos para a Copa seriam vendidos via cartão de crédito pela internet, ou por meio de complicado procedimento bancário, ficou claro que o evento deixaria de fora o grosso da torcida local. Durante meses, a Federação divulgou que as vendas eram um sucesso. A estimativa era que quase meio milhão de estrangeiros desembarcariam no país para acompanhar os jogos, e que cada um deles gastaria 500 dólares diariamente.

Uma empresa chamada Match foi autorizada pela Fifa a vender 380 mil pacotes vip em todo mundo. Segundo a companhia, os pacotes incluem passagens aéreas, hospedagem em hotéis cinco estrelas, ingressos em cadeiras especiais, transporte "diferenciado" e até "dedicadas *hostess*". Um dos acionistas da Match é Philippe Blatter, sobrinho do presidente da Fifa, Joseph Blatter. A empresa também detém o direito de negociar a venda de direitos de transmissão das partidas das Copas de 2010 e de 2014 para os países asiáticos. No Zimbábue, a empresa que comercializa os pacotes turísticos pertence a um sobrinho do ditador Robert Mugabe, que mantém excelentes relações diplomáticas com o Congresso Nacional Africano.

Em Joanesburgo, tentei comprar um ingresso para assistir a um jogo do mundial. Fui informada que só haveria lugares disponíveis para partidas entre times de pouca expressão, como Paraguai e Eslováquia. Para a semifinal e a final, disseram-me, era impossível. Um mês depois, em março, a Fifa anunciou que ainda havia perto 1 milhão de entradas disponíveis. Os preços foram reduzidos em até 40%, o que fez com que os torcedores que já haviam garantido seus lugares se sentissem ludibriados. Em seguida, o Comitê Organizador lançou mais uma campanha de promoção do mundial para venda de ingressos.

Passou mais um mês e, em abril, a Match desistiu de mais de 500 mil diárias bloqueadas em hotéis de luxo. Também se soube que boa parte dos tíquetes de ingresso não estava nas mãos de torcedores, e sim nas de agências de turismo. Havia lugares disponíveis até para as semifinais e para a final. A expectativa de turistas estrangeiros foi diminuída para 250 mil.

Os torcedores estrangeiros teriam se afastado devido aos altos preços de hotéis e passagens aéreas. Na Cidade do Cabo, um hotel que cobrava 200 reais de diária havia subido seu preço para 860 reais durante os jogos da Copa. Um voo entre Joanesburgo e a Cidade do Cabo, que custa em média 250 reais, chega a valer 450 reais no dia seguinte ao começo dos jogos. A comissão de concorrência sul-africana começou a investigar a denúncia de formação de cartel nos setores hoteleiro e aéreo.

O receio de que os estádios ficassem vazios fez com que a Fifa passasse a vender ingressos em centros comerciais e locais de grande circulação popular. As filas serpenteavam pelas ruas e chegaram a derrubar o sistema de informática. Ao preço de 35 reais, 140 mil ingressos foram vendidos em quatro dias.

Em um país com cinquenta assassinatos por dia, um estupro a cada inacreditáveis vinte segundos e uma estatística de roubo galopante, a violência é apontada como outra causa da resistência dos turistas. Ainda que o governo anuncie ter recrutado 44 mil novos policiais, e investido 173 milhões de dólares em segurança, o desconforto permanece. No final de abril, a desconfiança aumentou com a divulgação pela imprensa do caso de duas mulheres brancas estupradas por policiais (uma dentro da própria delegacia) quando prestavam queixas de assaltos.

Até a década de 70, as finanças da Fifa dependiam basicamente da bilheteria das partidas, da venda de jogadores e de parques lucros comerciais. Foi a partir da eleição de João Havelange, em 1974, que a organização virou uma máquina de fazer dinheiro. O jornalista inglês Andrew Jennings, único repórter banido de qualquer conferência ou entrevista coletiva da entidade, conta em seu livro *Falta! O Mundo Secreto da Fifa* como o brasileiro, que reinou absoluto por 24 anos à frente da organização, inventou a era do futebol-negócio.

Segundo Jennings, o filho do fundador e ex-diretor da Adidas, Horst Dassler, comprou votos de delegados indecisos na primeira eleição de Havelange. Dois anos depois, o brasileiro retribuiu o favor entregando a Dassler o poder exclusivo sobre a comercialização dos principais torneios mundiais.

Nos anos 80, Dassler fundou a isl, uma empresa suíça de marketing esportivo que se tornou o braço comercial da Fifa e que garantiu o monopólio da gerência econômica do futebol por décadas. Foi quando marcas poderosas como Adidas, Nike e Puma passaram a orbitar o imaginário dos campos e dos negócios no esporte.

Vinte anos depois, a isl foi à falência, quando veio à tona um gigantesco esquema de propinas a altos executivos da Fifa. Um dos elementos do escândalo foi o pagamento de 65 milhões de dólares feito pela Rede Globo, dos quais 22 milhões teriam sido depositados pela emissora numa conta no paraíso fiscal de Liechtenstein e repassados a cartolas da Federação.

Em 1990, os direitos de transmissão internacional da Copa foram vendidos por 65 milhões de dólares, o equivalente a 41% do faturamento do campeonato. Em 2006, o valor era de 1,97 bilhão de dólares. O número de patrocinadores também subiu de nove para quinze. As cotas televisivas se tornaram a principal fonte de arrecadação dos clubes e, por conseguinte, da Fifa.

A televisão mudou o futebol. Com o desenvolvimento tecnológico, o aumento dos investimentos nas transmissões esportivas e a generalização dos jogos ao vivo, o futebol virou um espetáculo global. A disposição de câmeras em pontos estratégicos e a utilização de recursos gráficos e digitais passaram a revelar detalhes antes restritos a quem estava a metros da bola. Telões invadiram os estádios e o público pode ver a repetição das melhores jogadas de vários ângulos, com closes dos jogadores. (Na Copa do mês que vem, as imagens dos gols serão enviadas para celulares e e-mails de torcedores cadastrados.)

O mais importante é que a recíproca é verdadeira: quem estava em casa, ou no bar, ou no restaurante, passou a acompanhar a partida como se estivesse no estádio. Enquanto os jogadores corriam e os torcedores vibravam, os patrocinadores ocuparam todos os espaços disponíveis para propagandar seus produtos: na camisa, na bola, nas chuteiras, nos calções, no gramado, nas arquibancadas, na voz dos locutores, na tela.

"De certa maneira, o torcedor do campo virou uma espécie de figurante para o espetáculo televisivo", comentou o antropólogo Marcos Alvito, da Universidade Federal Fluminense, organizador da coletânea *Futebol por Todo o Mundo: Diálogos com o Cinema*. O indicador máximo dessa tendência foi a invenção das partidas de futebol com portões fechados, sem público, dirigidas exclusivamente para a televisão. A própria bola sofreu alterações, com os gomos pretos, para aparecer melhor na tela.

Para Alvito, a Copa do Mundo funciona como se fosse um superfilme que reunisse os mais bem pagos atores de Hollywood. "O jogador milionário virou uma celebridade", afirmou. "Sua vida privada é contada por revistas de fofoca, ele interage diretamente com a

câmera fazendo coreografias, gestos próprios, reinventando-se corporalmente para produzir um espetáculo."

Antes, ele disse, a Copa do Mundo era a chance de ver o futebol alheio, funcionava como uma feira internacional do esporte: descobria-se como a Nigéria organizava a defesa, os holandeses cobravam as faltas, os suecos tocavam a bola. Com a tevê paga, não há mais mistério. É possível acompanhar a seleção da Costa do Marfim em toda sua temporada.

O historiador Eric Hobsbawm observou que "o futebol carrega o conflito essencial da globalização": as relações contraditórias entre o teor cada vez mais comercial do esporte e a fidelidade emocional dos torcedores. Marcos Alvito completou o raciocínio dizendo que a globalização contribui para o aumento da racionalização do futebol, "mas isso ao mesmo tempo mina a relação do torcedor com o time. Se ele sente que é tratado como um consumidor, e não como um apaixonado, ele passa a agir como tal". E citou um exemplo pessoal. Recentemente, havia preferido assistir em casa a uma final de seu time, o Flamengo, em vez de pagar um valor alto pelo ingresso e sofrer o desconforto de um estádio mal-ajambrado.

Quando a Fifa alardeia que os estádios devem estar lotados, portanto, é mais uma questão de estética de show do que financeira. O lucro da entidade em nada depende da venda de ingressos, mas para o sucesso do espetáculo as arquibancadas precisam estar cheias. "É o que o Berlusconi disse: o futebol ideal vai ser o dia em que a torcida receber para estar no estádio e se comportar exatamente como uma claque de auditório de um programa de tevê", comentou Alvito.

Esporte e televisão viraram uma coisa só. Campeonatos são inventados para fechar a grade das emissoras, como é o caso da Copa Libertadores da América. Os times que não são classificados disputam a Copa Sul-Americana, os que também não entram vão para a Copa do Brasil. O resultado é que as emissoras garantem o show praticamente durante toda a semana. No Brasil, a Globo e a CBF são faces de uma mesma entidade, mantida por patrocinadores. É a emissora que marca o horário dos jogos organizados pela CBF, pois a ambas interessa preservar a audiência.

"A disputa de pênalti foi algo praticamente inventado pela televisão", disse Marcos Alvito. "Na Inglaterra, quando o jogo empatava, havia prorrogação. Se o resultado fosse o

mesmo, faziam outro jogo. E hoje a Globo decide como vai ser o campeonato carioca, se vai haver pênaltis, coisas desse quilate", observou.

A Fifa espera que a Copa da África do Sul ajude a impulsionar as vendas dos televisores em três dimensões. A Federação se associou com a Sony, que fará captação de imagens em 3D, e com o canal pago espn.

O técnico Carlos Alberto Parreira, o carioca que é treinador dos Bafana Bafana, é um crítico da organização do futebol sul-africano. Segundo ele, não há a preocupação de formar jogadores desde a juventude. E como os times são privados, seus proprietários se interessam excessivamente por contratos com patrocinadores.

Ainda assim, ele disse o seguinte: "A televisão e o dinheiro mudaram mesmo o futebol. Mas sem a televisão, o futebol estaria morto. Todo mundo deveria falar todos os dias: 'Obrigado, senhora televisão.'"

Ele acredita que a alma do futebol continua imaculada, apesar do seu crescente caráter comercial: "São os jogadores que fazem a beleza do futebol. É gente como o Messi, o Kaká, o Cristiano Ronaldo que fazem o jogo continuar a ser o que é. Eles são mais bem pagos do que no passado, mas também se exige muito mais deles. Jogam mais, têm que manter a forma."

Parreira contou uma história do início dos anos 90, quando era treinador da Seleção Brasileira. Foi informado de um amistoso marcado para as dez da noite. Ele e Zagallo, o coordenador técnico, foram reclamar com Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol. "Ele nos disse assim: 'Ah é? Não querem jogar às dez da noite? Tudo bem, mas aí não tem bicho, o.k.?'", contou Parreira, referindo-se ao prêmio distribuído aos jogadores em caso de vitória. O dinheiro vem dos patrocinadores. No caso, a Globo, que impunha o horário do jogo para depois da novela das oito.

"Depois daquilo, nunca mais ninguém reclamou. Isso é uma briga inútil, idiota e infrutífera", continuou Parreira. "O dinheiro melhora o estádio, os times, os jogadores. Está todo mundo feliz, bem pago, os estádios estão tinindo, de que reclamar? Acabou o romantismo. A coisa tem que ser profissional. O que implica em cumprir horários, e cumprir horários para receber dinheiro, e receber dinheiro significa manter o esporte."

O futebol, no entanto, não se resume só a dinheiro e capital. O filósofo francês Auguste Comte observou que, na baixa Idade Média, invadir os territórios vizinhos era o

principal meio de uma população melhorar o seu nível de vida. Era também a maneira com a qual a humanidade lidava com seus impulsos agressivos. Na era do industrialismo burguês, disse Comte, como a luta pela melhoria de vida passou a se dar mais na arena econômica, surgiria a necessidade da criação de um "canal de escoamento" para o desejo coletivo de violência.

Quando estive no Brasil, em 2008, o escritor francês Michel Houellebecq disse que o "canal de escoamento" imaginado por Comte já existia "e obtém um sucesso crescente no conjunto do planeta: é o futebol". Para o autor de *Partículas Elementares*, o futebol permite uma liberação de adrenalina real, embora menos poderosa que a do combate físico efetivo. Seu mérito é oferecer um espetáculo palpitante, de um suspense muito mais forte que o de qualquer produção cinematográfica imaginável.

"O futebol permite, pelo menos nas Copas do Mundo, a reconstituição da identidade nacional lúdica, porque temporária e facultativa", disse Houellebecq numa palestra em Porto Alegre. "O futebol tem um caráter de distração cada vez mais evidente, na medida em que continuará dissipando as identidades nacionais pesadas, aquelas que antes serviam para iniciar e conduzir as guerras", disse à audiência.

No livro *Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil*, o ensaísta José Miguel Wisnik discute por que o futebol é o esporte mais globalizado. Segundo ele, isso ocorre por ser o único a quebrar a hegemonia que a indústria americana define como padrão da cultura de massa. Wisnik cita como exemplo o fato de, nos anos 80, a emissora espn, baseada nos Estados Unidos, não ter conseguido emplacar o basquete como a modalidade-chave de sua programação mundial. Ou como a Nike teve que lidar com um esporte que lhe era absolutamente estranho, mas tinha um apelo muito mais global.

O futebol seria, segundo ele, o ponto em que ocorre a quebra do domínio do imaginário imperialista. É onde a potência americana não consegue preencher o desejo das grandes fantasias de massa, de um exercício do jogo e da vida. "Onde falta a Coca-Cola dos esportes", escreve ele, "é onde desponta uma coisa chamada Brasil, um negócio meio difícil de definir e que ganha uma certa clareza enigmática quando se trata de futebol."

"A Copa no Brasil vai ser incomparavelmente melhor do que a da África do Sul", disse-me Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol e chefe do Comitê Organizador de 2014, em uma manhã recente, no Rio. Ele participava de uma reunião

num hotel à beira-mar, na qual mais de cinquenta representantes da CBF aprovaram as contas da entidade relativas ao ano passado. "Até ônibus a Fifa vai ter que levar para a África do Sul porque lá não tem", contou. "A maioria da população anda em vans ilegais."

Ao assumir a presidência da CBF, Teixeira abdicou de toda receita pública, inclusive dos dividendos de jogos da loteria esportiva, que fermentavam os cofres da entidade. Ele costuma dizer que a Confederação é totalmente privada. À época da cpi do Futebol, um dos seus argumentos era que a entidade não deveria ser investigada porque não lidava com dinheiro público.

Durante doze anos, Ricardo Teixeira articulou um grande acordo para se fazer a Copa na África do Sul e, em seguida, no Brasil. Com conversas, promessas e jogadas políticas, em 2000, quando da votação do país anfitrião para 2006, ele tinha nas mãos os votos de pelo menos doze dos 23 países garantidos para a África do Sul. De certa maneira, era o pagamento do apoio dado 26 anos antes, pelos africanos, à eleição do seu sogro, João Havelange, para a presidência da Fifa. Propositamente, o Brasil se candidatou para sediar o mundial de 2006, para depois voltar atrás, o que reforçou o alinhamento dos africanos para os brasileiros na eleição seguinte.

Na última hora, porém, numa iniciativa muitíssimo suspeita, o representante da Nova Zelândia votou em branco, e a África do Sul perdeu por esse voto para a Alemanha. Foi preciso reelaborar a estratégia. Assim, a Fifa decidiu adotar, a partir de 2010, um rodízio de continentes. O africano era o primeiro da lista. Como o país mais rico, a África do Sul não tinha como perder. No torneio seguinte, pelas regras do rodízio, o país organizador viria da América do Sul. O apoio de todos os países do bloco ao Brasil já estava costurado.

Era quase hora do almoço e Teixeira resolveu se arriscar no melindroso bufê do lobby do hotel. Ele se serviu de palmito com molho branco, algumas folhas e tomate. Metade do fundo de seu prato ficou à mostra: estava de dieta.

Naqueles dias, além da segurança, transporte e geração de energia, uma onda de greves passou a ameaçar o sucesso do mundial. "Lá, é outro clima, outra organização política, outra maneira de lidar com as coisas, e a Fifa sabe disso", disse Teixeira.

Para o presidente da CBF, o Brasil organizará a próxima Copa com mais facilidade. Com patrocínios de empresas locais, a África do Sul conseguiu arrecadar 40 milhões de

dólares antes da Copa. Duas semanas antes, uma comitiva da Fifa havia deixado o Brasil levando contratos no valor de 240 milhões de dólares, garantidos quatro anos antes do mundial.

Quando fala de futebol, Teixeira é protocolar, diplomático e lacônico. Mas quando o assunto é política, ele parece um torcedor de futebol: muda o tom de voz, fica animado, cita encontros empolgantes com autoridades, menciona pesquisas eleitorais a que poucos tiveram acesso e deixa patente seu trânsito livre nas mais diversas esferas do poder.

Segundo disse, a Fifa foi alertada sobre eventuais contratemplos provenientes da saída do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A transição pode retardar a alocação e a liberação de recursos para as obras exigidas para o mundial. A preocupação dos cartolas, disse Teixeira, diz respeito a uma eventual "volta do petismo" em substituição ao "lulismo" - que está perfeitamente alinhado com as ideias e vontades da dona da Copa.

Na África do Sul, o Comitê Organizador tem vinte membros, a maioria ligada ao Congresso Nacional Africano. No Brasil, são apenas três, todos ligados ao círculo do presidente da CBF, Ricardo Teixeira: sua filha, Joana Havelange, o economista Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central, e o assessor de imprensa Rodrigo Paiva.

Ricardo Teixeira era cumprimentado a cada cinco minutos. Um homem de óculos veio se queixar que o estádio do Sport do Recife estava "um lixo". O governador do Amapá, Waldez Góes, aproximou-se da mesa para dizer que era candidato ao Senado, tinha "99% das intenções de voto", e se colocava à disposição para integrar o que chamou de "bancada da bola". O celular tocou. Era o senador Renan Calheiros, do pmdb, que o convidou para assistir a um jogo da segunda divisão em Arapiraca, no interior de Alagoas. Teixeira conseguiu desligar sem confirmar a presença.

Continuando a entrevista, ele disse que a maior preocupação da Fifa em relação ao Brasil diz respeito ao prazo das obras de reformas e construção de aeroportos e estádios. A segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento (o pac da Copa) dedicou apenas 3 bilhões de reais para investimentos em catorze aeroportos, a partir de 2011. Só o projeto para construção de um terceiro terminal em Guarulhos está calculado em 1,5 bilhão de reais.

Em 2014, quando a CBF comemora seu centenário de fundação, Teixeira terá completado um quarto de século à frente do futebol brasileiro. Sobreviveu a duas comissões

parlamentares de inquérito, cultivou amigos e inimigos, tornou-se íntimo do presidente Lula. É um forte candidato à presidência da Fifa, em 2015. Sobre os rumores de que já está em campanha, ele é lacônico. "O tempo dirá", disse, explodindo numa gargalhada.

Texto 4

Estamos de olho, Dunga | Piauí 45 | Esquina | Junho de 2010 | Por Cristina Tardáguila
Tino e tento de Suplicy promovem o consenso de Brasília

Na tarde do dia 11 de maio, os trabalhos no plenário do Senado avançavam com o vigor de uma preguiça cataléptica. Entre outras atividades, debatia-se ali o artigo que Caetano Veloso publicara no *Globo* sobre o abandono do Pelourinho, discutia-se a criação da Ufampa, a Universidade Federal do Arquipélago do Marajó, e votava-se o destino de uma enfiada de embaixadores, a serem despachados para países como Tunísia, Senegal, Gâmbia, República do Chipre, Sérvia, Montenegro, Bulgária, Macedônia, Albânia, Austrália, Japão etc.

No centro da mesa, relativamente ereto na poltrona azul, o presidente da casa, José Sarney, munira-se de seu desinteresse profissional para dar andamento à 70ª sessão deliberativa do ano. Ao ouvir o projeto de lei do senador Flexa Ribeiro - segundo o qual o fabricante de automóveis estará obrigado a incluir no manual do proprietário o nome, a marca e o código de referência das principais peças do veículo -, Sarney ajustou os óculos de aro fino sobre o nariz e bloqueou um bocejo. Quando escutou o projeto de lei da senadora Serys Slhessarenko - que conferia ao município de Sorriso, em Mato Grosso, o título de capital nacional do agronegócio -, jogou-se contra o encosto da poltrona azul. Entre os senadores presentes, o papo corria solto por telefone ou ao vivo, com colegas, jornalistas ou funcionários. Qualquer ocupação aliviava aquele estupefaciente torpor legiferante.

Nas galerias, de onde os visitantes podem cochilar, ler, fazer tricô e até acompanhar as sessões, o clima também não era de atenção desmedida. Um bebê se esgoelava nos braços da mãe, inconformado por lhe impingirem tão precocemente o espetáculo do Legislativo nacional. Nas cadeiras bem na direção de Sarney, um grupo de aposentados aumentava o volume de seus aparelhos auditivos a cada novo senador que tomava a palavra, crenças que

agora, sim, ouviriam um pronunciamento sobre o reajuste das aposentadorias. Sistemáticamente errados, voltavam ao bate-papo.

E foi então que aconteceu.

Ali no plenário, rompendo a lomba, sacudindo a malemolência e dando um chega-pra-lá na leseira, ergueu-se, dos cafundós de Morfeu, o senador Eduardo Suplicy. A aparição normalmente é senha para retirada, mas não desta vez. De terno escuro e gravata vermelha, ele caminhou fleumaticamente até o microfone e, com sua entonação não flamejante, avisou: "Senhor presidente, há um acontecimento hoje de extraordinária relevância do ponto de vista internacional, com grande repercussão no Brasil e no mundo." As sobrancelhas de Sarney se mexeram.

"Às 13 horas", informou lentamente Suplicy, "as principais emissoras de rádio e televisão do Brasil e do mundo anunciaram a convocação dos jogadores da seleção brasileira pelo técnico Dunga." Instintivamente, por todo o recinto, orelhas ficaram em pé.

"Ao mesmo tempo em que cumprimento todos os 23 jogadores convocados", prosseguiu o senador, "quero notar que, dentre eles, vinte estão servindo em times no exterior. Apenas Gilberto, do Cruzeiro, Kléberson, do Flamengo, e Robinho, do Santos, jogam no Brasil."

Ah, o que pode um verbo intrépido e inspirado... Cessou todo cochicho paralelo, calou-se de pronto a conversa fiada e eis que do salão tomou conta um silêncio avassalador. Era o reconhecimento tácito de que, até que enfim, um tema de importância fora trazido à atenção do país.

Suplicy, sempre ao microfone, encarceu que os anais registrassem seu voto de esperança. Ele acreditava - a contrapelo da lista recém-divulgada pelo técnico Dunga - que Neymar, Ganso, Adriano, Ronaldo e Ronaldinho ainda poderiam, como afirmou, "abrilhantar" o sonho do hexacampeonato: "Ainda há sete vagas em aberto!" Não era bem verdade, mas dava alento.

Os aposentados e os pais do bebê só não bateram palmas entusiásticas por não saberem que tinham o direito de fazê-lo. Os jornalistas, sacando os celulares, dispararam o pronunciamento para as redações.

Com vistas a não desperdiçar o alvoroço dos repórteres, o peessedebista Alvaro Dias assenhorou-se agilmente do microfone da tribuna e deu sua contribuição: "O Congresso Nacional tem de se preocupar, sim, com a legislação do desporto! O futebol não é apenas uma atividade lúdica. É também uma atividade essencialmente econômica, geradora de emprego, de renda, de receita pública e, portanto, promotora do desenvolvimento econômico do país!"

Acionando rapidamente o microfone de sua mesa, o senador Tasso Jereissati se viu compelido a expressar sua "mais profunda decepção com a convocação", e, deixando claro que não protestava em causa própria, carregou no sotaque nordestino - que normalmente não tem - para frisar que não era, não fora nem jamais seria torcedor do Santos (seu time é o Ceará). Isso lhe dava isenção para afirmar que a ausência dos santistas Neymar e Ganso decepcionara milhões de brasileiros. Foi com argúcia que sustentou sua indignação: "Futebol, essa paixão a que Vossa Excelência se referiu, vem desse charme, desse encanto que o futebol brasileiro, alegre, criativo, conseguiu mostrar para o resto do mundo. Excluir esses dois jogadores da seleção brasileira é uma tristeza [...] Hoje, aqui, há uma aclamação suprapartidária ao redor deles!"

Na mesma hora pediu a palavra o senador Aloízio Mercadante. Parecia emocionado. Pensou-se que, como de hábito, divergiria de Jereissati, mas o quê. Depois de lembrar que Santos era a sua cidade natal e de se declarar apaixonado pelo clube em que seu avô jogara, ele comparou o jovem Ganso a Adhemir da Guia e aplicou-lhe um bonito epíteto: "arquiteto do futebol." Cheio de espírito republicano, Mercadante lamentou: "É uma pena que o futebol não seja como na democracia, em que o povo escolhe." Em seguida, foi propositivo: sugeriu a criação de uma Lei Rouanet só para o futebol - "porque é pura arte o ataque que o Santos tem demonstrado." Romero Jucá, marcando presença pelo pmdb, imediatamente ligou o microfone de sua mesa e dali mesmo registrou apoio irrestrito à matéria.

Estava de bom tamanho, deve ter pensado o experiente presidente Sarney, do alto de suas sobancelhas até que enfim grisalhas; quinze minutos de debate cívico-futebolístico e a pauta já começava a embolar. Só deu tempo de Alvaro Dias lançar uma advertência final ao técnico Dunga: "Ele demonstrou enorme personalidade, mas assume todos os riscos do seu gesto!" A mesa cortou o microfone do orador enquanto todas as cabeças de senador assentiam, em grave consenso.

Somente para Eduardo Suplicy não era ainda o momento de retomar a modorra, pois faltava-lhe fazer um registro. Com seu ritmo não afobado, ele comunicou que a sessão daquela tarde estava sendo acompanhada "por uma delegação do Parlamento suíço." De mais não precisou para devolver a plateia ao tédio incapacitante. Alguns retomaram a conversa telefônica, outros passaram a reclamar do clima seco. Do alto das galerias, o bebezinho, que cochilara uns minutos no colo da mãe, voltou à carga.

Texto 5

Não dá jogo | Piauí 46 | *Esquina* | Julho de 2010 | Por Clara Becker

A impossível missão de acompanhar a Seleção por escrito

José Orenstein tem 24 anos e faz parte de um grupo de brasileiros cujos direitos humanos sofrem maus tratos de quatro em quatro anos. Zé, como é chamado, não foi liberado do trabalho durante os jogos do Brasil na Copa do Mundo.

Há pouco tempo no *Estado de S. Paulo*, tudo ia muito bem até que decidiram transferi-lo para a seção online de esportes do jornal. Novato e sem poder de barganha, aceitou com estoicismo a missão de transmitir ao vivo o minuto-a-minuto das partidas, ou seja: a ele caberia descrever cada lance do jogo para o internauta sem-tevê. A tarefa requer a habilidade de resumir em palavras uma jogada sem perder a próxima, tudo sob a pressão do ao vivo. É preciso ver, escutar, escrever e revisar em questão de segundos.

Zé não desfrutou de um longo aprendizado. De jeito nenhum. Soube o que lhe caberia fazer numa conversa informal. No mesmo dia?- um domingo de junho, a menos de dez dias da estreia do Brasil?-, puseram-no para testar o que pescara num Botafogo x Corinthians. No afã de explicar tudinho?- até mesmo cobrança de lateral?-, acabou se atrapalhando um pouco, mas logo pegou o jeito e acabou se desincumbindo bem da tarefa.

No dia 11 de junho, graças ao Zé, quem quis pôde acompanhar o minuto-a-minuto de França x Uruguai pelo site do *Estadão*. Zé não faz muita ideia de quem é a sua audiência. "Sei que o meu pai me acompanha", disse. Já era alguma coisa, embora suspeitasse que nem mesmo o pai seria solidário dali a quatro dias, quando o selecionado brasileiro entrasse em

campo. "Que enfermidade pode afligir a alma de alguém que decide acompanhar jogo do Brasil em Copa pelo minuto-a-minuto?"?- era a pergunta que ele se fazia.

No dia 15 de junho, Zé chegou cedo à redação. Estava tranquilo. A partida começaria às 15h30, e às 14h ele passou a acompanhar o pré-jogo em três pequenas televisões sintonizadas em canais diferentes. Às 14h42, com alguma solenidade, colocou no ar o primeiro comentário: "Aproxima-se a hora da estreia do Brasil na Copa do Mundo da África do Sul. A torcida já ocupa a maior parte dos lugares do Ellis Park e faz soar as vuvuzelas. Faz muito frio em Johannesburgo." Ficou satisfeito. A coisa tinha certo *punch* e preparava bem o terreno.

Ao seu redor, a redação decorada de bandeirinhas ia se tomando de ufanismo. Repórteres sopravam cornetas e vuvuzelas. Como um mestre oriental, Zé estava alheio à balbúrdia?- ele e o minuto-a-minuto eram uma coisa só. Às 15h21, escreveu: "O técnico Dunga chega em campo." Não gostou da frase, achou-a sem lustre. Coçou a barba, apagou e, constatando que a reflexão dera tempo para que Dunga seguisse caminho, reescreveu: "O técnico Dunga já está no banco de reservas do Ellis Park."

"15:30:00 começa o jogo!?- Rola a Jabulani nos pés do time coreano." Um silêncio pesado se instalou na redação. Pelos próximos 90 minutos, se Bin Laden aparecesse de sunga em Copacabana ou Serra declarasse adesão à candidatura de Dilma Rousseff, a notícia não seria dada em primeira mão pelo *Estado de S. Paulo*. Aqui e ali, começaram a surgir os primeiros protestos de "Fora, Kaká!" Zé, mais ponderado, limita-se a escrever: "15:52:21 Kaká faz o que não costuma fazer e erra feio ao tentar inverter o jogo, mandando a bola pela lateral"; e também: "15:55:24 Kaká novamente erra passe em jogada construída pela direita." Zé mantém a paixão sob rédea curta até às 16h06, quando sucumbe à tentação de uma crítica mais contundente: "Kaká está visivelmente sem ritmo de jogo e errando passes simples."

Revoltada, a redação aplaude os contra-ataques norte-coreanos.

"16:16:45 fim do primeiro tempo?- O árbitro ergue o braço e os times vão para o vestiário do Ellis Park". Zé se estica e solta um suspiro fundo. É imediatamente caçoado por um dos seus chefes: "Isso é que dá pôr botafoguense pra cobrir jogo do Brasil." O rapaz desdenha?- já está acostumado a esse tipo de piada sem graça?- e decide fazer uma apreciação geral dos primeiros 45 minutos: "O Brasil mostra muita dificuldade de furar a retranca armada por Kim Jong-hun, técnico da Coreia do Norte. Kaká está mal em campo e não consegue dar

criatividade ao time de Dunga. Robinho tenta criar espaços com dribles sem sucesso." Não é um texto para os anais da crônica esportiva nacional, mas é preciso levar em conta que Zé está descrevendo uma das exibições mais desbotadas da Seleção em anos.

O segundo tempo começa e a esperança de alguma alegria se acende logo aos dez minutos. "Gooooooooooooooooo!?!- o Brasil abre o placar com belo chute de Maicon, quase sem ângulo, pela direita. Ele recebeu passe em profundidade de Elano e mandou entre o goleiro e a trave. 1 a 0 para o Brasil." A grafia de "gol" foi objeto de muita reflexão pelos cabeças do jornal. Para início de conversa, é proibido o uso de exclamações, pois elas não fazem o feitiço da casa, são por demais sensacionalistas. A palavra deve ser escrita em caixa-alta com apenas três Os e três Ls. "Me emocionei", disse Zé, justificando-se pela proliferação de letras.

Contido nas onomatopeias, que julga fáceis, aos 17:05:34 ele não resiste a um "uuhhh". É o atacante Nilmar, que "na sua primeira participação recebe a bola de frente pra área e já arrisca o chute". Zé também busca imprimir certa originalidade a suas frases. Em nenhum outro minuto-a-minuto jogadores "adentram" o campo ou torcedores agitam "flâmulas", palavra que usa para evitar a repetição de "bandeira"?- um exemplo notável do que a velha estilística batizou de "sinonímia opulenta".

Formado em relações internacionais, Zé tem preocupações humanitárias e teme que o goleiro Ri Myong-guk possa ser levado a algum campo de trabalhos forçados como punição pelo segundo gol brasileiro, agora grafado com um número bem mais avaro de *Os* e *Ls*. Quando tudo levava a uma vitória sólida e medíocre, Ji Yun-nam marca o gol norte-coreano. Como se estivessem instalados em Pyongyang, a redação explode de felicidade. Se estivessem no comando do teclado, batata: espichariam até o limite a quantidade de *Os* e *Ls* e terminariam o serviço pingando dúzias de exclamações no gol adversário.

Zé, não. Profissional, registra protocolarmente o tento e, minutos depois, imbuído de compostura britânica, encerra o expediente com um simples "fim de jogo?!- Acaba a partida no Ellis Park com vitória brasileira na estreia da Copa de 2010."

Texto 6

O locutor insuportável | Piauí 46 | Tipos Brasileiros | Julho de 2010 | Por Marcos Caetano

Oldelgário Tibiriçá, 64 anos, o narrador mais famoso do Brasil, divide opiniões. Sua família e seus patrocinadores o amam, o resto o odeia. Mas, na hora de acompanhar os jogos da Seleção, todos se unem para ouvir seu (cada vez mais desafinado) palavrório varonil

Amigos do esporte, torcedores do meu Brasil inzoneiro de cinco títulos mundiais, sejam bem-vindos a este espaço de literatura em alta definição!

Que beleza, minha gente. Que beleezzzaaaaa! Como é bom poder praticar essa arte bonita, bonita, boniiiiita da palavra escrita! Porque, comigo, você sabe, amigo, informação é o que interessa. E para contar a minha história de quarenta anos de carreira e dez copas do mundo, eu preciso, antes de mais nada, agradecer a Brahma Chopp, Castrol gtx, Baterias Moura, Banco Cacique, Preservativos Olla e Sinaf - planos de assistência funeral -, pelo apoio incondicional que dão ao esporte em geral e a mim em particular. Que maravilhaaaa! Não foi fácil, amigo! Não foi fácil chegar até aqui. Só mesmo com a energia de uma Bateria Moura. Haja emoção! Sem o apoio dos milhões de torcedores que nos brindam diariamente com sua audiência, que acreditam na Seleção Brasileira e, acima de tudo, que consomem os bons produtos que apoiam as nossas transmissões, este homem humilde do interior de Goiás jamais teria chegado a um salário mensal de 2 mil reais, mais 975 mil de merchandising. Creiam-me, amigos do esporte: a vida nem sempre sorriu para mim. Mas, falando muito e gritando mais ainda, a verdade é que eu cheguei lá. Não pensem que o meu trabalho é fácil. Nada disso! Quando as pessoas me ouvem narrando partidas pela televisão, devem imaginar que eu tenho um emprego de sonho, que estou sempre presente aos grandes eventos globais e que vivo cercado de celebridades, mas - agueeeenta, coraçãaaaao! - a realidade não é bem assim. Narrar é uma coisa, comandar uma transmissão é outra. A cada jogo, eu sou obrigado a realizar uma série de atividades tão complexas, que você, amigo de casa, nem faz ideia.

Pra início de conversa, eu não sou apenas narrador. Na condição de celebridade, as pessoas anseiam pelas minhas opiniões. Então, sou obrigado a dá-las. Por exemplo: eu, que fui amigo do Senna, aprendi que, no motor, só Castrol gtx. É uma opinião. Das boas. Outra: futebol se faz com 22 sujeitos e um juiz. Quando comecei, o pessoal só falava dos jogadores.

Pra fazer uma transmissão diferenciada, como se diz hoje em dia, tive a ideia de dar meus pitacos sobre a arbitragem. Foi um sucesso. Como sou inquieto, pouco tempo depois, inovei mais uma vez: inventei o *comentarista* de arbitragem. E sabe por quê? Simples: pra poder discordar dele. Fui eu que primeiro atinei pra essa verdade universal: sem um mínimo de conflito não se faz uma boa transmissão. Acho incrível que ninguém tenha reparado nisso. Porque, convenhamos, o comentarista de arbitragem é a coisa mais inútil do mundo, e a prova é que o cara só existe aqui no Brasil (roda a vinheta: Brasil-il-il!). Ele só está lá pra servir de escada. Quando o jogo tá chato, eu brigo com ele e o pessoal abre o olho a tempo de ver o logotipo da Brahma - beba com moderação, mas não muita... - lá na telinha.

Animado com essa coisa de arbitragem, emendei comentários sobre a parte tática, técnica, psicológica, econômica, política, filosófica, sociológica, estética e existencial do jogo de futebol. Fiquei tão bom nessa coisa de comentarista que outro dia tratei da física das bolas de futebol, mencionando inclusive a Segunda Lei de Newton, que não sei bem o que é, mas achei que podia render um troco. Afinal, elogiei a tal lei. Se pagarem, sou até capaz de mencionar a Primeira Lei na gentileza, sem cobrar um tostão. Gostaria muito de falar sobre vinhos e relógios de pulso, mas isso tem sido difícil de encaixar. Haja emoção! Tanta, tanta que, se fosse dinheiro, faltaria, e eu teria de tomar emprestado no Banco Cacique, sempre a juros módicos, como não cansam de garantir os simpáticos gerentes de conta.

Essa capacidade de ser um crânio nos comentários me ajuda com uma dificuldade que venho enfrentando. Que drama, amigooo, que drama! É que eu já não consigo guardar o nome dos jogadores. Há tempos só narro uma partida depois de anotar os nomes num caderninho. E, mesmo assim, quando o plano da televisão é aberto, não identifico ninguém. Por isso, quanto mais comentários, menos narração. Minha sorte é que o povaréu não entende patavina de futebol internacional e aí eu posso inventar. Outro dia narrei um jogo da Coreia do Sul com as anotações do jogo que fizemos contra a China, em 2002 (ou 2006, não lembro). Ninguém percebeu. E olha que eu também narrei os lances do Brasil com a escalação da partida antiga. A verdade, meu Brasil varonil, é que, na hora da emoção - e haja emoção! -, ninguém quer saber se o gol foi do Romário, do Ronaldo ou do Luiz Adriano, aquele grandão lá na frente. Gol é gol, o resto é paisagem, como gosto de dizer. Às vezes reclamam que eu interrompo os outros comentaristas, mas não me venham com essa. Tenho que anunciar promoções de torpedos de celular, de Mega-Sena, campanhas de vacinação, chamar vinhetas, elogiar os preservativos Olla, de vez em quando narrar o que acontece em campo... e vocês ainda querem que eu passe a palavra para os comentaristas?

Outra missão de um estilista da transmissão é manter o público ligado. Nossos anunciantes - Brahma Chopp, Castrol gtx, Baterias Moura, Banco Cacique, Preservativos Olla e Sinaf - planos de assistência funeral -, precisam que tenhamos índices de audiência sempre altos. Não importa se a Seleção esteja jogando bem ou mal, eu tenho que enaltecer sempre o Brasil. O Brasil, o Flamengo e o Corinthians. O resto é traço, estou pouco me lixando. Há anos que não narro um jogo do Botafogo. Aquele time não enche nem o próprio estádio, que dirá dar Ibope. Idem pro Fluminense. Funcionava quando tínhamos o patrocínio da Corega - creme fixador de dentadura. Eles gostavam do público-alvo. Aliás, foi durante uma campanha do tricolor que a Sinaf - assistência funeral - decidiu anunciar. Acabou ficando. Faça o seu.

É, amiiiiigo... Como você pode perceber, minha vida não é mole. Por conta disso, pretendo me aposentar após a Copa de 2014. Como até lá já não terei mais condições de guardar nem mesmo o nome da emissora, adotarei a seguinte estratégia: sobre uma fita com gravações das minhas transmissões de 1994 (gosto do som da minha voz naquela edição, um Caruso no auge), samplearei bordões originais do tipo *Vamos lá Brasil, É agora ou nunca, Haja emoção, Que beleza, Arrebenta, minha Seleção, É o coração na ponta da chuteira, Acelera, Rubinho* e outras coisas, por estilo. Na hora do gol, usarei o meu registro daquele lindo, de falta, do Romário (ou terá sido o Ronaldo?) contra a Inglaterra, em 2006.

Por último, caro trabalhador varonil, amiga dona de casa, eu gostaria de registrar minha total putidão com a campanha depreciativa que lançaram contra mim na internet. Em nome de Brahma Chopp, Castrol gtx, Baterias Moura, Banco Cacique, Preservativos Olla e Sinaf - planos de assistência funeral -, eu repudio tal campanha! O blog #chupaoldelmario é coisa de quem nunca teve um lugar-comum dito por mim em voz alta. Não o divulguem! Caso contrário, prometo narrar também a Copa de 2018 e 2022. E aí vocês vão ver o que é bom pra tosse.

Até a próxima, amigos do esporte, torcedores do meu Brasil inzoneiro de cinco títulos mundiais. (Ou serão seis?)

Texto 7

A marretadas | Piauí 47 | Despedida | Agosto de 2010 | Por Fernando Serapião

O clássico Barriga Preta contra o Leão da Vila nunca mais será o mesmo

Faltava pouco para ele completar 40 anos. Depois de ser desenganado por meses, o derradeiro martírio levou semanas e com ele a morte brutal, cruel e violenta: a marretadas. O fim do sacrifício estava previsto para agosto. “Vivaldão jamais será esquecido”, proclamou em seu artigo o jornalista esportivo Isaac Júnior, um dos poucos a se comover.

A vítima era manauense e seu nome completo, Estádio Vivaldo Lima. Ele foi apresentado ao mundo em clima de festa. Pelé, Gerson, Tostão e Rivelino estavam lá, mas a tarde de domingo, 5 de abril de 1970, foi mesmo de Dadá Maravilha que, com quatro gols, deixou os espectadores boquiabertos. O baile de 4 a 1 da Seleção sobre um combinado do Amazonas anteciparia a conquista do tri, ocorrida onze semanas depois.

Durante sua existência, foi no Vivaldão que aconteceu o maior dérbi do futebol amazonense, o Rio-Nal, que opunha o Atlético Rio Negro Clube ao Nacional Futebol Clube. Infelizmente, a atual desdita do Vivaldão atesta o drama de uma era. Os dois grandalhões da selva também não têm nada a comemorar: o Barriga Preta e o Leão da Vila Municipal, como são conhecidos, hoje nem sequer fazem parte da série C do Brasileirão.

O Vivaldão foi ao chão para dar lugar à Arena da Amazônia, uma das sedes da Copa de 2014. A justificativa oficial é de que o velho estádio está assentado num endereço privilegiado e a cidade não comporta duas construções públicas do gênero. A oposição tentou impedir o desmonte entrando com uma ação popular junto ao Ministério Público Federal.

“Demonstramos, tecnicamente, que o estádio poderia ser aproveitado, o que economizaria 230 milhões de reais, mas com a demolição a ação perde o sentido”, diz Luiz Castro, deputado estadual pelo pps e um dos autores da ação.

A nova edificação custará 580 milhões de reais ao erário. Ela foi desenhada pelo escritório de arquitetura alemão GMP, que, após fazerem três estádios para a Copa da Alemanha – entre os quais, a fabulosa adaptação do Estádio Olímpico de Berlim –, se especializaram em arenas esportivas. Emplacaram três projetos na Copa africana (Durban, Cidade do Cabo e Port Elizabeth – os mais bonitos e também os que mais estouraram o

orçamento) e, em 2014, serão responsáveis por outra trinca. Além de Manaus, participam das reformas do Mineirão, em Belo Horizonte, e do Estádio Nacional de Brasília, atual Mané Garrincha.

Se a execução seguir os desenhos, a Arena da Amazônia tem tudo para ser uma das mais belas da Copa. Ela lembra o desenho do Ninho de Pássaro, em Pequim, mas segundo conta Ralf Amann, arquiteto alemão da gmp radicado no Rio de Janeiro, a inspiração veio das cestas de vime amazonenses.

Apesar do currículo dos projetistas alemães, o universo arquitetônico tem motivo para o luto. O desenho do Vivaldão conseguia ser ao mesmo tempo marcante e delicado. Severiano Porto, autor do projeto, aproveitou uma cratera que existia no local – consequência da retirada de terra para aterros – e assentou o prédio no chão com suavidade, razão pela qual tinha pouco impacto externo. O Vivaldão evitava um dos grandes pecados de estádios com má arquitetura: suas arquibancadas não davam as costas para a cidade. Eram encaixadas na topografia, como o Pacaembu. Tratava-se de uma presença tão discreta quanto elegante. O desenho gracioso da meia cobertura que protegia um dos hemisférios do estádio lembrava uma lua crescente.

Mineiro de família pernambucana, Severiano Porto cresceu no Rio de Janeiro. Seus pais eram educadores, e a família morava nos fundos do terreno da escola de que eram proprietários no Humaitá. Amante do desenho, Porto sempre soube que seria arquiteto. Iniciou a carreira trabalhando em construtoras: o dia a dia em canteiros de obra lhe deu conhecimento técnico invejável. Aos 35 anos foi convocado para reformar o escritório de representação do governo do Amazonas no Rio de Janeiro. Entregue a obra, o arquiteto assinou contratos mais ambiciosos: a reforma do palácio do governo e o projeto da Assembleia Legislativa. Nada saiu do papel, o que não o impediu de deitar raízes no estado do Amazonas. Ficava uma semana em Manaus e outra no Rio, onde mantinha escritório. Na capital amazonense, a prancheta na qual trabalhava no quarto do hotel ia para o porão na semana seguinte.

Porto redigiu um caderno de encargos tão completo que incluía até a parte jurídica. Foi adotado oficialmente nas construções governamentais. Tornou-se uma espécie de arquiteto oficial do governo – o Niemeyer da selva, por assim dizer – o que fez com que se mudasse para Manaus. “Construímos nossa casa sobre palafitas no meio de um igarapé”, conta Gilda Porto, mulher do arquiteto.

O estádio foi um dos primeiros trabalhos a ser levado adiante. Nele já se podia identificar as qualidades de Porto, um desconhecido do grande público que muitos críticos incluem na lista dos mais importantes arquitetos brasileiros do século XX. Ele encarava cada projeto de maneira particular, sem fórmulas preestabelecidas. Soube aproveitar as características dos materiais locais e desenhava para o clima da região: é um precursor da arquitetura sustentável. Também se apropriou de elementos regionais, como atestam os grafismos originais que adornavam o Vivaldão, a lembrar criações indígenas.

O reconhecimento internacional chegou apenas na década de 80. Pela Pousada da Ilha de Silves, Porto ganhou o prêmio máximo da Bienal de Buenos Aires, cujo júri incluía o grande arquiteto francês Jean Nouvel. Dois anos mais tarde, foi escolhido como o personagem do ano pela revista francesa *L'Architecture d'aujourd'hui*.

Desde 2001, Severiano Porto mora em Niterói. Aos 80 anos, sofre lapsos de memória devido a um princípio de Alzheimer, e é tema de dezenas de teses. “Eu disse a ele que era melhor irmos embora: Manaus não quer mais uma arquitetura como a dele”, diz Gilda. “Querem construir a Miami dos trópicos. Dele, já demoliram o restaurante e a nossa casa”, conta. “Agora, o estádio. Não falo por ele, mas um estado tão carente deve demolir uma obra desse tamanho?” Quando a demolição foi cogitada, há dois anos, ele foi informado pelo repórter de um jornal local. “Para que demolir? O estádio foi projetado para crescer”, declarou na época.

As áreas internas do Vivaldão eram pequenas: a nova arena, obedecendo às resoluções da Fifa, resultará em 325 mil metros quadrados construídos, o que dá quase cinco vezes o paulistano Pavilhão do Anhembi, por exemplo. Oferecerá, entre outras coisas, salas vips (e very vips), praça de alimentação e, principalmente, estacionamento. Quanto à capacidade, entretanto, nada mudará: no portentoso estádio germânico caberão 43 mil almas, o mesmo que comportava o defunto quando imberbe

Texto 8

Uma imagem para ficar | Piauí 49 | *Despedida* | Outubro de 2010 | Por Rob Hughes
Nada de malícia, tristeza ou comemoração na foto de John Varley

A foto que acompanha este artigo é um dos melhores retratos tirados num campo de futebol. A partida acabou, há um vencedor e um perdedor. Aliás, a imagem é um símbolo da Copa do Mundo, o prêmio máximo do futebol, passando de um homem a outro.

Mas você vê alegria e tristeza? Ou vê nesse abraço, no sorriso e nos olhos desses homens algo que vai além de um vencedor e um perdedor? A foto é de quarenta anos atrás, e há grandes chances de ela continuar viva pelos próximos quarenta.

Foi tirada durante a Copa de 70, no México, quando a Inglaterra, a campeã de 1966, perdeu o troféu. O Brasil venceu por 1 a 0 em Guadalajara e foi em frente até vencer o torneio, jogando com o que talvez fosse o melhor time de futebol da história.

Acima de tudo, a foto captou o respeito mútuo entre os atletas. Enquanto eles trocavam camisetas, abraços e olhares, o espírito esportivo inundava a imagem.

Nada de malícia ou de comemoração velada da parte de Pelé.

Nada de tristeza ou derrotismo da parte de Bobby Moore.

Bobby Moore, para muitos o melhor zagueiro da história da Inglaterra, morreu de câncer em 1993. Essa foto era a favorita de sua carreira, ao longo da qual foi capitão da seleção por noventa vezes, incluindo o dia em que a Inglaterra ganhou a Copa.

Pelé, tricampeão do mundo e o jogador mais completo da história, ainda considera essa foto como um momento determinante de sua vida.

“Bobby Moore era meu amigo e o melhor zagueiro que enfrentei”, declarou ele quando o inglês morreu. “O mundo perdeu um de seus melhores jogadores e um cavalheiro muito honrado.”

E agora o mundo perdeu o terceiro homem para quem essa imagem tinha grande significado.

John Varley, o fotógrafo, morreu em sua cidade natal, Yorkshire, no norte da Inglaterra. Varley, que tinha 76 anos, era um fotojornalista com um olhar sensível para o que estava além do noticiário.

Seu jornal, o *Daily Mirror* de Londres, enviou-o a guerras e a desastres naturais. E ele exerceu bem sua função. Numa época em que não havia câmeras digitais ou foco automático, ele tinha o que outros fotógrafos descreveram como um instinto para estar onde as coisas podiam acontecer, e paciência para esperar o momento crucial.

O abraço entre Moore e Pelé foi um desses momentos. Olhe de novo para a foto. Volte em pensamento para 1970, quando os jogadores estrangeiros na liga inglesa – ou em qualquer outra – eram raros.

Na época, havia desconfiança em relação aos jogadores negros, algo ridículo quando se considera que Pelé era uma estrela mundial desde 1958. Isso se baseava na crença de que os não brancos careciam de vigor e de força física.

Essa foto ajudou a quebrar o preconceito. O encontro entre o inglês loiro de olhos azuis e o maior jogador da época, Pelé, ambos sem camisa, transcendia aquele absurdo.

Para tirar o retrato, Varley aproveitara uma folga de seu trabalho normal.

O contrato permitia férias a cada quatro anos, e Varley usou-as para assistir às Copas de 1966 até 1982.

Conheci-o nos últimos anos dessas empreitadas. Ele era um companheiro de viagem calado, tinha um senso de humor esquisito e, como muitos fotógrafos da época, era discreto.

Há quarenta anos, não era possível fazer fortuna como fotógrafo esportivo. O trabalho de Varley ganhou reconhecimento através da foto de um policial, com água até a cintura, salvando um bebê de uma enchente num vale inglês.

Ele tirou fotos memoráveis de crianças sofrendo durante a Guerra de Biafra – a guerra civil da Nigéria – e também o retrato simbólico de uma igreja cercada de arame farpado no violento bairro de Ardoyne, em Belfast, durante o conflito na Irlanda do Norte.

E, voltando aos esportes, foi retratar os bastidores de uma luta de boxe e tirou um instantâneo angustiante do derrotado Richard Dunn, a cabeça no chão do chuveiro.

Ao saber da morte de Varley, telefonei para um fotógrafo americano, na Califórnia. “Eu tenho essa foto de Moore e Pelé”, ele disse. “Sempre gostei dela, mas nunca soube quem era o fotógrafo.”

Típico. O homem por trás da câmera é geralmente anônimo, mesmo entre seus próprios colegas. Mas o que seria dos cadernos de esportes dos jornais sem homens como John Varley?

Texto 9

A solidão do juiz | Piauí 50 | *Questões Filosófico-Futebolísticas* | Novembro de 2010 |

Por Jonathan Crowe

Ser-para-si sartriano, o árbitro precisa assumir o seu lugar no campo para ter uma vida autêntica

Os juízes de futebol compõem um grupo variado, mas existem vários tipos familiares a torcedores e jogadores. Há o rigoroso, que sempre aplica a letra da lei. Há o vacilante, que foge das decisões difíceis, leva o apito à boca com frequência, mas raramente aponta uma falta. Existe o jogador frustrado, que se envolve mais do que deveria e aplaude a boa jogada como um torcedor. Há também o afetado, que parece atuar no papel de juiz: sua postura é um pouco aprumada demais, seus gestos, excessivamente ensaiados. Temos, por fim, o carteiro, que distribui cartões amarelos e vermelhos por qualquer coisa, e o durão, que desafia os jogadores e incita o enfrentamento.

As ideias necessárias para compreender esses diferentes estilos de arbitragem podem ser encontradas, felizmente, nos escritos do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre. Ele foi um estudioso fervoroso do futebol e dedicou um trecho longo e complexo da *Crítica da Razão Dialética* às interações entre jogadores. Como ele observa sabiamente: “Em um jogo de futebol, tudo é complicado pela presença do outro time.” No entanto, são nas obras anteriores de Sartre, *O Ser e o Nada* e *O Existencialismo é um Humanismo*, que encontramos sua teoria da arbitragem.

A primeira lição que podemos extrair dos escritos de Sartre diz respeito à natureza existencialmente desafiadora do juiz. Ele é constantemente chamado a fazer escolhas que

podem alterar radicalmente o curso de uma partida. Times podem se tornar campeões ou serem rebaixados, craques podem ganhar a Chuteira de Ouro ou ser suspensos das finais por causa de um único cartão. O árbitro tem liberdade total para escolher o que fazer. Se a bola acerta o braço de um jogador dentro da grande área, o juiz é o único com o poder de levar o apito à boca e parar a partida. O bandeirinha pode sinalizar, os jogadores podem reclamar e a multidão pode rugir, mas em última análise tudo depende do juiz. Este é o momento da decisão, quando o destino do jogo pousa sobre os ombros do árbitro.

O resultado de todo um campeonato pode depender daquele momento. Nenhum torcedor australiano, por exemplo, esquecerá o episódio da Copa de 2006, quando, com o jogo empatado em 0 a 0 aos 47 minutos do segundo tempo, o lateral-esquerdo italiano Fabio Grosso caiu sobre as pernas estendidas do zagueiro da Austrália Lucas Neill. A decisão do juiz de marcar um pênalti para a Itália definiu o rumo do jogo: a Itália seguiu em frente e levantou a Taça do Mundo, enquanto a Austrália voltou para casa.

O momento da decisão desempenha um papel central na filosofia de Sartre. Ele o apresenta como o traço definidor da experiência humana. Em *O Ser e o Nada*, Sartre estabelece uma distinção entre dois modos básicos de existência: o ser-em-si e o ser-para-si. O primeiro é um objeto não consciente, que pode ser definido em termos de uma essência ou função predeterminada. Objetos inanimados, tais como livros e bolas de futebol, estão nessa categoria. O ser-para-si, ao contrário, é um agente ou pessoa consciente capaz de perceber e refletir sobre o mundo ao seu redor. Sartre sugere que, longe de possuir uma essência predeterminada, ele é permanentemente assombrado pela possibilidade do “nada” ou da negação. Em outras palavras, o ser-para-si é forçado a enfrentar continuamente a possibilidade de que as coisas possam ser diferentes do que são.

Em 1928, quando fez o exame final na École Normale Supérieure, em Paris, Sartre resolveu escrever um trabalho sobre o tema da contingência. Foi um fracasso total e ele ficou em último lugar numa turma de cinquenta alunos (Sartre disse ter fracassado porque tentou ser muito original; outros sugeriram que foi porque ele passava mais tempo bebendo e andando atrás de mulheres do que estudando). Em 1929, fez o exame novamente e foi o primeiro da turma. A questão da contingência se tornaria fundamental em sua filosofia.

Em nossa vida cotidiana, sustenta o filósofo, nos envolvemos constantemente em indagações sobre o mundo que nos rodeia: perguntas sobre a existência de Deus ou sobre

onde largamos as chaves do carro colocam certos aspectos de nossa existência em xeque. Uma vez que a resposta a essas questões seja negativa, parece-nos que nosso lugar no mundo não é necessário, mas contingencial.

Segundo Sartre, o sentimento de contingência permeia a experiência humana da escolha. Por mais certeza que tenhamos sobre uma determinada decisão, temos consciência, não obstante, de que outra alternativa seria possível. Uma vez que cada caminho está cheio de possibilidades, parece que não podemos deixar de aceitar a responsabilidade sobre nossas escolhas. Sartre argumenta que esse sentimento de responsabilidade inescapável tende a provocar angústia.

Imagine que está caminhando por uma trilha estreita na beira de uma montanha. Você está permanentemente consciente da importância de pisar com cuidado. Ao mesmo tempo, também está ciente de que, apesar do cuidado e da atenção, seria muito fácil se jogar no precipício. Sartre mostra que a existência humana está cheia desses momentos que podem potencialmente alterar a vida. No espaço de um instante, seria possível jogar seu carro na contramão ou fazer um comentário que afastaria para sempre uma pessoa querida.

Para Sartre, a vida humana envolve uma inevitável percepção dupla. Em primeiro lugar, as possibilidades de alternativas presentes na minha experiência de escolha me revelam que sou livre. Simultaneamente, também estou consciente de que sou responsável, uma vez que sou confrontado com a aparente ausência de restrições a exercícios potenciais, significativos da minha liberdade. Independente de eu caminhar calmamente ao longo da beirada ou de me jogar de cabeça no abismo, a decisão cabe somente a mim.

Voltemos ao momento da decisão. A bola atinge o braço de um jogador na grande área. O árbitro precisa decidir se deve apitar a falta. Nesse momento, ele é livre e responsável: como ninguém pode lhe dizer qual decisão tomar, a responsabilidade pelo resultado recai unicamente sobre seus ombros. Essa posição de poder provoca naturalmente angústia, no sentido sartriano do termo.

Muitos juízes não conseguem dormir à noite, ruminando os detalhes do que aconteceu em campo e se perguntando se tomaram a decisão certa. Às vezes, a resposta será clara. Em outras, independente do esforço para se lembrar de detalhes da partida, não se saberá de maneira definitiva qual deveria ter sido a escolha correta. Esse tipo de situação sublinha a

contingência do papel do juiz: muitas vezes, não há ponto de referência que possa revelar se uma determinada opção foi a certa ou a errada.

Até mesmo os melhores árbitros sentem que a pressão sobre eles é excessiva. É o caso do respeitado juiz sueco Anders Frisk, que aposentou o apito após receber ameaças de morte de torcedores do Chelsea por sua atuação num jogo, em 2005, contra o Barcelona. Ou do suíço Urs Meier, que passou a andar com seguranças para se proteger dos torcedores ingleses descontentes com sua decisão de anular um gol de Sol Campbell contra Portugal, na Eurocopa de 2004.

Isso para não mencionar o árbitro norueguês Henning Ovrebo, rotulado pelo atacante Didier Drogba, do Chelsea, como “desgraçado da porra”, por recusar uma série de pedidos de pênaltis na semifinal da Liga dos Campeões de 2009, mais uma vez contra o Barcelona. Trata-se de um juiz corajoso, capaz de enfrentar essas circunstâncias e admitir ser somente dele a responsabilidade última por suas decisões.

Em um nível mais prosaico, centenas de árbitros amadores desistem da função a cada temporada, em virtude das pressões sofridas durante campeonatos locais. Não é só o perigo de um torcedor descontente tentar esmurra-lo no estacionamento depois do jogo. (Ou, efetivamente, jogar um pacote de chips em sua cara, como aconteceu comigo em uma ocasião. “Ei, juiz, você gostaria de umas fritas?”) Num nível mais profundo, é a angústia existencial de ser o único que pode responder pelas muitas decisões cruciais tomadas no decurso de um jogo. É solitário estar lá no meio do campo. Por mais conselhos que um juiz possa receber dos fiscais de linha, no momento da decisão ele está sozinho.

Sartre argumenta que, para viver uma existência autêntica, os seres humanos devem abraçar o sentimento simultâneo de liberdade e responsabilidade que está no cerne de suas vidas. Eles devem reconhecer que o tipo de pessoa que vêm a ser, longe de ser ditado por forças externas, é resultado da vida que decidem levar. Para o ser-para-si, na famosa definição de Sartre em *O Existencialismo é um Humanismo*, “a existência precede a essência”. Nossas características pessoais não são necessárias ou fixas, mas fruto de nossas escolhas.

Uma pessoa, ao contrário de um objeto, como uma cadeira ou um copo de cerveja, não nasce com um conjunto predeterminado de características definidoras. Não nascemos honestos, covardes, fiéis, ou não confiáveis. Esses traços de caráter são, e só podem ser, uma função do modo como a pessoa escolhe viver. Uma vida autêntica envolve assumir

responsabilidade por nosso caráter e reconhecer a capacidade de mudar aquele que viemos a ser. É somente quando morremos que esse projeto de autocriação acaba.

Viver uma vida autêntica é um desafio. É tentador esquivar-se da responsabilidade por nossas escolhas, atribuindo-a a aspectos inatos de nosso caráter ou a forças externas avassaladoras. Sartre descreve esse tipo de atitude como formas de má-fé. Qualquer tentativa de negar a nossa capacidade de moldar nossas vidas por meio de nossas escolhas é uma forma de autoengano, “uma mentira para si mesmo”.

As diferentes personae da arbitragem – o rigoroso, o vacilante, o jogador frustrado, o afetado, o carteiro e o durão – podem ser entendidas como tentativas de lidar com a pressão existencial do papel de juiz. Vimos que a responsabilidade por decidir soprar ou não o apito cabe somente a ele. Não é de se admirar que seja tentador aos juízes se esquivar de uma parcela da responsabilidade, quer adiando suas escolhas ou procurando uma autoridade externa para justificá-las.

O tipo rigoroso, por exemplo, procura amenizar a responsabilidade pessoal por suas decisões se apegando de maneira estrita às leis do jogo, independentemente do contexto. As camisetas devem estar por dentro dos calções e os meiões puxados para cima. Os laterais devem ser cobrados no ponto exato em que a bola saiu do campo. E infrações menores, como empurrões e puxadas de camisa sempre requerem uma falta, sem levar em conta o impacto sobre o fluxo do jogo.

Essa abordagem da arbitragem lembra as críticas de Sartre às concepções que identificam a ação virtuosa com a adesão a um código moral rígido. O problema com esse tipo de perspectiva moral é que estimula as pessoas a não assumirem a responsabilidade por suas ações. As pessoas confiam no código para dizer-lhes o que fazer, em vez de enfrentar cada situação e fazer suas próprias escolhas.

Em *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre ilustra esse problema com a história de um estudante que o procurou para pedir conselhos. Durante a ocupação alemã, o rapaz hesitava entre aderir às Forças Francesas Livres na Inglaterra ou ficar na França para cuidar da mãe idosa. Ele achava as duas opções moralmente atraentes, mas por razões distintas. Partir para a Inglaterra lhe permitiria defender seu país e seus ideais, mas cuidar da mãe lhe parecia importante em um nível mais pessoal.

Depois de analisar a situação do aluno, Sartre respondeu com o que deve ter parecido uma colocação inútil: “Você é livre, então escolha.” Seu argumento não era que nunca pode haver uma resposta certa para uma questão moral, mas que, nesse caso, o aluno não poderia resolver seu dilema referindo-se a uma fórmula abstrata. Em vez disso, tinha diante de si uma disputa entre dois ideais que lhe eram caros: a única maneira de enfrentar a situação era fazer uma escolha e aceitar a responsabilidade pelas consequências.

Sartre observa que, quando pedem conselhos sobre uma decisão moral difícil, as pessoas muitas vezes já decidiram o que fazer. Suspeita que o estudante já fizera sua opção, mas queria diminuir a culpa pessoal obtendo a aprovação do professor. Se o aluno quisesse ficar com a mãe, observa Sartre, ele teria procurado o conselho de alguém como um padre conservador.

Uma situação semelhante se aplica ao tipo rigoroso. O fato de ele se ater às regras do jogo não o exime de se posicionar. As regras são vagas: elas precisam de alguém que as interprete e aplique. De acordo com a regra doze, por exemplo, atos como empurrar devem ser penalizados se o árbitro considerar que foram cometidos de uma maneira “imprudente, temerária ou com uso de uma força excessiva”. Esse tipo de norma é inerentemente passível de interpretação. O rigoroso tem tanto arbítrio quanto qualquer outro juiz, mas tenta disfarçar isso citando permanentemente as regras.

Não são apenas os juízes que se escondem por trás das normas escritas quando tomam uma decisão difícil ou impopular. Patrões e burocratas, policiais e juízes, fazem-no com frequência. De acordo com Sartre, essa recusa em aceitar a responsabilidade por suas decisões é uma forma de má-fé. Regras e políticas podem estabelecer diretrizes para as nossas ações, mas elas não determinam e nem podem determinar nossas escolhas. Cabe somente a nós, como agentes livres e responsáveis, fazer isso.

Há um tipo de árbitro ainda mais insultado por torcedores e jogadores: o vacilante, que leva habitualmente o apito à boca, mas raras vezes o aciona. A resposta do vacilante à pressão é evitar apitar. Pensa que, se não apitar, talvez ninguém note a falta. Dessa forma, pode evitar as críticas por assumir uma posição.

A estratégia do vacilante é adiar o momento da decisão pelo maior tempo possível. Sartre discute um exemplo semelhante de má-fé em *O Ser e o Nada*. O caso diz respeito ao que se passa com uma mulher num primeiro encontro. O homem flerta com ela a noite inteira,

fazendo comentários do tipo “Acho você tão atraente!”. Porém, a mulher opta por interpretá-los como elogios à sua personalidade, e não a seus atributos físicos.

Por fim, o homem pega na mão dela. Este é o momento da decisão, quando ela deve escolher se vai retribuir aos avanços ou não. A mulher, no entanto, não quer reagir, pois teria de ferir os sentimentos do candidato ou admitir a reciprocidade da atração. Ela então simplesmente deixa a mão lá – como uma “coisa”, nas palavras de Sartre – fingindo não perceber. Sua reação é ignorar a situação e esperar que ela acabe. De acordo com Sartre, ela age de má-fé, presa em uma mentira para si mesma.

O jogador frustrado procura escapar do peso de seus atos de maneira diferente, simulando a conduta de um torcedor ou jogador. Ele segue o jogo como um espectador, nunca perdendo a chance de aplaudir uma boa defesa ou felicitar um atacante por um belo gol. Esse tipo de árbitro quer ser um dos jogadores e tenta convencê-los de que está do lado deles. Os jogadores não querem um juiz amigo. Querem alguém que assuma a responsabilidade por seu papel no jogo.

Estratégia semelhante é usada pelo afetado, que parece empenhado demais em exibir um gestual extremamente correto. Até mesmo na infração mais insignificante, o afetado corre até o jogador envolvido, sopra seu apito de forma dramática e aponta violentamente para a direção da cobrança de falta. Ele ensaia seus sinais antes de cada jogo e gasta mais tempo na frente do espelho do que o Cristiano Ronaldo.

Em *O Ser e o Nada*, Sartre dá o exemplo famoso de um garçom num café que tenta assumir seu papel de uma maneira afetada. Como diz Sartre, “seu movimento é rápido e para a frente, um pouco preciso demais, um pouco rápido demais”. Ele aborda os clientes com uma eficiência exagerada, inclina-se com ansiedade excessiva e mostra demasiado interesse pelos pedidos.

No exemplo de Sartre, o garçom aspira exercer seu papel de uma maneira em que cada ato pareça necessário e inevitável. Ele deseja ser um garçom, da mesma forma como uma mesa é uma mesa ou um copo é um copo. Assim, o jogador frustrado e o afetado procuram aliviar o fardo de seu dever mediante a criação de papéis artificiais. O primeiro finge ser um jogador ou torcedor, a fim de adiar o momento em que deve enfrentar seu dever. O outro, ao contrário, finge ser um juiz. Ele procura evitar o confronto com a contingência de sua posição, reduzindo-a à interpretação de um papel. Todas as ações são executadas porque está atuando

como um juiz, e não porque assumiu sua responsabilidade e decidiu qual a melhor reação no caso em pauta.

Por fim, temos o carteiro, que distribui cartões amarelos e vermelhos ao menor delito, e o durão, que encara os jogadores e provoca deliberadamente o confronto. Esses árbitros imaginam que são Clint Eastwood em *Dirty Harry*: “Você acha que tem sorte, seu vagabundo?” (Claro, um cartão amarelo não é tão impressionante quanto uma Magnum .44.)

O carteiro e o durão têm consciência da contingência de suas decisões. Eles compensam o fato realçando seu poder sobre os jogadores. Em vez de titubear, como o vacilante, ou ser pouco sincero, como o jogador frustrado ou o afetado, esses árbitros são beligerantes. Sua atitude diz: este é o meu jeito de apitar, e é melhor que você aprenda a gostar dele. Passam o jogo esperando por um pênalti ou uma grita geral, para que possam mostrar aos jogadores que não estão ali para brincadeira.

A hipocrisia subjacente a essa atitude é capturada em outro dos exemplos de Sartre de *O Ser e o Nada*. Suponha que uma pessoa que se comportou mal diga: “Me desculpe, eu sou apenas uma pessoa má.” Essa confissão é para ser aplaudida? Sartre não pensa assim. Esse pretense “campeão da sinceridade” parece estar confessando seus defeitos, mas na verdade tenta evitar a responsabilidade por seu comportamento. Seu comentário de que é “uma pessoa má” trata seu caráter como imutável, como se tivesse nascido mau e não pudesse fazer nada a respeito. Ao mesmo tempo, ele tenta se valorizar diante dos outros sendo sincero sobre seus próprios defeitos. Procura transformar sua má conduta em um emblema de honra.

De forma parecida, o carteiro e o durão dizem aos jogadores: “Este é o tipo de juiz que sou, e é melhor lembrar-se disso antes de se meterem comigo.” Em vez de assumir a responsabilidade por suas decisões, eles se comportam como se suas reações fossem determinadas por seu caráter. Com a reputação de rigorosos reconhecida, ficam cada vez mais preocupados em estar à altura do papel. A fama funciona como desculpa para justificar decisões duras: os jogadores sabem que eles são assim e, portanto, é culpa deles se provocam uma reação.

Qual é, então, o estilo ideal de arbitragem, que evita as várias armadilhas existenciais que Sartre descreve? Repete-se que os melhores árbitros são aqueles que fazem seu trabalho sem interromper o fluxo natural do jogo. Isso sugere um ideal do árbitro autêntico, que aceita

a responsabilidade por suas decisões, sem exagerar sua autoridade ou negar a natureza contingente de sua posição.

O juiz autêntico dá o melhor de si para apitar bem, mas não finge que a situação é definitiva a ponto de não haver interpelações. Ele é confiante o suficiente para admitir ser possível haver mais do que uma visão de um incidente, e que outros podem ter chegado a uma conclusão diferente. No final, porém, é responsabilidade sua controlar o jogo, e ele enfrenta a situação quando é necessário tomar uma decisão.

Um incidente que envolveu Pierluigi Collina, talvez o maior árbitro de todos os tempos, ilustra o que quero dizer. Em 1997, quando apitava um jogo da Série A entre a Internazionale de Milão e a Juventus, Collina validou um gol da Inter. Embora o artilheiro parecesse impedido, o bandeirinha não marcou a infração. Quando os jogadores da Juventus correram até o auxiliar para reclamar, ele explicou que, embora o atacante estivesse em posição de impedimento, a bola fora tocada para ele por um defensor.

Collina ouviu a explicação, mas achou que estava errada: de onde estava, parecia claro que o passe viera de outro atacante. Àquela altura, os jogadores da Inter já haviam comemorado o gol e estavam de volta ao seu campo à espera do reinício do jogo. Collina tinha diante de si uma escolha difícil: poderia prosseguir com a partida, embora achasse que a decisão estava errada, ou poderia voltar atrás e anular o gol, situação que faria o estádio vir abaixo.

Sabe-se o que alguns árbitros fariam. O vacilante tomaria o caminho da menor resistência, dando continuidade ao jogo e esperando que ninguém tivesse percebido. O rigoroso voltaria atrás e não toleraria discussão, citando a letra da lei. O durão adoraria o confronto, encararia os jogadores da Inter e os desafiaria a reagir. Tal como o rigoroso, o durão apresentaria sua decisão como se fosse a única solução possível, ignorando a ambiguidade da situação.

Collina sabia o que tinha visto. Ele também sabia que o bandeirinha tinha uma opinião diferente. Mas a responsabilidade de apitar era sua. Decidiu anular o gol, e o que fez em seguida mostra sua qualidade como árbitro. Ele chamou o capitão da Inter e explicou as razões de sua decisão. Depois, correu até o banco do time e explicou sua atitude mais uma vez. Não estava em busca de um confronto, queria que os jogadores e dirigentes entendessem

por que ele voltara atrás. No final, Roy Hodgson, o técnico da Inter, apertou a mão de Collina e disse: “Tudo bem.” Percebeu que Collina dava o melhor de si numa situação difícil.

Em *O Ser e o Nada*, Sartre observa que os amantes retratam frequentemente seu amor como sendo necessário, em vez de contingente: falam sobre almas gêmeas, “feitos um para o outro”, “unidos pelo destino”, e assim por diante. A realidade, tal como Sartre a vê, é mais ambígua e, no fim das contas, bem mais romântica: cada um de nós tem muitos parceiros potenciais, e se acabamos ficando com uma pessoa, é porque nós a escolhemos em relação aos outros. Sartre descreve o amor que abraça sua natureza contingente, em vez de procurar superá-la, como “amor no mundo”. Para enfrentar a ideia de amor no mundo, é preciso que assumamos a responsabilidade por nossos relacionamentos, em vez de simplesmente apresentá-los como predeterminados ou predestinados.

Da mesma forma, o árbitro autêntico pratica a “arbitragem no mundo”, sem se esquivar da responsabilidade, nem fingir ser algo que não é. Ele decide, mas não é intransigente. Apita o que vê, o melhor que pode quando tem que decidir o que é correto. Se necessário, gasta tempo para explicar suas razões aos que foram afetados pela atitude. Sabe que nem sempre acertará, e outros terão invariavelmente uma visão diferente. Não obstante, assume a responsabilidade por suas decisões, dizendo: isto é o que eu escolhi.

Texto 10

Sardinha forever | *Piauí* 51 | *Esquina* | Dezembro de 2010 | Por Fernando Cassaro

O torcedor símbolo da Portuguesa

Em noite de temperatura agradável, a equipe da Portuguesa perdia em casa um jogo fácil contra o Brasiense quando, aos 32 minutos do primeiro tempo, apagaram-se os refletores do estádio do Canindé. Com a partida interrompida, o lustrador de móveis aposentado Leonardo Garcia, de 73 anos, foi para trás do banco de reservas da Lusa. Ali, por exatos sete minutos, ofendeu a mãe de cada jogador, duvidou da orientação sexual de alguns, pediu mais raça e concluiu com a seguinte exortação: “Se vocês perderem esse jogo, nem me apareçam no reino amanhã. Eu vou quebrar a cara de cada um.”

A Portuguesa virou o jogo e venceu por 3 a 1. “Você não viu? Só começaram a jogar bola depois que imprensei eles na parede.” Leonardo Garcia, majoritariamente conhecido como Sardinha, não tem dúvida de que cumpriu seu dever.

Com uma surrada calça bege afivelada na altura do umbigo e uma indefectível camisa azul-bebê, ele é presença certa nos jogos do time desde a década de 50. No Canindé, destaca-se pelo seu método pouco ortodoxo de acompanhar as partidas: passa o jogo inteiro na beira do alambrado, correndo de um lado para outro em marcação cerrada sobre o bandeirinha que vigia o ataque da Portuguesa (Sardinha muda de lado no segundo tempo). Enquanto isso, palavrões de toda estirpe vão saltando de sua garganta e se transformando numa discreta babinha branca no canto do lábio.

Não importa o placar, não importa se as marcações estão certas ou erradas: Sardinha não muda o seu balé. “Se eu chego no Canindé e olho para ele, não consigo saber se o time está vencendo ou perdendo por 4 a 0”, diz o maestro João Carlos Martins, de 70 anos, grande intérprete de Bach e ilustre torcedor da Portuguesa. “Ele é um símbolo nosso. Pudera todo time contar com torcedores como ele!”

O romance de Sardinha com a Associação Portuguesa de Desportos teve início em 1951, quando ele tinha 14 anos. O garoto se apaixonou numa fase áurea da equipe. A Lusa conquistou dois torneios Rio-São Paulo (em 52 e 55) e por três vezes (51, 53 e 54) recebeu a Fita Azul, condecoração oferecida pela CBD, a Confederação Brasileira de Desportos, antecessora da atual CBF, aos clubes que representavam bem o Brasil em partidas no exterior. “Era Muca; Nena e Noronha; Djalma Santos, Brandãozinho e Ceci; Julinho, Renato, Nininho, Pinga e Simão” – recitada por Sardinha, a escalação da época soa como um mantra.

Leonardo Garcia mora com uma irmã no bairro do Sacomã, na Zona Sul de São Paulo, depois de se frustrar com dois casamentos, em parte por causa do regime de dedicação absoluta à Portuguesa. Não tem filhos. Quando não está no Canindé, gosta de jogar truco e dominó com os amigos: “Mas nada a dinheiro. Já vi muita gente se endividar feio assim.” Receoso da violência de torcidas adversárias e por medo de ser sequestrado (vá lá saber...), não usa mais a camisa rubro-verde do clube, não dá o endereço a ninguém e, quando é descoberto por algum torcedor lusitano em suas caminhadas na Praia Grande, no litoral paulista, finge que não é com ele.

Não se lembra de quando começaram a chamá-lo de Sardinha, mas, pelo que lhe consta, o apelido pertencia a outro torcedor que adotava um *modus operandi* semelhante ao seu. Com a morte do primeiro Sardinha, o apelido foi herdado por seu Leonardo, que não gosta muito da alcunha. Ainda assim, está pretendendo registrá-la e concorrer à Câmara de Vereadores de São Paulo em 2012. “Vou fazer como o Tiririca. Quero lutar pelos direitos da Portuguesa.”

Direitos que, segundo ele, raramente foram respeitados ao longo de 90 anos de história do clube. Com o texto e a raiva na ponta da língua, ele nomeia os dois maiores vilões da história lusitana no Brasil: os árbitros Armando Marques e Javier Castrilli. Calhordas imensos, ímpios titânicos. O primeiro teria deixado de marcar um pênalti em Cabinho na decisão do Campeonato Paulista de 1973, falha que levou a decisão para a cobrança de pênaltis – seguindo-se, então, o famoso erro de contagem que obrigou a Lusa a dividir o título com o Santos. Já o argentino Castrilli marcou nas semifinais do Campeonato Paulista de 1998 um pênalti inexistente para a equipe do Corinthians. Cobrança convertida, eis que a Portuguesa estava fora da decisão do torneio. Sardinha não tem dúvida: “Ninguém quer ver a Portuguesa campeã. Eles fazem de tudo para impedir.”

O escritor Jorge Caldeira, de 54 anos, também costuma bater ponto no Canindé. Lá pelos idos de 90, ele começou a notar a desenvoltura daquele senhor que se esfalfava no alambrado. “O dna desse tipo de torcedor desapareceu. Ele é uma figura em extinção”, afirma. Seu livro *Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado* é dedicado ao bravo Sardinha.

A vida de dedicação à Portuguesa inspira outras manifestações de respeito e admiração. Alguns torcedores pedem um busto de Sardinha na porta do Canindé. Outros, mais exagerados, querem que ele assuma a presidência do clube, ideia que não agrada ao próprio. Uma comunidade do Orkut, com 696 membros, faz homenagens e denúncias de toda sorte, no melhor estilo Sardinha de ser. Também já se cogitou confeccionar um bandeirão em sua honra.

Sardinha foi condecorado com uma medalha pelo clube, pela grande ajuda que deu na construção das arquibancadas do Canindé. Não só contribuiu com 500 cruzeiros, mas pôs a mão na massa para transformar as instalações de madeira em 21 mil assentos de concreto. A obra foi dada por concluída em 1981, com a entrega dos refletores. “A maioria dos portugueses fica em casa ouvindo jogo pelo radinho. Se fossem 21 mil Sardinhas, seria outra

coisa.” Ele é filho de espanhóis, mas seu fervoroso casamento de 59 anos com a Lusa lhe dá o direito de falar umas verdades sobre os patrícios.